



SAMANTHA GEIMER

A MENINA

UMA VIDA
À
SOMBRA DE
ROMAN POLANSKI



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Tradução para a Língua Portuguesa copyright © 2013 Texto Editores Ltda.

Título original: *The girl: a life in the shadow of Roman Polanski*

Copyright © 2013 by Samantha Geimer

Posfácio copyright © 2013 by Lawrence Silver

Todos os direitos reservados.

Publicado em acordo com a editora original, Atria Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Tainã Bispo

Produtoras editoriais: Fernanda S. Ohosaku, Renata Alves e Maitê Zickuhr

Preparação: Karla Lima

Revisão: Maitê Zickuhr

Diagramação: HiDesign Estúdio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Geimer, Samantha

A menina: uma vida à sombra de Roman Polanski / Samantha Geimer; tradução de Márcia Blasques. – São Paulo : LeYa, 2013.

ISBN 9788580449204

Título original: *The Girl – A life in a shadow of Roman Polanski*

1. Biografia 2. Cinema 3. Polanski, Romanm 1933–
13-0909. CDD: 920.93641532

Índices para catálogo sistemático:

1. biografia

2013

TEXTO EDITORES LTDA.

Uma editora do Grupo LeYa

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP

www.leya.com.br

*Veja bem, Sr. Gittes, a maioria dos homens nunca terá
de encarar o fato de que, na hora certa, no lugar
certo... É capaz de qualquer coisa.*

— JOHN HUSTON PARA JACK NICHOLSON EM *CHINATOWN*, DE ROMAN
POLANSKI

PREFÁCIO

Não. Nem ferrando. Não posso passar por isso novamente.

Vinte e sete de setembro de 2009, Estes Park, Colorado. O ar frio, a neve no alto das montanhas, as folhas cor de canela e douradas – tão diferentes da monotonia gloriosa de nosso clima havaiano. Meu marido e eu estávamos no continente, no meio de férias por muito tempo planejadas – celebrando aniversários de família, pescando trutas, observando a rotina dos alces. Sentíamos particularmente festivos. Às seis da manhã, Dave deixou nosso hotel para pescar.

Voltei contente para a cama. Às 8h15 o telefone tocou.

Era minha amiga Dawn. Ela sempre cuidava de mim.

– Preciso contar uma coisa, e você tem de acordar e ficar pronta – ela disse. Despertei imediatamente. Sabia que algo ruim tinha acontecido com ela. Preparei-me.

– Roman Polanski foi preso.

Ah, Deus. Não eram más notícias dela. Eram más notícias minhas.

– Sam? Ouviu o que eu disse?

Quando fico chateada, eu xingo. Não consigo evitar. Torno-me um garoto de 14 anos.

– Merda, merda, merda, merda. *Mas que porra.*

– Eles o prenderam na Suíça – Dawn prosseguiu. – Acabo de ouvir a notícia.

Enjoo, pânico. Preciso da minha família. Preciso da minha mãe. Preciso de um Xanax.

A CNN trazia a história:

O diretor de cinema vencedor do Oscar, Roman Polanski, foi detido na Suíça em função de um mandado de prisão de

décadas atrás, decorrente de uma acusação de crime sexual na Califórnia, disse a polícia suíça neste domingo.

Polanski, 76, foi levado em custódia ao tentar entrar na Suíça no sábado, afirmou a polícia de Zurique. Um porta-voz do Ministério da Justiça suíço disse que Polanski foi preso ao chegar ao aeroporto.

Ele vivia na França havia décadas, para evitar a prisão caso entrasse nos Estados Unidos, e declinou do convite de comparecer para receber o Oscar de Melhor Diretor por "O Pianista", em 2003.

Em 1977, o diretor se declarou culpado de "relação sexual ilegal" com uma menor de idade, reconhecendo ter feito sexo com uma menina de 13 anos de idade. Mas fugiu dos Estados Unidos antes de ser sentenciado, e autoridades norte-americanas têm um mandado para sua prisão desde 1978.

Aqui está um problema: a notícia não mencionava a insanidade que precedeu a fuga – o juiz egocêntrico, a irresponsável incerteza quanto à sentença, o caso sendo debatido não na corte, mas na mídia.

E aqui está outro problema: a prisão de Roman Polanski era, de certo modo, minha prisão. Porque eu sou aquela menina de 13 anos.

Ah, pelo amor de Deus, essa é uma história tão antiga, você poderia dizer. Afinal, estamos em 2013: ele tem 80 anos; eu, 50. Ele é um dos diretores mais celebrados no mundo. Eu tenho um marido excelente, filhos ótimos, uma vida boa. O que os problemas dele, a esta altura do campeonato, têm a ver comigo?

Bem, nada. E tudo.

Dizer que o caso de estupro de Roman Polanski foi um circo é um exagero apenas moderado. Para a mídia, não houve nada igual à arrebatadora combinação de sexo, celebridade e depravação até o julgamento de O. J. Simpson, em 1995. Simplesmente todo mundo que viveu ou leu sobre esse capítulo sórdido da história de Hollywood tinha uma opinião sobre o renomado diretor e a menina que ele foi acusado de drogar, estuprar e sodomizar – eu.

As opiniões sobre o caso Polanski seguiam mais ou menos esta linha: era um pedófilo malvado cujo poder permitiu que escapasse ao longo braço da lei. Ou: era um homem perturbado, cujo passado horrível não permitiu que avaliasse precisamente a diferença entre uma criança e uma jovem mulher. E a menina? Ela era uma inocente/vítima. Ou não: era uma lolita astuta. Ou, talvez, a opinião mais comum: ela estava relutante, mas por fim resolveu colaborar com as ambições loucas da mãe de artista mirim, que queria que sua garotinha fosse uma estrela.

Quem era o predador? Quem era a presa? Todos éramos suspeitos: Roman era um estuprador? Minha mãe tramara contra o diretor para chantageá-lo, usando a filha como isca? As discussões continuavam e continuavam. Talvez a única pessoa que viveu naquela época e não opinou de modo significativo sobre o crime e suas consequências foi... Eu. E é por isso que pensei que seria uma boa ideia contar minha história.

Mas esses pensamentos só me ocorreram alguns meses após a prisão de Polanski. Naquele dia, eu estava em um estado de espírito muito diferente. Estava pensando: adeus, paz. Olá, pesadelo da mídia. Porque eu sabia que sempre que Polanski estivesse no noticiário, eu também estaria.

Pergunte-se o seguinte: você gostaria que a coisa mais louca que aconteceu na sua adolescência fosse divulgada e, depois, dissecada uma vez e mais outra na televisão e na blogosfera?

Certo. Eu achei que não.

Liguei para casa e disse para meus filhos desligarem o telefone – já havia trinta mensagens apenas nas primeiras horas, e nos dias seguintes meu advogado, Lawrence Silver, seria inundado por muitas outras. Por mais que temesse qualquer momento em que Roman Polanski estivesse nos noticiários, nunca imaginei que o apetite por esta história levaria repórteres até Kauai. Até minha porta. Meus filhos se tornaram prisioneiros em nossa própria casa. Fotógrafos tinham tomado o espaço na frente de minha propriedade, sentados em seus carros, esperando e bebendo café requentado. Qual seria a aparência da Menina Estuprada agora? Estaria gorda, magra, bonita, enrugada? Imagine quanto meus

filhos, na época com 17, 21 e 27 anos, gostavam de pensar no porquê de a mãe deles estar recebendo aquela atenção. Ninguém gosta de pensar na mãe sendo beijada, que dirá em algo desse tipo.

Assim que soube disso, liguei para Dave:

– Desculpe, a pesca acabou. Temos problemas. Volte *agora*.

Liguei para minha mãe, que estava com minha tia na estrada.

– O que ele fez agora? – ela perguntou. Não lhe ocorrera que a prisão, trinta e dois anos mais tarde, podia ter alguma coisa a ver *comigo*.

Fomos para Denver e passamos a noite em um hotel próximo ao aeroporto. A prisão de Roman estava em todos os jornais e passando nas manchetes dos canais de notícias. Meu rosto estava em todos os televisores do bar do *lobby*.

– Todo mundo está olhando – Dave cochichou.

Estavam? Não sei. Talvez fosse imaginação dele. Fiquei com a cabeça baixa. Mas a mulher na recepção notou minha foto no jornal local e nos levou para um andar mais seguro. Fiquei muito grata àquele hotel, porque aquela seria a última vez que eu teria um pouco de paz pelas semanas seguintes.

No aeroporto havaiano, um punhado de fotógrafos esperava por nós. Como conseguiram saber em que voo eu estaria? Imagino que todas as companhias aéreas tenham informantes. Foi desconfortável, mas acabou logo. Ainda assim, Dave e eu não tínhamos escolha: eu não podia ir para casa e encarar os *paparazzi*. Naquela noite, dormimos no meu escritório. Alguns dias mais tarde, saiu um artigo que dizia que eu estava “claramente chateada e parecendo cansada e exaurida”. O mais correto seria exausta e furiosa.

Quando tive coragem de ir para casa, a maior parte dos paparazzi de tocaia tinha, de má vontade, desistido de acampar do lado de fora. Eu precisava reconhecer: meus filhos ajudaram. Monitoravam os carros estacionados na frente de casa e gritavam para pegar de surpresa qualquer fotógrafo que se aproximasse; meu filho Alex chegou a sair de casa e fotografar um deles sem parar, até que o paparazzo partiu. Além disso, meus filhos tinham

de desencorajar os amigos de confrontar os fotógrafos; tiveram de ser pacificadores, também.

Ao longo das semanas seguintes, receberíamos mais de duzentas ligações, quase todas da imprensa, sem contar as que chegavam ao escritório de Larry. Ao mesmo tempo, os primos do meu marido – parentes de sobrenome Geimer na Califórnia – enfrentavam pessoas batendo em suas portas. Geimer era um nome incomum, e os repórteres imaginavam que aquelas pessoas podiam ter alguma ideia de onde eu estava e o que estava fazendo. Provavelmente, na mente daquele pessoal da mídia, eu estava tendo terríveis *flashbacks* de décadas passadas. Eu estava – mas eram *flashbacks* horríveis deles, os repórteres.

Por que tudo aquilo tinha de acontecer agora? É verdade que os Estados Unidos buscavam a prisão e extradição de Polanski de qualquer parte do mundo desde 1978. Mas, naquele momento, não sabíamos de nada. Eu jamais imaginei que Polanski deixaria a França; não tinha ideia de que ele possuía um chalé na Suíça e que viajava, semiclandestino, para vários países. Naquele momento, tudo em que eu podia pensar era: “Por que ele fez algo tão estúpido? E por que tenho de passar por tudo isso – de novo?”

Liguei para meu advogado, Larry Silver, que disse:

– Não sei do que se trata. Não faça nada. Vou descobrir.

Alguma coisa, ou alguém, tinha reaberto antigas feridas. Talvez Steven Cooley, promotor distrital republicano de Los Angeles – que, não coincidentemente, estava concorrendo a procurador-geral do estado –, sentisse que deveria mostrar para todo mundo quem era o chefe, e forçar a resolução deste famoso caso não resolvido.

De repente me lembrei de quão desconfortável me senti por muitos anos na Califórnia, em geral, e em Los Angeles, em particular. Para muitos, a celebridade não era apenas importante: para certo segmento da população, era tudo. E, onde quer que uma celebridade estivesse envolvida, todas as emoções se potencializavam. Adulação, sim. Mas desforra também. Eu tinha essa sensação de que todo o sistema judicial estava dizendo para Polanski: *Você acha que é melhor do que nós? Bem, espere para ver.*

O propósito do sistema jurídico é punir criminosos, é claro, e havia muitas opiniões sobre o que isso significava para Polanski – ele já havia sido punido o suficiente pelo que fez? Ainda merecia ser responsabilizado? Ou será que a punição fora tão assombrosamente confusa que qualquer coisa a mais seria cruel e excepcional? E há outro propósito do sistema judicial: proteger as vítimas, e a sociedade, dos criminosos. Então, qual era o sentido em prender Polanski agora? A sociedade precisava ser protegida dele? Eu precisava?

Durante anos tive pesadelos com o lamaçal judiciário, a publicidade, os questionamentos na corte. Mas não acho que tenha sequer sonhado com Roman ou com aquela noite na casa de Jack Nicholson. Isso não significa que não foi terrível. Foi. Mas esse terror não me assombrou. Outros aspectos daquela época, sim. Quando Roman foi preso na Suíça, não foi exatamente um *déjà vu*, mas me lembrou da sensação de impotência que experimentei quando era uma menina de treze anos. Com o passar dos anos, parecia cada vez menos provável que Roman chegasse sequer a retornar aos Estados Unidos. Ele viveria e morreria como um diretor celebrado na França, onde era amado, e eu continuaria no anonimato do qual tanto gostava. E se ele chegasse a voltar, eu presumia que seria porque teria resolvido seus problemas legais e retornaria por vontade própria. Como ele podia ser preso novamente, trinta e dois anos mais tarde?

Em um piscar de olhos, tudo voltou praticamente ao jeito que era décadas antes. Roman estava em uma cela e eu estava sendo caçada pela imprensa. Era exatamente como naqueles anos, quando encontramos pela primeira vez o juiz Rittenband, o homem que supervisionou o caso: estávamos ligados novamente por um sistema jurídico que valorizava mais as manchetes que pudesse gerar do que os efeitos de suas ações nos indivíduos. Os direitos de Roman como réu, os meus direitos como vítima, estavam sendo pisoteados.

Enquanto o caso tramitava de novo pelos tribunais e velhas atrocidades eram revisitadas, meu advogado, Larry Silver, mais uma vez suplicou à corte que deixasse a história toda para lá.

“A vítima é mais uma vez a vítima” – ele escreveu. – “Todos afirmam que estão agindo para reivindicar justiça, mas Samantha não vê justiça. Todos insistem que ela lhes deve uma história, mas a história dela continua a ser triste.”

“Ela suporta esta vida porque um juiz corrupto compassivamente propiciou que Polanski fugisse. Não importa qual tenha sido o crime, ele tinha o direito de ser tratado com justiça; não foi. O dia em que Polanski fugiu foi um dia triste para a justiça norte-americana. Samantha não deve ser obrigada a pagar o preço disso. Ela vem pagando por um sistema judicial e processual falho.”

“Esta petição faz mais uma exigência, mais um pedido, mais um apelo: deixem-na em paz.”

• • •

Agora, entenda: não sou ingênua. Se alguém escreve um livro, não está pedindo para ser deixada em paz. Está convidando as pessoas a entrarem em sua vida. Sei disso. Seja bem-vindo.

Mas tenho um motivo. Muito tem sido escrito sobre o caso Polanski, mas nada foi escrito por mim, a pessoa no centro de tudo isso. Tantos anos se passaram; já é tempo. Tive muitos anos para ter raiva, para rir, para me assombrar com o que as pessoas dizem e por que dizem. De certo modo, quero retomar a posse de minha própria história daqueles que vêm comentando sobre ela, sem censura, por tanto tempo. Porque minha história não é puro horror. É louca e triste, mas, sim, em alguns momentos também é engraçada. Pode ter sido uma bagunça, às vezes, mas é minha bagunça e eu a estou tomando de volta.

Há, ainda – como nós, pais, dizemos –, um momento de aprendizado. Temos, neste país, o que penso ser uma Indústria da Vítima, uma indústria povoada por Nancy Grace, Dr. Phil, Gloria Allred¹ e todos aqueles que ganham dinheiro fabricando indignação. Tenho sido parte disso. Quando se passa anos lendo sobre si mesma nos jornais com o apelido de “Menina vítima de crime sexual”, você tem muita coisa a dizer sobre essa questão também. Mas, por enquanto, colocarei desta maneira: é errado

pedir que as pessoas se sintam vítimas, porque uma vez que elas se sentem assim, elas se sentem vítimas em todas as áreas de suas vidas.

Tomei uma decisão: eu não ia ser vítima de ninguém nem *para* ninguém. Nem de Roman, nem do estado da Califórnia, nem da mídia. Não ia ser definida pelo que dizem de mim ou pelo que esperam de mim. Ia contar minha história, minha verdade, pela perspectiva de mais ninguém, exceto a minha.

E foi o que fiz.

[1](#) Profissionais americanos que analisam comportamento humano em programas de TV.
(N. da E.)

PARTE UM

CAPÍTULO 1

Nasci Tami Sue Nye, em 31 de março de 1963, oito meses antes de o presidente Kennedy ser assassinado e o chão tremer um pouco sob todos nós. Não tenho lembranças de meu pai biológico, embora ele tenha ligado em casa uma vez, depois de beber. Sempre presumi que minha mãe decidiu mudar meu nome, em parte, para apagá-lo de sua vida. Depois descobri que não foi nada disso. Foi meu pai adotivo, Jack Gailey, quem quis a mudança. Garotas espertas não se chamavam Tami Sue. Meu pai queria uma garota esperta.

Somos de York, Pensilvânia, uma cidade industrial onde a população – em geral descendentes de Pennsylvania Dutch² – produz pavimentos, turbinas de água e Harley-Davidsons. A grama sintética foi inventada lá; é onde os halteres York são produzidos e onde o *Hall* da Fama do Halterofilismo dos Estados Unidos tem seu quartel-general. As pessoas que nascem em York normalmente morrem em York.

Em uma cidade na qual Ozzie e Harriet³ eram os porta-estandartes da vida familiar, éramos os excêntricos. Meu pai, que me adotou aos 3 anos, esteve na legislatura estadual por doze anos e depois foi um proeminente advogado criminal de defesa. Era onze anos mais velho do que minha mãe, que era sua terceira esposa. Com mais de um metro e oitenta, de barba e gravata borboleta, ele usava jeans e cinto de macramê e um sobretudo negro no inverno, e era radical em seu corte de cabelo – com isso quero dizer que seu cabelo chegava abaixo do colarinho. Intelectual próspero, recusava-se a mudar para uma área de padrão mais alto. Em vez disso, minha mãe, minha irmã e eu ficávamos abrigadas em uma casa geminada enorme, como a da série *Os Monstros*, no meio de uma vizinhança de classe operária.

Ele tinha pontos de vista progressistas a respeito de raça em um lugar que era profundamente dividido, onde negros e brancos viviam em lados separados da cidade e ninguém ousava ir alguns quarteirões na direção errada, a menos que quisesse ser espancado. Esses pontos de vista o tornavam suspeito. Também deixara a esposa e três filhos e se casara com uma atriz – minha mãe. Isso o tornava ainda mais suspeito.

Mas quem não se apaixonaria por minha mãe? Ela parecia uma das loiras de Hitchcock, mas tinha a efervescência e o charme de um vendedor de carros. O que, de certo modo, ela era: além dos empregos que arranjava como garota-propaganda em filmes institucionais (ela conseguia vender até mesmo um pedaço de linóleo), era a Garota da Ourisman Chevrolet na concessionária de Maryland, declarando, animadamente: “Você faz do seu jeito na Ourisman Chevrolet”.

Minha mãe era uma celebridade local: tinha seu próprio pôster glamouroso, que as concessionárias vendiam. (Recentemente ela recebeu um bilhete de alguém com uma foto anexada – “isto estava no meu quarto” –, e os pôsteres na parede eram dela e de Farrah Fawcett.) Sua notoriedade com aqueles comerciais chegou até o Salão Oval. Mandell “Mandy” Ourisman, proprietário da imensa concessionária e provavelmente um grande doador republicano, estava em um evento na Casa Branca; dizem que, quando chegou sua vez de cumprimentar o presidente Nixon, este teria dito: “Aquela garota em seu comercial faz um bom trabalho. Eu gostaria de conhecê-la um dia desses”.

Em todas as minhas lembranças mais antigas, minha mãe está fazendo uma de duas coisas: retocando a maquiagem ou me dizendo para ir lá fora brincar. A aparência era seu cartão de visitas, e ela sabia disso. Não tenho certeza se ela era destemida, imprudente ou ambas as coisas; sei que era o tipo de pessoa que não olhava para trás. Depois de seu primeiro e prematuro casamento, ela se juntou a uma trupe de rodeio, seguindo um namorado que era caubói. Não que fosse grande amazona – mas ficava linda no dorso do cavalo, e percebeu que podia aprender

alguns truques. Era muito melhor do que vender sapatos femininos, que era seu trabalho anterior.

Minha mãe, na verdade, nunca ficou muito tempo sem atenção quando se tratava de homens. Seu primeiro casamento foi com um garoto da vizinhança, aos 17 anos, quando estava grávida de quatro meses da minha irmã, Kim; eles também tiveram outro bebê, que morreu de repente, aos cinco meses. Divorciaram-se pouco depois disso. Seis anos mais tarde, casou-se com o segundo marido, Robert Nye, com quem me teve. Divorciou-se dele quando eu tinha 3 anos, e se casou com Jack Gailey, o homem que sempre conheci como pai. Meu pai podia ser uma pessoa arrogante, com ares de superioridade – porque sabia que era, em geral, a pessoa mais esperta na sala –, mas eu o adorava e ele era louco por mim. E foi por isso que, quando fiquei mais velha, nunca tentei encontrar meu pai biológico. Seria como um insulto para o homem que me criou – e tenho quase certeza, dada a natureza controladora de Jack, que ele tampouco ia querer que eu tentasse fazer isso.

Pouco tempo depois de se conhecerem, meu pai e minha mãe foram escalados para contracenar em uma produção teatral da comunidade: ele era César e ela era Cleópatra. Minha mãe era uma romântica. Talvez tenha visto um final melhor para ela e meu pai do que os personagens na peça de Shaw.

Era óbvio para mim, quando criança, que os sonhos da minha mãe iam muito além de ser a garota da Ourisman Chevrolet. Ela conseguiria sair de York, Pensilvânia, de um jeito ou de outro. Era só uma questão de quando. E com quem... Porque meu pai não tinha nenhuma intenção de deixar sua cidade natal.

Minha infância foi muito feliz, mas ao mesmo tempo também tinha sua cota de caos. Sabíamos que deveríamos ir para casa quando as luzes da rua se acendessem, mas esse era o máximo de supervisão que tínhamos. Desentendimentos na escola eram acertados com chutes no traseiro quando os professores não estavam por perto – garotas, garotos, não importava; não havia coisas como “tratamento” ou “falar e pôr para fora”. Em minha própria casa, minha irmã e eu éramos praticamente deixadas à própria sorte, indo de um lado para o outro na mansão enorme.

Como meu pai trabalhava em dois escritórios e minha mãe atuava em casas de espetáculos, éramos, em grande parte, cuidadas por Nana, a mãe da minha mãe.

Isso era um pouco problemático, porque, embora todos nós a amássemos muito, Nana era mentalmente doente. Algo acontecera com ela quando minha mãe tinha 15 anos: alguma combinação de doença maníaco-depressiva e esquizofrenia, diziam os médicos. Quando tomava os medicamentos, ela ficava bem. Quando não, acabava no hospital. Nunca nos deram detalhes, mas me lembro de ela jogar fora um monte de pertences do meu pai e de, em determinado ponto, se convencer de que a fiação da casa estava machucando seus dentes, então ir até o porão e arrancar tudo. A fiação sempre foi um problema para ela; certa vez, quando era mais nova, sentiu que a fiação da casa estava lhe mandando mensagens malévolas, então ligou para o FBI. Amávamos Nana, mas ela não era a pessoa mais estável que alguém já conheceu.

Eu era uma garotinha esperta e independente, mais ciente do que a maioria para o que acontecia no mundo e desesperada por aprender. Minha irmã tirou uma foto de mim aos 3 anos, segurando um cartaz que dizia QUERO IR PARA A ESCOLA, porque eu chorava por ainda não conseguir ler.

Pulei o jardim de infância e, quando entrei na escola, tirava boas notas sem precisar me esforçar muito, mas, mesmo assim, eu não estava muito feliz. Ser esperta – em especial ser uma garota esperta – não caía bem em uma cidade industrial. E ainda que mais tarde eu tenha me tornado alguém preocupada demais em agradar aos outros, naqueles primeiros tempos eu não era boa com regras e modelos de comportamento – e é isso que a escola é. Fingi um monte de dores de estômago – *tive* muitas dores de estômago – e, dada a atitude *laissez-faire* de minha mãe, vamos dizer que não tirei nota máxima em presença. Nunca pensei em mim mesma como criança, assim como ninguém na minha família pensou. Mas me tratar como igual foi, muitas vezes, um tiro que saiu pela culatra. Eu queria agradar as pessoas – mas, mesmo quando jovem, tinha um bom detector de asneiras. Quando eu tinha 4 anos, por exemplo, minha professora da pré-escola alertou minha

mãe para o fato de que, talvez, eu tivesse problemas emocionais, pois gostava de desenhar com lápis preto. Era tudo que eu precisava ouvir. Meus desenhos se tornaram propositadamente cada vez mais góticos.

Eu era uma moleca que curti coisas de moleque: gibis do *Homem-Aranha*, *Jornada nas Estrelas*, saltar do telhado da garagem até o telhado da casa. Não tinha paciência para as coisas das meninas e seus forninhos de brinquedo. (Por outro lado, nunca tive dúvida sobre meus interesses românticos: Donny Osmond era meu homem, e eu contemplava seu pôster em meu quarto convencida de que seus olhos me seguiam pelo aposento.)

Muitas garotinhas fantasiavam sobre se tornarem atrizes. No início eu não fazia isso – mas acho que minha mãe sonhou esse sonho para mim. Ela não tentou me tirar dos macacões e dos tênis para me colocar em roupinhas de babado. Talvez não fosse necessário, já que eu lembrava Tatum O’Neal, que era uma estrela mirim (também moleca) de imenso sucesso na época. Minha mãe estava o tempo todo tirando fotos de nós, garotas. Tentou conseguir um agente para minha irmã quando ela estava com 17 anos, e me arrumou o primeiro trabalho como modelo – para aqueles capachos sintéticos com margarida – quando eu tinha 10.

Mas meus 10 anos foram memoráveis por outras razões além do trabalho ocasional de modelo. Um dia, minha melhor amiga, Ann, e eu estávamos brincando no beco atrás da minha casa quando um homem parou o carro, disse que era policial e perguntou se queríamos dar uma volta. Fiquei cética. Onde estava seu uniforme? Por que precisava que fôssemos com ele? Mas minha amiga não era capaz de questionar a autoridade de um adulto. Eu disse a ela para vir comigo. Ela não quis. Eu era baixa demais para abrir a tranca do portão para que pudéssemos ficar em segurança no jardim de casa, então lhe disse para ficar onde estava, que eu daria a volta pelo jardim da frente para destrancar o portão. Por que não exigi que ela viesse comigo? Por que ela simplesmente não foi comigo? Não sei.

Quando dei a volta, ela havia sumido. O homem a agarrou, colocou no carro, levou até o bosque e a estuprou. Então a deixou,

nua e tremendo. Ela conseguiu chegar até a casa de alguém, os moradores a cobriram e chamaram a polícia.

Tudo isso aconteceu muito depressa e ela foi encontrada mais tarde naquele mesmo dia. Mas, depois que tudo passou, me avisaram: não fale sobre essas coisas, não mencione isso na escola, não deixe ninguém saber que foi com ela, não conte o que aconteceu nem... Nada. É claro, ela era minha amiga, e um dia não pude deixar de perguntar. Ele a machucara, Ann me contou, e ela sangrara. E foi isso. Nunca mais mencionamos o assunto, em menos de um ano ela se mudou para Nova York e nunca mais a vi.

Por que não fiquei traumatizada com isso na época? Acho que, por vir da cidade que vim, eu simplesmente aceitei que coisas más acontecem e você supera. Lembro de ouvir sobre como o carro de tia Jane foi roubado. Lembro de minha mãe me contar que foi assaltada em Nova York – com uma faca no pescoço e o ladrão gritando: “Cale a boca ou corto sua maldita cara!”. (Nunca pegaram o cara, e algumas semanas mais tarde uma aeromoça teve a garganta cortada na mesma vizinhança.) Uma das minhas amigas fora concebida como resultado de um estupro; outra foi estuprada em um beco, por um conhecido, cerca de seis meses depois do que aconteceu comigo.

Então, nos últimos anos, se me perguntarem o que é estupro – e me perguntaram muitas vezes –, é o seguinte: é ser sequestrada por um estranho. Ser levada para o bosque, para um beco escuro. É rápido, brutal e anônimo. Na minha definição, não há espaço para sedução ou gentileza, nem mesmo para coerção gentil.

² Região localizada no sul do estado, famosa pela cultura (em especial culinária e arquitetura) alemã e pela grande população de origem germânica. (N. da T.)

³ Personagens da série de TV que mostrava o cotidiano da família Nelson e se tornou sinônimo de vida familiar na década de 1950. Exibida no canal norte-americano ABC entre 1952 e 1966. (N. da T.)

CAPÍTULO 2

Acho que foi mais ou menos nessa época que meus pais começaram a brigar com um pouco mais de frequência. Nada fora do comum. Só que minha mãe estava atuando cada vez mais em casas de espetáculos pela Pensilvânia e em Maryland, e meu pai não gostava que ela ficasse tanto tempo fora. Eu tinha 10 ou 11 anos quando minha mãe conseguiu o papel de Adelaide em *Garotos e Garotas* – e meu pai a proibiu de aceitar. Ele ligou para o diretor e lhe disse que não a deixaria participar porque tomaria muito do tempo dela.

Ele “permitiu” que ela fizesse outras peças depois dessa, mas aquele momento foi determinante, decisivo. Quando eu estava com 10 anos, minha mãe se mudou para Nova York – o que, francamente, não era tão diferente assim de tê-la vivendo em casa, pelo tanto de tempo que ela ficava fora. Meus pais ainda estavam casados – mas não por muito tempo.

Em Nova York, minha mãe encontrou Bob Nesbitt, um conhecido que fazia parte do elenco de *Room Service*, uma peça encenada fora da Broadway que contava também com a participação de Shelley Berman. Bob era alto, bonito e tinha uma bela gargalhada – o tipo de homem pelo qual era fácil uma mulher se apaixonar. Minha mãe não foi exceção. Logo depois que se encontraram, ela voltou para York para dar a notícia a meu pai. Ele ficou devastado – e furioso. Eu fiquei dividida. Acho que muitas crianças teriam odiado a reviravolta, odiado esse intruso charmoso, mas nunca fui dessas que veem as coisas preto no branco. Queria meu pai, mas Bob era um cara legal. Ele me tratava como uma pessoa, não como uma criança. E fazia minha mãe feliz.

Era 1974. A taxa de divórcios nos Estados Unidos dobrara em dez anos, e os jornais relatavam como os casais divorciados iam ao

tribunal pelo privilégio de não ficar com os filhos. Uma psicóloga californiana citada no *The New York Times* declarou que a família norte-americana não era mais “a unidade básica de nossa sociedade”.

Tornei-me uma especialista em viajar por conta própria. Durante a semana, enquanto minha mãe estava em Nova York fazendo testes, eu estava na escola Edgar Fahs Smith Junior High, em York. Toda sexta-feira, eu pegava o trem de Baltimore para a Grand Central Terminal, em Nova York, e passava o final de semana com ela no Brooklin, atravessando a ponte com frequência para explorar Manhattan. A cidade de Nova York, em 1974, estava no meio da pior crise fiscal de sua história. Estava à beira da falência, o tráfico de drogas era desenfreado, e não era possível nem mesmo dirigir o carro por Manhattan sem ser acuado por flanelinhas com seus trapos imundos e mãos estendidas. Isso foi antes de a Disney anexar a 42nd Street; naquela época as prostitutas com cabelos armados e coloridos ainda percorriam a Times Square.

Não foi surpresa que minha mãe não tenha ficado por muito tempo em Nova York. Estava conseguindo alguns comerciais que pagavam as contas, mas aquilo não era exatamente o que tinha em mente quando se mudou para lá. Também me conseguiu um agente. Eu me tornava cada vez mais avessa a tudo isso, tanto que, quando fiquei um pouco mais velha, sabotava as audições. Quando me dava ao trabalho de comparecer, as coisas em geral corriam bem. Fui chamada duas vezes para os testes para o papel principal de filha em *Sexta-feira muito louca*, que acabou sendo de Jodie Foster. Todo mundo ficou realmente animado com meus convites, exceto eu mesma.

A carreira de minha mãe ainda não decolava, mas agora ela estava com um homem que partilhava sua ambição: ir para Hollywood e levar a vida que eles sabiam que eram feitos para ter.

No verão de 1975, depois que terminei a sétima série, minha mãe e Bob arrumaram o Ford Fairlane comigo, Kim e nosso cão Rocky, e seguiram para o oeste até Los Angeles. Iriam permanecer por lá. Para mim, supostamente, seriam apenas férias de verão. Depois eu voltaria para casa para viver com meu pai.

Não foi assim que aconteceu. No fim do verão, voei para casa para morar com meu pai, que era com quem eu queria estar. Porém, alguns meses mais tarde, me deram a chance de escolher ou, mais precisamente, me disseram que eu tinha uma escolha: podia ficar onde estava ou, se quisesse, podia deixar York e ir viver com minha mãe na Califórnia. Eu não queria. Eu era a garota do papai e, além disso, quantas crianças querem deixar suas casas e partir para o desconhecido? Meu pai deve ter pensado que me dar a ilusão de controle sobre a escolha me deixaria feliz. Mas eu veria que não era bem assim.

Ele me levou a uma lanchonete local, onde eu falei que minha escolha era ficar com ele. Ele disse:

– Olhe, na verdade você só quer ficar aqui porque quer estar com seus amigos. Você tem de ir viver com sua mãe.

Solucei. Dava para ver que ele estava feliz por eu estar chorando, porque tampouco queria que eu fosse. Talvez tivesse ficado comigo, não sei. Mas acho que, apesar de toda sua postura progressista, ele ainda acreditava que uma menina tinha que ficar com a mãe. Além disso, ele já tinha seguido em frente – estava namorando, tentando reconstruir a vida. Viver com uma adolescente cada vez mais temperamental não fazia parte de seus planos.

Naquele mês de janeiro de 1976, na primeira vez em que meu pai me levou até o aeroporto, ainda me lembro do quão perdida me sentia, sabendo que nunca mais viveria em York. Não podia deixar de pensar em como tinha colocado meu rato de estimação, Odin, na bagagem de mão. (Eu era uma contrabandista muito boa aos 13 anos.)

Apesar de sombria, York era minha casa – e o bairro de Pacific Palisades, em Los Angeles, certamente não era. Era um lugar bonito, com certeza; vivíamos bem perto da praia onde, alguns anos mais tarde, a série *Baywatch* seria filmada. Mas, depois da solidez de York, era um choque morar em um bangalô na praia, coberto de trepadeiras – quando me mudei para lá, uma delas, saindo do armário, me fez gritar.

Mais chocante, é claro, era a cultura californiana. Cheguei quase na mesma época em que o Eagles lançou *Hotel California* ("Cool wind in my hair / warm smell of colitas rising up through the air"⁴). Eu era Aerosmith e Queen; isso era Joni, os Doobie Brothers, surfistas e skatistas e um monte de drogas como caminho para a autodescoberta. Mas com toda a paz, amor e rock' n' roll, também havia essa tendência à violência planejada. A Califórnia, como grande parte do país, viveu um salto enorme nos números de crimes violentos a partir de meados da década de 1970. *Serial killers* como Herbert Mullin e Edmund Kemper, também conhecido como Co-ed Killer, ainda estavam frescos na mente de todos. Seriam substituídos em menos de um ano pelos ainda mais horripilantes Kenneth Bianchi e Angelo Buono, este também conhecido como o Estrangulador de Hillside. Na nona série, estávamos todos aterrorizados.

Minha mãe e Bob continuavam os testes para atuar em shows, mas na época em que nos mudamos para San Fernando Valley, no outono de 1976, Bob aceitara um emprego para vender anúncios para uma revista nova chamada *Marijuana Monthly*, para dar conta das despesas. Ele e minha mãe fumavam todas as noites no quarto – em segredo, acreditavam –, durante os sete anos que ficaram juntos, e o jeito que minha mãe arranjou para parar de fumar era tão a quintessência da década de 1970 quanto fumar maconha. Ela estava em um passeio de *rafting* no Grand Canyon e conheceu um médico inglês que era discípulo de um *swami*,⁵ ele foi até ela e disse: "Você está buscando, não está?". Ela respondeu "sim", e ele falou: "Vou lhe dar um mantra e você vai parar de fumar". O mantra, ela me contou, era "om a ram a hum madhu ram ham" – ou, pelo menos, era o que ela *achava* que era. Minha mãe o repetiu enquanto remava; depois, durante todo o caminho para casa, no ônibus, no avião – e jura que foi o mantra que a permitiu parar.

Quando fui morar com eles, depois do Natal de 1975, eu não podia me sentir mais deslocada, uma aberração antissocial nesta cidade praiana de bem com a vida, de surfistas e gatinhas loiras de biquíni, e todo aquele drama falso. (Uma briga em Pacific

Palisades: “Se você quer ser *minha* amiga, não pode ser amiga *dela*”. Uma briga em York: “Vou acabar com sua raça”. O que é mais genuíno?) Era como estar permanentemente em férias e chapado.

Nada do que eu disser será exagerado a respeito da mudança de atitude em relação ao sexo a partir de meados da década de 1970, em comparação a dez ou mesmo cinco anos antes. *Os prazeres do sexo*, publicado em 1972, tinha um lugar de honra no quarto de minha mãe. (Ela nunca soube, mas é claro que li este livro de cabo a rabo.) Jovens garotas são erotizadas em alguma medida em todas as culturas, e, nesta época, em nossa própria cultura, essa erotização se tornou quase lugar-comum. Brooke Shields havia posado nua para fotos aos dez anos de idade e, aos doze, estrelava *Menina Bonita*, um filme sobre prostituição infantil que provavelmente não seria feito hoje. Apenas um ano antes, Jodie Foster havia surpreendido por seu retrato de uma prostituta adolescente em *Taxi Driver*, de Martin Scorsese. *Manhattan* era a homenagem de Woody Allen não só à cidade de Nova York, mas a um homem de meia-idade que ansiava por uma jovem adolescente. E, é claro, havia aquele famoso filme de 1974 no qual uma menina tinha um relacionamento incestuoso com o pai. Era *Chinatown*, dirigido por Roman Polanski.

Os banheiros das escolas estavam sempre cheios de fumaça de cigarro. Quando visitávamos as casas de nossos amigos, os pais nos ofereciam uma cerveja. A cocaína estava apenas começando a se tornar popular, mas, na verdade, aquela não era a droga da moda em Los Angeles. Como os Eagles nos diziam, a questão era ir com calma, não deixar que o som de nossas próprias vozes nos deixasse loucos.

Fiquei profundamente aliviada quando nos mudamos para o Valley, um local mais árido, onde viviam pessoas de verdade que tinham empregos de verdade. O Valley tinha suas celebridades, é claro – nos anos 1940 e 1950, Lucille Ball e Desi Arnaz viveram lá, e Clark Gable e Carole Lombard tinham um ninho de amor –, mas nunca foi conhecido por seu glamour. Era mais o protótipo do subúrbio cintilante. Supostamente, a Família Sol-Lá-Si-Dó vivia lá.

E, mais tarde, as Kardashians. Isso era poucos anos antes que a Garota do Valley se tornasse o icônico símbolo norte-americano da menina viciada em compras, unhas compridas e fama.

Aos poucos, tornei-me mais interessada em atuar: quando se é uma criança vivendo em Los Angeles, ser ator parece um objetivo de carreira perfeitamente razoável, compartilhado por metade das pessoas que você conhece. As paredes de meu quarto eram cobertas com pôsteres de Marilyn Monroe (plano A) e Bette Midler (plano B). Na casa em York, a influência de meu pai prevalecia, e eu teria sido algum tipo de intelectual, talvez uma advogada. Aqui no sul da Califórnia, nada daquilo importava muito. Eu era bonita. Tinha retratos. Ia a alguns testes de elenco e, algumas vezes, era chamada de novo. Minha mãe me levou até o lado leste da cidade, na U. S. Route 101, até um edifício de escritórios em West Hollywood. Um agente de talentos me pediu para adotar uma aparência alegre, fresca, e tentei me forçar a fazer isso. (Carroll O'Connor, de *Tudo em Família*, uma vez me viu no corredor, usando uma blusa curta. Cutucou-me na barriga e provocou, “belo umbigo”.)

Eu queria ficar animada com as audições, as aulas de atuação e todo o *trabalho* que parecia existir para se alcançar o sucesso. Mas ainda estava um tanto infeliz. Sentia-me totalmente sem rumo. Meus pais me deixaram acalentar a ilusão de que eu estava no controle de minha vida quando, de fato, não controlava nada, estava apenas passando o tempo no Hughes Junior High, em Woodland Hills. Quando não estava com minhas amigas, tentando descobrir quais professores estavam bêbados ou drogados (“Você sentiu o hálito dele?”, “Você viu os olhos dela?”), estava sonhando acordada com mudanças: que minha mãe conseguiria um grande papel, ou que todas as aulas de teatro, ginástica e dança para as quais ela me levava em nosso grande, velho e feio Nissan Maxima marrom me conduziram a algum lugar. Será que eu tinha o necessário para fazer sucesso no *show business*? Provavelmente, não. Eu gostava da ideia de fama muito mais do que da ideia de trabalho.

Portanto: eu não era uma adolescente agradável. Quer dizer, eu tentava ser, realmente tentava. Mas a mensagem que transmitia para minha família em cada olhar e ação era “Por que me fizeram vir para cá? Odeio este lugar e odeio vocês”. Por outro lado... Bom, o escritor J. B. Priestley colocava bem a questão: “Assim como políticos e guerras, cada sociedade tem os adolescentes que merece”.

[4](#) Vento frio no meu cabelo / o cheiro cálido de ervas se erguendo no ar. (N. da T.)

[5](#) Título honorífico hindu. (N. da T.)

CAPÍTULO 3

Um dia Roman Polanski apareceu na porta de casa.

Ok, não foi exatamente assim. Mas quase. Na verdade, o que aconteceu foi o seguinte: minha irmã, Kim, estava namorando um cara chamado Henri Sera, um produtor de filmes secundários que visitou nossa casa algumas vezes. Ele sabia que minha mãe estava no ramo e a convidou para uma festa no Top of the Rocks, um boteco no Sunset Boulevard. Era uma reunião impressionante: Diana Ross estava lá, assim como Warren Beatty. Minha mãe cumprimentou Roman, e conversaram um pouco; ele fez uma piada sem graça envolvendo sexo e a pomada Tiger Balm e ela riu educadamente. E foi isso. Algumas semanas depois, Henri ligou para dizer que Roman estava entrevistando jovens norte-americanas para um ensaio fotográfico que pretendia fazer para a *Vogue Paris*. Perguntaram-me se ele podia vir me ver, e eu disse que sim. Nem pensei em mudar de roupa, e minha mãe também não sugeriu isso. Eu estava de jeans, tênis, uma camisa qualquer e um boné de beisebol – com meu periquito de estimação empoleirado nele. Era o local favorito da ave.

Em alguns anos, eu ficaria sabendo muita coisa sobre esse homenzinho pensativo e de lábios semicerrados. Ele teve, é claro, uma infância terrível. Nasceu Rajmund Roman Thierry Polański, em Paris, em 1933, filho de judeus poloneses. Em 1937, seus pais cometeram o erro trágico de voltar para a Polônia pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial. Quando a Alemanha invadiu a Polônia, em 1939, a família foi mandada para o Gueto de Cracóvia, e, depois de um tempo, seus pais foram enviados para campos de concentração – a mãe para Auschwitz, onde foi morta, e o pai para Mauthausen-Gusen, na Áustria, onde sobreviveu. Roman viu o pai ser capturado e levado para o campo. Quando tentou alcançá-lo, o

pai, com medo de o filho ser capturado, gritou para que ele "sumisse". Polanski conseguiu escapar do gueto aos 8 anos, através de um buraco na cerca. Como não tinha aparência de judeu, algumas vezes era abrigado por famílias católicas, algumas vezes expulso para vagar pelo continente. Foi espancado em várias ocasiões; ainda tem uma placa de metal na cabeça de quando teve o crânio quebrado. Com frequência tinha de roubar comida. Essa foi sua vida até os 12 anos, quando miraculosamente se reencontrou com o pai após a guerra. O pai estava casado novamente, com uma mulher que desde o início Roman se ressentiu. Os três viveram juntos, desconfortavelmente, até que ele foi aceito na escola de cinema. Sua relação com o pai jamais se recuperou por completo.

Na verdade, não havia relação nenhuma entre eles.

Mas então veio a extraordinária trajetória de sucesso. Ele acabou atuando ainda adolescente, e dirigiu seu primeiro filme – *Faca na Água* – na Polônia, em 1962. Era um filme profundamente desconcertante sobre a tensão sexual entre um casal entediado e um homem para quem dão carona, e foi indicado ao Oscar de Melhor Filme em Língua Estrangeira daquele ano. Roman se mudou para os Estados Unidos e dirigiu alguns dos mais sombrios e extraordinários filmes de nossa época: *O Bebê de Rosemary*, *Repulsa ao Sexo*, *Macbeth* e, alguns anos antes de nos conhecermos, o filme que foi indicado para onze prêmios do Oscar, *Chinatown*. Mas até sua vida pós-holocausto como diretor celebrado foi destruída pela mais indescritível das tragédias: em 1969, sua esposa grávida, Sharon Tate – supostamente a primeira mulher com quem tivera um relacionamento real, duradouro e gratificante – foi brutalmente assassinada em casa, juntamente com outras quatro pessoas, em uma das abomináveis matanças de Charles Manson.

Quando o conheci, em fevereiro de 1977, eu não sabia de nada disso. Vira *Chinatown* e não gostara. Achara ao mesmo tempo brutal e entediante. (É claro, se eu soubesse que ele dirigira e estrelara meu filme favorito na época, *Dança dos Vampiros*, teria ficado deslumbrada.) E minha mãe e Bob, apesar de serem do

ramo, não eram exatamente historiadores de cinema. Sabiam sobre o assassinato de Tate, de modo que um ar de tragédia sempre pairava sobre Roman. Também sabiam que ele era poderoso e famoso e que podia fazer coisas por todos nós. Em outras palavras, minha mãe e Bob eram como qualquer outro pouco sofisticado aspirante a ator de Hollywood.

• • •

Polanski se sentou na sala e explicou o que pretendia fazer. A edição francesa da revista *Vogue* queria fazer uma reportagem sobre as diferenças entre as meninas norte-americanas e as francesas – exatamente o quê era um pouco vago, mas pareceu perfeitamente plausível, na época –, e ele precisava encontrar as meninas norte-americanas certas. Mostrou para minha mãe e Bob belas páginas duplas que fizera com Nastassja Kinski nas Ilhas Seychelles para uma edição de verão da *Vogue Paris*. O tema era “piratas” e envolvia praia, espadas, um tesouro enterrado e Kinski, como a princesa capturada, em um tipo de vestido medieval dourado. Se ele tinha ou não um relacionamento sexual com Kinski naquela época, quando ela ainda tinha 14 anos, é uma questão aberta ao debate, mas ele teve, pouco tempo depois. O que não é discutível é que ela estava tão requintada nas fotos que era de tirar o fôlego. Também parecia tão exótica, tão sensual, tão conscientemente sexual. Em alguns anos, Richard Avedon faria a famosa foto dela enrolada em uma jiboia, e eu sempre imaginei que a jiboia devia ter ficado irritada por ter sido ofuscada.

De qualquer modo, aquelas eram imagens extraordinárias de uma beleza internacional. E então lá estava eu, uma moleca de 13 anos de jeans e tênis, ainda não totalmente desenvolvida, carregando um passarinho.

Na opinião de todos – incluindo a minha –, eu era uma menina de aparência agradável, mas não excepcional. Meus olhos não sugeriam nenhum mistério em particular – eram vivazes, mas isso era tudo. Eu tinha o rosto redondo, um nariz levemente achatado, lábios vermelho-cereja sem precisar da ajuda de brilhos labiais.

Meu cabelo era curto, e eu não estava completamente por fora do corte empolado da Garota do Valley. Minha voz era surpreendentemente rouca – não sexy como a de Cathy Moriarty, simplesmente rouca. Ninguém podia dizer que eu deslizava por um aposento. Eu meio que galopava.

Olhando para trás, ainda me surpreendo que ele não tenha dado meia-volta e saído pela porta. Ele estava realmente procurando meninas na pré-puberdade para um ensaio fotográfico, ou o ensaio era uma boa desculpa? No final das contas, Roman Polanski não precisava se esforçar muito para conseguir mulheres bonitas. Mas, talvez, a beleza não fosse sempre o foco. Talvez, para um homem que viveu o que ninguém deveria ter vivido e sobreviveu a isso, a juventude extrema fosse algum tipo de força vital. E, talvez, ele sentisse que precisava disso.

Naquele momento, é claro, eu não pensava em nada disso. Em grande parte, eu pensava: “Eca, esse cara é quase do meu tamanho e meio que parece um furão. Mas é superpoderoso e quer me fotografar. A *mim!* E olhe como minha mãe e Bob estão. Estão sentados empertigados, um pouco inclinados na direção dele, ouvindo-o felizes”.

Enquanto ele mostrava aquelas fotos de beldades de cair o queixo na *Vogue* – garotas em praias, no campo, trajadas com vestidos de noite – e explicava seu enredo para a história da adolescente norte-americana *versus* a francesa, não sei como me contive para não soltar uma gargalhada. Na verdade, não percebi em nenhum momento que ele estivesse me observando, embora certamente ele deva ter feito *algum* tipo de cálculo. Aquilo era entediante. Eu queria ir embora.

Apresentei Roman para meu periquito, que não conseguiu chamar sua atenção, e então fui para meu quarto, para meu toca-discos, e para a teatralidade exagerada do Aerosmith:

Leaving the things that are real behind
*Leaving the things that you love from mind*⁶



Alguns dias depois, Polanski voltou, segurando uma pequena máquina fotográfica negra. Minha mãe gentilmente sugeriu que poderia ir conosco ao ensaio. Houve uma longa pausa. Não, Roman respondeu, a presença dela me deixaria desconfortável e incapaz de relaxar diante da câmera. Ela não insistiu; já eram conhecidas as histórias sobre a louca mãe controladora de Brooke Shields, e ela certamente não queria ser uma *dessas*.

Roman e eu seguimos de carro, em silêncio, até o fim da nossa rua de um quarteirão, a Flanco Road, depois subimos a colina até onde a vizinhança, no final do dia, caminhava com seus cães, andava de bicicleta ou deitava na grama irregular. À noite era possível ver as luzes do Valley, de Topanga Canyon e de Mulholland Drive; ao olhar para cima, via-se a Via Láctea através da leve cerração de San Fernando.

Era final de tarde, algumas horas após o término das aulas. Fazia calor, sem nenhuma brisa, e tínhamos poucas horas de luz à frente. Este era o ensaio-teste. Com isso, Polanski poderia determinar se eu era a menina certa para a revista francesa.

Ele parou em um ponto da colina não totalmente oculto pela relva alta e começou a me fotografar. Eu trouxera duas blusas e, depois de terminar um filme, ele me pediu para mudar de roupa. Virei de costas para me trocar e fiquei surpresa por ainda escutar o clique do obturador. Por que ele ainda estava fotografando? Não era óbvio que eu não estava pronta? Enquanto me trocava, ele me pediu para virar de frente para ele, e começou a me dar instruções em voz baixa. Sorria, não sorria, olhe para mim, morda o lábio, olhe para cima, vire à esquerda, olhe novamente para mim. Estava completamente concentrado, não em mim, mas em tirar a foto perfeita. Não havia conversas. Nada de brincadeiras. Mas estava tudo bem.

– Não está dando certo – ele disse. – Eu simplesmente não consigo ver.

Tentei novamente. Estava acostumada a ouvir apenas elogios de fotógrafos – fosse porque eu era *simplesmente incrível* (dizia meu cérebro de 13 anos) ou porque os fotógrafos eram pagos para tirar retratos e queriam me deixar feliz. Embora Roman não estivesse

exatamente zangado comigo, eu sabia que não estava agradando. Eu podia perceber que ele ficou um pouco exasperado quando tentei um olhar sexy, mordendo o lábio. Quanto mais “por fora” eu me sentia, mais me esforçava. Achei que conseguia entendê-lo: *Dê-me o que eu quero, ou outra me dará.*

Caminhamos até o alto da colina. Quando ele me pediu para tirar a blusa, senti que tinha de encarar o desafio. Claro, meus seios eram tão pequenos que eu ainda podia usar camisetas, e claro que minha mãe desaprovava, mas era a minha chance. Se conseguisse chegar à revista – bem, eu estaria com roupas. Além disso, eu era profissional. Claro, sem problema. Tirei minha blusa.

– Exatamente assim – ele disse. – Vire-se.

Ele fotografou. Então vesti a blusa o mais rápido que pude. Não pensei muito nisso. Era tudo perda de tempo. Essas fotos não seriam usadas. A *Vogue* não publicava garotas nuas, como a *Playboy*. É claro, aquela revista era francesa. Talvez fosse diferente na França.

A próxima coisa de que me lembro é que estava de topless novamente.

– Coloque as mãos no quadril agora – ele disse.

Roman parecia um pouco mais feliz. Eu estava ficando com frio. Um ciclista empoeirado passou por nós, e Roman olhou para ele e depois para mim.

– Isto está incomodando você? – ele perguntou.

– Não – respondi.

Eu era profissional. Além disso, seios eram bonitos; era o que dizia *Os prazeres do sexo*, e eu pensava assim. Só que eu não tinha seios, não de verdade. Mas outras meninas da minha idade não tinham posado assim? Brooke Shields ou, talvez, Jodie Foster, ela estava naquele filme, *Taxi Driver*, e, ah, não sei, *várias* outras.

Finalmente acabamos e voltamos para casa, o sol se pondo atrás de nós. A poluição sobre o Valley riscava o céu em tons de laranja e rosa. Estava frio, e desejei ter trazido um suéter. Correria tudo bem? Tentei me convencer de que sim. Era o que diria para minha mãe. Estava tudo bem. Tudo muito bem.

E deve ter corrido bem o bastante porque, embora não tenha dito nada para mim, Roman ligou para minha mãe e combinou uma segunda sessão. Eu estava conseguindo meu ensaio. O que quer que eu tivesse feito naquela colina, estava me colocando no mapa. E minha família ficaria animadíssima.

[6](#) Deixando as coisas que são reais para trás / Tirando da mente as coisas que você ama.
(N. da T.)

CAPÍTULO 4

Simplesmente aconteceu. Alguma vez você já se ouviu dizendo isso? Quantas vezes é verdade? Quando fazemos algo vergonhoso, em geral é intenção ou oportunidade? Ao longo dos anos, eu me fiz essa pergunta em relação a Roman Polanski. Fui algo que “simplesmente aconteceu”?

No dia 10 de março, meu bilhete para o estrelato apareceu de novo. Estava vestido casualmente, mas bem arrumado, com calça bege e camisa risca de giz com o colarinho grande que era moda na época. Usava botas baixas com salto, que davam certa arrogância a seu caminhar. Ou talvez fosse só o jeito de andar dele. Não parecia brusco nem insinuante; só um pouco pensativo e absorto. Sua colônia era meio forte demais. Ele queria me fotografar para a revista! Claro, da última vez tinha sido superdesconfortável, mas aquele era o preço da fama. Eu podia ter 13 anos, mas não era idiota. Já não tinha percebido que todo mundo tinha que fazer alguns sacrifícios pela arte? E se meu sacrifício fosse tirar a blusa, bem, qual a dificuldade disso?

Todo mundo estava animado por mim, mas, embora eu não tenha dito nada sobre a última sessão de fotos, minha mãe percebeu meu desconforto. Sugeri para ela que minha amiga Terri fosse comigo. Terri, que estava em casa naquele dia, era minha amiga mais próxima naquela época, uma menina meiga, de família católica rigorosa, totalmente diferente da minha. Ela parecia uma boa companhia para o que eu ia fazer.

Mas Roman estava com pressa. Disse:

– Vamos. A luz já está indo embora. Apresse-se. Pegue suas roupas.

Foi o que fiz, com ele me ajudando a escolher o que levar. Jeans, uma blusa branca, uma camiseta de rúgbi, um vestido azul simples.

Saímos os três e, enquanto nos dirigíamos para o carro dele, Terri perguntou quanto tempo levaria a sessão de fotos, porque precisava estar em casa a uma determinada hora. Polanski a advertiu de que poderia demorar um pouco, então talvez fosse melhor ela não ir. Ela deu de ombros e foi para casa de bicicleta. Eu queria que ela viesse conosco, principalmente porque estava desconfortável com este adulto, e pensava que seria mais divertido ter uma amiga, não porque estivesse com medo ou ansiosa. Minha mãe pensava que nós três tínhamos ido juntos.

Roman percorreu as curvas da Mulholland Drive em uma Mercedes cinza prateada alugada, em nosso caminho para... A casa de alguém. Eu não sabia onde era, mas não importava. Sentei-me ao lado dele no banco do passageiro e fiquei olhando os cânions que passavam correndo. Era um dia lindo para minha grande oportunidade.

Primeiro, paramos na casa de uma inglesa morena, com feições felinas e lábios carnudos perfeitos – Jacqueline Bisset, me disseram. Eu não sabia quem ela era, mas era muito gentil e me ofereceu uma taça de vinho, que recusei. Mais tarde, ela disse que estava chocada por ter oferecido bebida alcoólica para uma menor – afirmou que não sabia minha idade real. Se você olhar as fotos da época, isso parece improvável, mas vai ver que ela simplesmente presumiu que Roman não estaria por aí com uma menina de 13 anos. Até eu achei um pouco estranho que alguém que não me conhecia me oferecesse vinho, mas naquela época os adultos eram tão ansiosos em parecerem “legais” com as crianças que, com frequência, tratavam-nas como pequenos adultos. Já tinham me oferecido cerveja ou vinho nas casas dos amigos de meus pais antes. Roman tirou algumas fotos minhas na casa de Jacqueline – bonitas e femininas, talvez só um pouquinho ousadas – e continuou preocupado em ficar sem luz, então disse que devíamos ir para a casa de seu amigo Jack Nicholson. De volta ao carro, conversamos um pouco.

– Você tem namorado? – ele perguntou.

Olhei para fora, pela janela.

– Sim – respondi.

Era mentira. Eu *tinha* tido um namorado, mais ou menos. Ele acabara de terminar comigo. Steve era meu primeiro namorado sério; tínhamos saído por alguns meses. Ele não fumava ou bebia porque levava a sério o caratê e queria ser disciplinado. Dirigia um Camaro, o que impressionava todo mundo na minha escola. Eu era louca por ele, mas ele rompeu comigo porque eu tinha 13 anos e ele, 17, e achava que não devia perder tempo com alguém tão jovem. Passamos um tempo juntos, no entanto.

– Você já fez sexo?

Aquela era uma pergunta estranha. Respondi que sim. Era verdade, e eu não queria que ele pensasse em mim como uma criança.

– Quantas vezes?

– Duas – falei. Isso também era mentira. Havia sido só uma vez. E não fora particularmente memorável; para mim, aos 13 anos, fora mais como... Bem, uma dessas coisas que você risca da lista de coisas a fazer. Mas eu não queria parecer ingênua. Se você diz para alguém que fez sexo apenas uma vez, soa recatada e ridícula. Duas vezes era muito melhor.

Roman parou de fazer perguntas.

A conversa passou para outros assuntos, eu relaxei e esqueci tudo aquilo. Continuamos pelo Mulholland Canyon, falando de fotografias. Conte para ele sobre a capa da *Playboy* que eu tinha visto. Meu ex-namorado, Steve, tinha me mostrado. Era uma garota em uma roupa de mergulho bem cortada, com o zíper aberto até embaixo, saindo das ondas em frente a um belo pôr do sol. Veja, se ele soubesse que eu já tinha visto a *Playboy*, ele entenderia que eu era bastante madura. Não me incomodava com aquelas coisas. Sou praticamente francesa!

A estrada onde estávamos parecia familiar. Eu tivera algumas aulas de teatro ali perto e, só por diversão, minha mãe e eu gostávamos de dirigir por ali aos domingos. Era bem acima do Valley: dava para vislumbrar as montanhas, as casas onde as estrelas viviam. Minha mãe gostava de apontar as casas das estrelas durante nossos passeios: *Ei, Loni Anderson vive ali! Marlon Brando mora lá!* Essa era a primeira vez que eu ia à casa de um

astro de cinema, no entanto. Não que eu gostasse muito de Jack Nicholson. Sim, ele era um bom ator (eu o vi em *Chinatown*), mas eu gostaria que fôssemos para a casa de Dom DeLuise, por exemplo, ou Roddy McDowall. A casa do cara de *O Planeta dos Macacos!* Isso que seria legal.

Mas aquilo era bom também.

A casa não era imensa nem sofisticada, mas tinha um grande deque de sequoia vermelha com uma piscina na parte de trás, e vista para as montanhas. Uma mulher de pele escura nos recebeu na porta com dois cães, e ela e Roman conversaram um pouco. Seu nome era Helen e era a governanta. Jack Nicholson não estava, mas não achei isso nada de mais. Olhei ao redor da sala. Tinha muita madeira – definitivamente um homem morava ali – e estantes cobertas de fotos e lembranças.

Roman e Helen continuaram conversando enquanto eu dava uma volta, tentando fingir que me interessava pela casa. Por fim, Roman veio até mim:

– Está com sede? – perguntou, enquanto entrávamos na cozinha.

Ele abre a geladeira de Nicholson, que está abarrotada de suco, refrigerante e vinho. Pega uma garrafa de champanhe e me pergunta:

– Devo abrir?

– Tanto faz – respondo.

– Tudo bem? – ele pergunta para a governanta, e ela pega três taças.

Eles tomam alguns goles e conversam mais um pouco, enquanto Roman começa a mexer na máquina fotográfica. Helen diz que está indo embora. Estou feliz que Roman finalmente queira começar. Ele diz que quer pegar o resto de luz, então vamos lá fora. O sol está se pondo sobre Hollywood Hills, e estou fazendo o melhor possível para seguir as instruções dele. Mas ele parece irritado. Sou eu? É a luz? Bem, parte da culpa deve ser da luz, porque ele não desiste totalmente. Voltamos para a sala.

Roman me dá uma taça de champanhe enquanto me posiciono ao lado de um abajur de bronze antigo, desejando parecer bonita. O champanhe tem um gosto bom. Ele sugere que eu tire a blusa.

Hum, ok. Não preciso tirar o sutiã porque não estou usando um. A verdade é que não preciso. Eu realmente gostaria de ter seios, então fico comprando sutiãs infantis para mim mesma, esperando que isso estimule meus peitos a crescerem. Mas ainda não tive essa sorte. Ah, bem, melhor não pensar nisso agora. Tomo outro gole de champanhe. Roman parece mais satisfeito. Ei, olhe para mim! Sou uma modelo de verdade agora. Já vi tantas fotos com as garotas olhando por sobre o ombro, nas quais elas parecem estar nuas, mas você não vê nada.

- É o que ele está fazendo, aposto. Devo ter ombros bonitos.
- Devo beber o champanhe ou só fingir?
- Sim, beba. Segure a taça entre os lábios. Agora, abaixe. Beba. Olhe para mim. Olhe para lá. Tome um gole.

Eu bebo. Ele enche minha taça novamente. Bebo mais. Ele continua enchendo, mas tento diminuir o ritmo. Também tento seguir suas instruções e fazer um bom trabalho. E então acabamos com as fotos naquele local, e ele me diz para trocar de roupa.

Coloco o vestido azul comprido, de mangas longas. Ele se afasta para colocar um rolo de filme novo na máquina, acho. Não é confortável ficar seminua diante de um médico, imagine de um fotógrafo; então, quando ele não fica para me observar enquanto me troco, não posso deixar de me sentir melhor. Mesmo assim, tento não pensar em nada disso. Este é meu trabalho, lembro a mim mesma. Sou profissional, e é isso que profissionais fazem.

Na sequência vamos até a cozinha. Ele enche minha taça mais uma vez. Estou empoleirada no balcão da cozinha, lambendo um cubo de gelo, minha língua de fora, e ele está fotografando. Estou ciente de ouvir um pequeno zumbido. Se não pensar demais nisso, esta encenação é meio engraçada.

Também posso ser uma gatinha sexy, como as garotas da revista *Cosmopolitan*.

Ele tira mais algumas fotos, e quando acabamos a sessão na cozinha, já bebi outra taça de champanhe. Ele me serve novamente. Minha taça nunca fica vazia. Ele é um bom anfitrião, acho.

– Vamos tirar algumas fotos na banheira de hidromassagem – Roman diz.

Tanto faz! Aquilo me parece bem. Ele sugere que eu ligue para minha mãe primeiro, e isso me parece bem, também. Ele diz que não quer que ela se preocupe.

– Você está bem? – Minha mãe pergunta.

– Ah-rã. Terri acabou não vindo com a gente – conto para ela.

– Quer que eu vá buscar você?

Ela parece um pouco nervosa, ou algo assim.

– Não. Está tudo bem – digo. Estou me sentindo bastante bem naquele ponto, desfrutando de bancar a modelo mais que da primeira vez ou do que mais cedo. Roman parece cada vez mais satisfeito comigo. Pelo menos não está fazendo cara feia. E quer mais fotos. Finalmente, estou fazendo a coisa certa.

Ele pega o telefone e diz para minha mãe que estamos na casa de Jack Nicholson em Mulholland Canyon, não muito longe. Já está escuro, mas logo ele me levará para casa. Depois de tranquilizá-la, ele desliga.

Há um pequeno banheiro que tem uma porta aberta para a lateral da casa, onde está a banheira, e vou lá me despir. Não tenho traje de banho, então imagino que entrarei apenas de calcinha e, uma vez que estiver lá dentro, posso ficar fundo o bastante para ser coberta pelas borbulhas. Prendo uma toalha ao redor do corpo.

Ele vem por trás, passa por mim em direção à porta e para na pia. Está segurando uma caixinha. É um pequeno retângulo amarelo através do qual é possível enxergar. Ele segura um comprimido dividido em três partes e me pergunta:

– Isso é Quaalude?

E digo:

– Sim.

Não sei por que ele me perguntou aquilo. Talvez queira saber o quanto sei. E eu sei, porque já vi em revistas. Chamam de Rorer 714⁷. As pessoas no Valley usavam camisetas com “Capitão Quaalude” estampado nelas. Eram sedativos e relaxantes

musculares. Também eram drogas sexuais populares, com fama de aumentar a excitação.

– Acha que serei capaz de dirigir se tomar uma?

Por que ele está me questionando?, Eu me pergunto. Quero dizer, sei o que são. Mas, em primeiro lugar, não dirijo, então não tenho ideia do que é necessário para dirigir; em segundo, realmente não sei o que Quaaludes fazem. O que *fazem*?

– Quer uma parte? – ele me pergunta. Primeiro digo que não. Então ele me pergunta se eu nunca tomei um. Digo que já tomei. É mentira. Mas penso: “Se eu disser que já tomei, então sou alguém que sabe para o que está dizendo não. Experimentei e não gostei” – isso é legal, certo?

Então ele pergunta novamente. E então... Ah, não sei. Ele quer que eu tome. *Como posso dizer não?*

Então digo sim.

Engulo um terço de uma pílula com mais champanhe. Ah, não tem problema. Não é nem meia pílula.

Só que... Merda. Champanhe, pílula. Eu devia ter comido algo hoje. Quem era aquela menina em Nova Jersey? Karen Ann Quinby – não, Quinlan. Karen Ann Quinlan. Esteve nos jornais recentemente. Foi para uma festa, tomou algumas pílulas e bebida alcoólica, e acabou em coma. Seus pais a tiraram do respirador, mas ela simplesmente ficou deitada ali, incapaz de se mover, incapaz de morrer. Aquilo era horrível. Começo a ficar um pouco assustada. Estou relaxada – relaxada demais – e sinto como se quisesse deitar no chão da cozinha e descansar, talvez permanentemente. Meus músculos estão líquidos, mas meu coração está batendo. E se eu me tornar a menina do coma?

Ok, comer alguma coisa – isso vai ajudar.

Não há nada na geladeira além de bebidas alcoólicas e refrigerante, mas há alguns biscoitos em um prato no balcão. Devoro todos. Não consigo encontrar mais nada. Ok, estou só exagerando. Vai dar tudo certo. Tudo certo.

– Samantha.

Eu o ouço me chamar lá de fora, do lado da banheira. Está escuro, mas há algumas lâmpadas pequenas na casa e luzes no

jardim, e a banheira também é iluminada. Parece tão selvagem, com as luzes brilhantes transformando a água espumante em algum tipo de branco incandescente.

Ele me pede para entrar na banheira, e estou só de calcinha, e ele diz:

– Você devia tirar a calcinha.

Ah, não. Mas, bem, ok, tudo bem. Deve haver uma razão. A calcinha é escura, um tipo de cor de ferrugem, talvez apareça através da água e estrague as fotos. Ele sabe o que está fazendo.

Espere, como foi mesmo que vim parar aqui? Deixe-me pensar. Que animação. Roman Polanski está vindo e quer me fotografar para uma revista francesa, Henri é amigo dele e Kim disse para minha mãe, e minha mãe me disse, e minha mãe e Bob disseram que isso tudo é tão incrível, e estou tipo, ok, vou para meu quarto agora, com meu pássaro de estimação, pensar nisso. Não sei. Mas, então, quero ser Marilyn Monroe. O que ela faria? Ela ficaria linda e livre nas borbulhas. Então vamos subir aquela colina, quem se importa com o cara empoeirado de bicicleta. Quer minha blusa? Aqui. Fiz sexo duas vezes, não é o que todo mundo faz, então sim, champanhe e Quaalude, é assim que se faz, tome minha calcinha também.

Não sei. Entro na banheira. Não estou usando nada.

Estou com minha taça de champanhe, então faço pose para a câmera. A banheira é boa, mas é bem funda. Depois de mais algumas fotos, ele desiste.

– Isso não está bom, não há luz suficiente.

Deixa a câmera de lado e diz que vai entrar.

Ele vai entrar?

Tudo bem por mim tirar a blusa, tudo bem que ele não se importe com nada que eu tenha a dizer, e o jeito indiferente como ele age em relação a mim, e posso até lidar com passar todo esse tempo com ele, porque todo mundo me diz que ele é um grande artista. Mas... Isto? Não. Ele é um homem de 43 anos com lábios úmidos. Nem mesmo gosta de mim.

Ele tira a calça bege e o suéter. Então despe a cueca. Desvio o olhar, e não olho de volta até que tenho certeza de que ele está na

água. Não quero ver nada. Se não vir, não vou lembrar. Ele vai até o fundo da banheira. Estou na parte rasa.

– Venha aqui – ele diz.

Quero sair. Agora. Como pude ser tão estúpida? É um pensamento difícil de manter. A água está quente, o vapor sobe na noite, e há aquele cheiro de banheira, meio de limpeza, meio de sujeira. Estou a quilômetros de distância de qualquer lugar e, apesar de tudo, não acho que os biscoitos tenham ajudado muito.

– Venha aqui, quero que sinta uma coisa – ele diz.

Eu sabia que isso não estava certo. Mas não sei o que fazer, então vou na ponta dos pés, a cabeça acima da água. Ele me puxa pela cintura um pouco mais para perto e me ajuda a me equilibrar um pouco, e me coloca sobre um dos jatos, para que eu possa sentir as bolhas fazendo cócegas entre minhas pernas.

– Vê? Não é bom?

Não há nada de bom naquilo, mas sei aonde ele quer chegar.

– Ah, sim – digo.

Por que não digo “não”? Por que não digo “não me toque”? Não tenho mais a parede atrás de mim. Somos só ele e eu na água e o vapor e as bolhas. Então tudo me atinge ao mesmo tempo: o vapor, o calor, o álcool, a pílula e o pânico. Já foi tocada de um jeito que faz você querer saltar para fora de sua pele? Este homem tinha a reputação de ser um grande amante. O problema é que ele não era *meu* grande amante. Eu podia ter sido qualquer menina – desde que fosse do sexo feminino, e desde que fosse jovem.

Meu peito ficou apertado.

– Não consigo respirar aqui. Tenho asma – digo.

Por que digo isso? Nem mesmo conheço alguém que tenha asma, simplesmente digo. Tento me afastar, mas ele me segura com firmeza.

Porém, ao ver que não estou feliz, ele sugere que eu pule na piscina, que isso vai me acalmar. Não quero fazer isso. De verdade, de verdade, não quero fazer isso. Coloco o dedão na água, e ele diz:

– Vê? Não está fria.

Então mergulho e saio rápido do outro lado. Então salto para fora da piscina, agarro uma toalha que está ali perto, corro para o banheiro e coloco minha calcinha, que está lá. Ele me segue.

– Como está sua asma? – ele pergunta, com gentileza. Sua voz é suave, persuasiva.

– Preciso ir para casa e tomar meu remédio – digo. Fico bem contente que ele não pergunte qual é o remédio para asma, porque não tenho a mínima ideia, e então estarei encrencada. Ele diz, distraidamente:

– Sim, logo vou levar você para casa.

Então ele me diz para ir para o outro quarto, deitar.

– Não, tenho que ir para casa – digo, mas ele me segura pelos ombros e me leva até o quarto, e me senta em um grande sofá de veludo vermelho. Pergunta-me se estou bem.

– Não, não estou bem – respondo. – É melhor eu ir para casa agora.

Ele me garante que vou melhorar.

Segura meus braços na lateral do corpo e me beija, e eu digo:

– Não, pare com isso – mas, entre a pílula e o champanhe, é como se minha própria voz estivesse muito distante. Ele está beijando meu rosto e sentindo meus seios e me pergunta novamente se eu gosto disso, se é bom. Não digo nada, mas ele é um cara que faz filmes, então imagino que esteja mentalmente preenchendo o diálogo por conta própria. *Você está me obrigando a fazer isso e agora quer que eu diga que gosto, também? Não vai me convencer a gostar disso.*

Então ele vai para baixo em mim. Sei o que é, claro, porque li sobre isso, mas nunca na verdade ninguém fez algo assim em mim. Ele pergunta se é bom, e de fato é – e isso, em si, é horrível. Não quero isso, minha mente recua, mas meu corpo está me traindo.

E é quando saio de mim. Vou para longe, muito longe. Há uma sensação de vazio completo e absoluto. *Ah, é só meu corpo. Não sou eu realmente ali. Ok. Entendo.*

Ele fica murmurando alguma coisa, está tentando tornar bom para mim, eu sei, mas não é bom, e tudo está se apagando e me sinto tonta e o quarto está tão escuro. Mas não luto. Por que lutar?

Tudo o que ele quer é ter um orgasmo, esse pequeno espasmo que faz o mundo girar. Tomo a decisão de simplesmente deixá-lo ir em frente, quão ruim pode ser, é só sexo. Ele não quer me machucar. Ele só quer fazer isso. E será isso. Não é como se eu fosse uma pessoa real para ele, ou mesmo que ele seja real para mim. Estamos os dois encenando nossos papéis.

Relação sexual é uma expressão engraçada, algumas vezes. Relação: “uma comunicação entre indivíduos”. Mas e quando não há comunicação alguma? Ele é esse cara velho. Fica perguntando se gosto disso. Então lhe ocorre algo.

– Você toma pílula? – ele me pergunta.

– Não.

– Quando foi sua última menstruação?

Desejo que ele cale a boca e simplesmente termine o que está fazendo. Estou tentando fingir que não estou ali, e ele fica me fazendo perguntas. E como espera que eu responda qualquer coisa? Está escuro, estou alta, estou em uma casa na qual nunca estive, sozinha na escuridão com este estranho. Você pode, por favor, parar de falar?

– Não sei. Uma semana ou duas, não tenho certeza.

– Vamos lá! Você tem que se lembrar disso. – Ele está um pouco impaciente, esperando que eu me lembre rápido. Não se trata mais de me agradar. Naquele momento, não tenho ideia de por que ele está perguntando aquilo. É só mais tarde que raciocino: Ah, acho que ele pensou que eu era uma daquelas garotas que queriam prendê-lo.

– Não sei – digo com sinceridade. – Simplesmente não sei.

– Não vou entrar em você, então.

Na sequência, ele diz algo que me confunde totalmente:

– Você quer que eu vá por trás?

Respondo:

– Não – mas, de todo modo, não sei o que ele está perguntando. Só sei que mesmo que tenha dito não, farei praticamente qualquer coisa para acabar com isso. Quando acontece, ainda não tenho certeza do que pensar. Eu estava, tipo, “Espere, aquilo era minha bunda? As pessoas realmente faziam aquilo?”

E então: acabou, penso. Mas, naquele exato momento, há uma batida na porta do quarto.

– Roman, você está aí? – Uma voz de mulher. Não a vejo, mas não era a mesma mulher que nos deixou sozinhos antes. Roman se cobre rapidamente e se levanta para ir até a porta. Uma onda de alívio me cobre. Ok, agora podemos ir embora.

Ele abre a porta. A mulher parece aborrecida, acho, mas não tenho certeza. Saio do sofá e pego minha calcinha. Ele diz para ela que acabamos de sair da banheira e estamos nos vestindo, e que já vamos sair.

Mas... Não tão rápido. Ele coloca as mãos em meus ombros e me leva de volta para o sofá. Espere, ele não acabou? Estou confusa. Acho que sinto... Umidade lá atrás. Talvez não. Ele gentilmente tira minha calcinha novamente. Agora há alguém na casa, então eu devia resistir e ir até a mulher que bateu na porta? Mas estou alta, e só quero sair dali. Ele não é rude, e não estou nem mais com medo. Nem mesmo tenho certeza do que ele está fazendo a essa altura, porque estou fechando os olhos com força e está bem escuro e, bem, desde que eu era pequena sempre tive um pouco de medo do escuro. Casa... Só quero ir para *casa*.

Ele se levanta, e eu também. Saio do quarto e pestanejo, feliz em estar fora da escuridão. Quanto tempo estivemos ali? O tempo parecia brincar comigo. Parecia uma hora. Na verdade, foram mais como dez minutos. Vou para o banheiro para me limpar e colocar minha calcinha e começo a recolher minhas roupas mais uma vez. Penteio o cabelo. Vou para casa logo.

Roman me pede para esperar por ele antes de ir lá para fora, mas não obedeço. Quero dizer, sim, tenho de esperar. Ele é minha carona para casa. Mas corro para fora da casa. O que ele achava que faríamos – passar o tempo? Conversar?

Estou com todas as minhas roupas extras nos braços, então me dirijo para a porta da frente e vou para o carro. Não queria encontrar a mulher. Não tinha certeza se podia agir normalmente. Só queria fugir e esperava que ela não me visse. Mas ela viu, e ouvi uma voz na cozinha dizer:

– Oi.

Murmurei “oi” ou “tchau” enquanto passava pela cozinha até a porta e depois para fora. Olhei de relance para ela; era linda, de olhos bem escuros, com cabelo negro grosso e um rosto que era todo planos e ângulos. Essa mulher não achava estranho seu amigo Roman vir aqui com uma criança? Isso acontecia todo dia? Abaixei a cabeça e me esgueirei para fora. Nossos olhos nunca se encontraram.

Ao deixar a casa, eu tinha só uma vaga sensação de que horas eram. O barulho do tráfego ainda era muito forte para ser algum momento perto da meia-noite.

Andei até o carro e sentei no banco do passageiro. Estava feliz em saber que ia para casa logo. Mas estava exausta, confusa e, embora não percebesse, bastante abalada. Comecei a chorar tanto de alívio quanto de raiva. Sabia que algo ruim acontecera, e que eu fizera algumas coisas estúpidas, mas ia ficar tudo bem. Afinal, ele era este homem famoso – e um amante reconhecidamente experiente – que não tinha querido me machucar; até queria que eu sentisse prazer. Mais tarde, ouvi dizer que homens mais velhos que seduzem jovens eram socialmente aceitos no lugar de onde ele veio – que, em sua mente, eu provavelmente devia estar grata por sua experiência, sua técnica.

Mas eu não era europeia. Eu era uma menina norte-americana. E não estava me sentindo grata.

Então, a autorrecriação começou. Deus, por que tomei aquela pílula? No que estava pensando? E por que estava posando de topless? O que há de errado comigo? E agora, olhe ao que isso levou.

A voz de Roman veio do lado de fora da janela do motorista.

– Você está bem? – perguntou. Parecia surpreso por eu estar chorando. – Está tudo bem?

– Sim – engoli o choro.

– Você vai ficar bem?

– Sim, estou bem, não se preocupe. Estou bem.



– Voltarei em um instante. – Ele queria conversar com a mulher na cozinha por alguns minutos. Por alguma razão, eu não queria que ele soubesse que tinha me assustado ou que eu estava chateada. Eu tinha encenado um papel diante da câmera, podia encenar um papel agora.



Tudo ficou em silêncio. O carro era espaçoso e cheirava bem, todo de couro e madeira, e eu estava feliz por estar sozinha. Parei de chorar. Vários minutos se passaram. Eu me perguntei por que ele estava conversando por tanto tempo. Estava falando com aquela mulher? Quem era ela, afinal? Ela vivia ali? Não sei, mas duvido que tenha perguntado por mim. E tenho certeza de que ele nunca disse meu nome para ela. O que ele estava dizendo quando estávamos fazendo aquilo? Não acho que tenha me dito que eu era bonita.



Fiquei sentada por algum tempo naquele grande carro elegante, sentindo-me preocupada e triste. Por fim, Roman voltou, e começamos a voltar pelo longo caminho até o portão. Conforme a estrada descia, parecia terrivelmente escuro de novo. O Valley estava diante de nós, mas eu não tinha percebido até aquele momento quão afastados estávamos, ocultos do resto do mundo por bambu e mata.

O cascalho era esmagado pelo carro, e Roman não disse nada. Eu não disse nada. O que eu devia dizer? *Obrigada pelas fotos?* Olhei pela janela. Naquela tarde, apesar de todas as perguntas de Roman que me deixaram nervosa, o caminho de Woodland Hills me pareceu até meio alegre. Agora não era. Roman me disse que havia trazido as fotografias da nossa primeira sessão, aquelas que tirara na colina ao lado de Flanco Road. Disse que as mostraria para minha mãe e Bob.

– Há algo que não queira que eles vejam? – me perguntou.

Ele estava brincando comigo? Ele nunca teria coragem de mostrar as fotos de topless, teria? Por um lado, pensei, bem, profissionais fazem o que o fotógrafo pede. Por outro – havia minha *mãe*. Não queria que ela visse aquilo. Mas estava cansada

de mentir. Se esse trabalho de modelo fosse seguir adiante, ela teria que descobrir cedo ou tarde.

Ainda era um trabalho de modelo. Certo?

– Pode mostrar todas para eles – respondi.

Talvez, se ele mostrasse as fotos de topless, eu não *tivesse* de dizer nada – minha mãe teria um indício. Ela saberia que algo estava errado. Mas eles haviam confiado neste homem. Talvez, se ele mostrasse aquelas fotos, isso só demonstraria que não tinha nada a esconder. Eu não conseguia descobrir o que aconteceria.

E se ele mencionasse a asma? *Ah, meu Deus. A asma.*

Por alguma razão, foi com isso que fiquei obcecada. Eu seria pega na mentira que usei para tentar me livrar dele. E então teria que explicar por que menti sobre a asma, e então teria que contar... A História. Ah, Deus. Ele ia perguntar se eu tomei remédio, e minha mãe diria: “Para quê?”.

Senti-me culpada por mentir, como se algo que tivesse dito tivesse tornado possível tudo o que se seguiu. Eu deveria ter sabido.

Houve um silêncio, e então:

– Não conte para sua mãe. Este será nosso segredo.

A voz de Roman me arrancou de meu devaneio. Seus olhinhos se estreitavam na escuridão enquanto ele dirigia.

Contar para minha mãe? Ele é louco? Estou sentada aqui, imaginando jeitos de impedir que minha mãe perceba, e ele está pensando que quero contar para ela.

Ele entrou na Peonia Road, uma descida que dava quase em frente a nossa rua, em Flanco Road. Enquanto nos aproximávamos, eu pude ver as luzes de casa acesas. Kim provavelmente estava lá, e Bruce, prestes a se tornar cunhado de minha mãe e meu tio. Provavelmente todo mundo estava esperando por mim em casa, esperando para ouvir como a câmera me amava. Este era o momento em que nascia uma estrela.

O carro parou e saltei para fora. Minha mãe abriu a porta, corri até ela antes que ele pudesse me alcançar e sussurrei:

– Se ele perguntar, diga que tenho asma. Disse isso para ele porque não quis entrar na banheira de hidromassagem.

Isso deve ter feito tanto sentido para minha mãe quanto fez para mim, mas não me importei. Corri para meu quarto, bati a porta e arranquei os sapatos; o tapete felpudo verde abacate era agradável sob meus pés. Vesti minha camisola e sentei na cama, em silêncio. Não sabia o que fazer. Roman me seguira até em casa para ver meus pais. O que aconteceria? Ele mostraria as fotos de topless? E se mostrasse? Ouvi Kim gritando com o cachorro, e então pareceu que Roman tinha partido. Esperei até quando achei que Roman tinha ido embora para ligar para Steve.

Assim que ele atendeu o telefone, comecei a chorar, mas me neguei a dizer o que estava errado. Pedi para ele vir até minha casa. Ele provavelmente pensou que era o drama de sempre, que eu só estava tentando conseguir a atenção dele, já que tinha terminado comigo. Mesmo assim, ele disse que iria. Sabia que eu não parecia bem; estava preocupado. Esperei por ele e, quando a porta se abriu, esperei que fosse Steve. Mas era minha mãe.

– Por que não me contou sobre as fotos? – ela perguntou.

– Não sei – respondi.

Gentilmente, ela fechou a porta e se foi. Não queria fazer com que eu sentisse que era minha culpa, ou que eu havia feito algo errado. *Talvez isso não vá ser tão mau no fim das contas*, pensei. Ela parecia calma. Mas aquela era minha mãe, sempre a mais calma quando o mundo estava desabando ao seu redor.

Quando Steve finalmente chegou, acho que nem o cumprimentei.

– Roman me obrigou a fazer sexo com ele – desabafei. – Ele me fez fazer isso.

– O quê? O que está dizendo? Está inventando isso!

Sim, nada como um garoto sem noção de 17 anos para se fazer confidências. Boa escolha.

– Roman. Ele me obrigou.

– O quê? Ele não fez isso.

– Sim, ele fez! Depois que posei para ele. Eu não sabia o que fazer.

Ah, isso estava indo muito bem. Steve começava a gaguejar quando ficava nervoso – e, agora, estava muito nervoso. Eu ainda

estava alta, e ali estava este cara, por quem eu fora realmente louca e que fora um grande amigo, e ele não acreditava em mim.

Mais tarde, muito mais tarde, depois que tudo aconteceu, pensei em minha amiga Ann. Ela passara por algo muito pior do que aquilo e sobrevivera. Mas também fora incapaz de dizer não. Quando ela teve a chance de ir embora comigo e evitar encrenca, não consegui fazer com que se mexesse. Desta vez, eu não consegui *me* fazer ir embora. Não consegui gritar *Deixe-me em paz!* ou *O que está fazendo, seu imbecil?*

Mas, você sabe, há algo com a fama. Simplesmente há.

Quero dizer, penso nas crianças que dormiam na casa de Michael Jackson e todas as acusações que se seguiram. Penso nos pais delas. Eram pessoas más ou estúpidas? Não. Só queriam acreditar que ser famoso tornava alguém bom.

[Z](#) No Brasil, a methaqualone, ou Quaalude, também é conhecida como mandrix. (N. da T.)

CAPÍTULO 5

Muito do que aconteceu quando cheguei em casa me foi contado anos mais tarde; eu estava muito alta e muito chateada para me lembrar.

Corri para dentro de casa e para meu quarto, mas não antes que minha mãe desse uma boa olhada em mim. Meus olhos estavam vidrados e as pupilas, imensas; meu cabelo estava úmido. *Asma? Por que a Sam diria que tem asma?*

Polanski entrou em casa perfeitamente relaxado e cordial. Devia estar um pouco alto também, mas nada que parecesse fora do normal. Depois de conversar um pouco, ele perguntou se minha mãe e Bob queriam ver as fotos. Eles disseram que sim. Ele foi até o carro e trouxe um envelope de slides, um projetor e um cigarro de maconha. Fumaram juntos.

É impossível dizer, em retrospecto, se Polanski presumiu que, por causa do trabalho de Bob na *Marijuana Monthly*, éramos uma família permissiva de outras maneiras – mais europeia, talvez? Ou talvez não estivesse pensando em nada. Talvez, com a arrogância de alguém que é enaltecido como gênio por todo mundo, ele simplesmente presumisse que seja lá o que fizesse estaria bem.

Enquanto minha mãe e Bob olhavam as fotos, ficavam surpresos ao descobrir que eram amadoras, desfocadas, cortadas de forma aleatória, sem nenhum cuidado com a luz. Algumas me pegaram prematuramente, como se o fotógrafo tivesse clicado cedo demais. Minha mãe conhecia ensaios fotográficos, e ficou imediatamente perplexa com o fato de um homem de cinema como Roman Polanski recorrer a fotos como essas. Eu parecia mais sombria do que sensual, uma mão no quadril, a outra de leve atrás da cabeça, agora com minha camisa de renda branca desabotoada. Não havia

nenhuma jovem Marilyn ali. Quando viram as fotos de topless, minha mãe e Bob paralisaram.

– Filho da puta – minha irmã, Kim, murmurou entredentes. Cães são muito bons em perceber o clima de um ambiente: nossa cadela, Natasha, entrou em frenesi, rodopiando sem parar antes de mijar no tapete da sala.

– O que você está fazendo? – Kim gritou com Natasha, batendo nela e arrastando-a para fora da sala, porque tinha de fazer alguma coisa.

Depois disso, Roman se voltou para Kim.

– Isso não é jeito de disciplinar um cão – falou para minha irmã. Kim olhou para ele com os olhos arregalados. Minha mãe sentiu o sangue subir em seu pescoço, fazendo-a engasgar, os lábios retesados.

– Tirem-no daqui – minha mãe murmurou.

Houve uma grande agitação. As fotografias foram guardadas apressadamente no envelope enquanto Roman explicava que tinha que telefonar para alguém com quem ia se encontrar naquela noite. Bob, aturdido, entregou para Roman o resto do baseado e praticamente o levou até a porta.

Bob andava de um lado para o outro.

– Como ele ousa? Ah, meu Deus, aquele filho da puta fez com que ela tirasse a blusa. Devemos ligar para alguém? Talvez devêssemos ligar para alguém.

Em nossa casa, era minha mãe quem estava no comando. A decisão era dela.

No começo, ela tentou se apaziguar com a legalidade da coisa toda.

– Não assinamos uma autorização. Ele não pode fazer nada com aquelas fotos – disse. Mas não era o bastante. – Ele fez aquilo com minha filha? Achou que estava tudo bem?

Naquele momento, não sabiam nada mais além de que ele tinha tirado fotos minhas de topless – mas isso já era razão suficiente para surtar. Não era só o topless em si, embora fosse isso também. Era a decepção. A traição da confiança. Na mente deles, *Vogue*

significava duas coisas: moda e roupas. Muitas e muitas roupas. A pura maldade das fotos os fez perceber que algo estava errado.

Minha mãe e Bob começaram a discutir alternativas. Ligar para um advogado. Ligar para Jack. Ligar para Henri e contar o que o amigo fizera. Ou, então: não dizer nada. Simplesmente mantê-lo longe de Sam. Estavam se esforçando para manter a calma, comigo no quarto ao lado. Minha mãe falava num sussurro de pânico. Foi até o quarto para deitar e pensar sobre o assunto. Bob se deitou ao lado dela e adormeceu. Minha mãe continuou pensando.

Kim foi dar uma olhada em mim. Estava na porta do meu quarto, prestes a entrar. Deteve-se. A esta altura, Steve já chegara, entrara em casa e estava comigo. Ela escutou minha conversa com ele: *Ele foi até lá embaixo em mim...*

Ela deu meia volta, foi até o fundo da casa e bateu na porta da minha mãe. Minha mãe encarava o teto, uma mão na testa.

– Ele fodeu com ela, mãe – Kim disse. Bob acordou de supetão. Então minha mãe estava no meu quarto.

– Ele fez você fazer sexo com ele?

Eu estava confusa, ainda assustada, alta por causa do Quaalude, mas não entendia, estava apenas grata por estar em casa, e agora minha mãe descobrira. Ela tremia de raiva. *É só sexo*, disse para mim mesma.

– Aconteceu? Diga-me a verdade.

– Sim – respondi.

• • •

Naquela noite, minha mãe se sentou a meu lado em silêncio. De tempos em tempos, me abraçava e chorava um pouco. Não me lembro do que ela disse. Provavelmente, nada. Estava perdida em seus pensamentos.

A história que seria repetida pela imprensa ao longo dos anos era que minha mãe tinha, por falta de termo melhor, me oferecido – que tinha me arranjado para Roman como uma espécie de isca, não apenas pela minha carreira, mas pela própria.

De fato, por mais improvável que pareça, nunca, jamais passou pela cabeça dela que ele faria sexo comigo. Primeiro, mesmo que existissem filmes como *Taxi Driver* e *Manhattan*, que apresentavam uma prostituta de 12 anos e o relacionamento de um homem de 40 com uma aluna do ensino médio, ninguém falava sobre abuso infantil na vida real. O caso da creche McMartin, por exemplo, no qual os donos do estabelecimento foram (falsa e histericamente) acusados de ataques sexuais ritualísticos em crianças, ainda estava a muitos anos no futuro. E por mais que eu tenha agido como uma adulta... Eu *parecia* uma criança.

E também havia a fama de Roman. Isso o protegia, mas não só do jeito que as pessoas presumiam. Nós queríamos algo dele – esse seria o primeiro pensamento das pessoas. Realmente queríamos algo dele. Mas a ideia de que minha mãe pensava em outra coisa por causa da fama dele – isso era falso. Veja, por causa da fama de Roman, ela nunca, nem por um segundo, pensou que *teria* de pensar em outra coisa. Ele tinha tido Sharon Tate. Tinha tido Nastassja Kinski. Ora, alguém que podia ter as mulheres mais estonteantes do mundo iria querer algo com uma menina de 13 anos cujo par perfeito era Steven Tyler e cujo melhor amigo era uma ave?

Mas, então, a resposta real para “Por que eu?” é bastante simples – como a resposta de Sir Edmund Hillary⁸ para “Por que subir o Monte Everest?”.

Porque eu estava lá.

Ao longo dos anos, muitos disseram que minha mãe não podia ser tão ingênua; certamente ela tinha tido suas próprias experiências com o teste do sofá. Bem, de fato, não teve. Ela participava de testes principalmente para comerciais, que era um ramo mais simples – você tinha que agradar a um monte de “engravatados”, não de artistas. Uma vez, foi chamada pelo diretor de um estúdio realmente grande, porque “seu retrato estava na minha mesa e fiquei intrigado e quis conhecê-la”. Ele queria saber se minha mãe tinha alguém que cuidasse dela, ela disse que não, que estava se dando bem cuidando de si mesma – e foi isso.

Mas, naquela noite, ela não estava sentada e pensando nisso racionalmente. Estava pensando no quão idiota fora. E no que fazer na sequência. Eu a ouvia dizer uma e outra vez, “Filho da puta. Filho da puta. Vou matá-lo”.

Depois de muita discussão e idas e vindas, decidiram ligar para Ed. Ed Ehrlich era o contador de minha mãe. Exatamente por que ela achou que o contador podia ser a melhor pessoa para quem ligar em uma situação como essa é um mistério, mas parece que ele era, para ela, um “consertador” equilibrado, aquele em quem se podia confiar para tomar uma decisão de cabeça fria, separada de emoções desagradáveis. E talvez ele conhecesse um bom advogado.

– Chame a polícia – ele disse.

• • •

Em uma hora, dois policiais uniformizados estavam parados no quarto de Kim – no de Kim, não no meu, porque o meu estava no estado habitual de bagunça. Minha mãe, Kim e eu estávamos sentadas na beira da cama. Eles provavelmente teriam se sentado também, se tivesse lugar para isso. Como não havia, assomavam sobre nós. A polícia com frequência parece meio entediada. Esses não estavam. O nome Roman Polanski chamara a atenção deles.

– Conte tudo para eles – minha mãe disse.

Não sei se teria sido tão honesta se não estivesse tão alta. Como desejei, ao longo dos anos, nunca ter contado para ninguém sobre aquela cutucada na minha bunda.

Sentia como se estivesse em uma audição. Só que eu não olhava para eles enquanto escreviam. Tampouco falava para eles, na verdade.

Por que o senhor Polanski estava tirando fotos suas?

Ele a obrigou a fazer isso?

Em algum momento ele bateu em você?

Ele ofereceu álcool ou drogas?

Ele tocou em você? O que ele fez? O que você fez?

Você sabe o que é relação sexual?

– Sim – respondi para os policiais.

O senhor Polanski introduziu o pênis na sua vagina?

– Sim.

E então: ele fez mais alguma coisa?

Demorei um pouco para responder. Sussurrei a resposta para Kim. Ela prendeu a respiração. Acho que estava se esforçando para segurar o choro. Ela olhou para minha mãe.

– Sim – Kim disse para os policiais. – Ele também colocou na bunda dela.

Ao ouvir isso, minha mãe caiu de costas na cama com os braços sobre a cabeça, sussurrando “ah, meu Deus”. A reação dela realmente me assustou. Isso era uma coisa horrível? Tipo, pior do que a outra?

Comecei o dia na sala de aula, e agora estava deitada em um pedaço de espuma de látex coberto de plástico em um cubículo cercado por cortinas na sala de emergência do Hospital Parkwood, a dez minutos de casa. Eu já estivera em hospitais antes – tinha infecções crônicas de bexiga quando criança –, mas, desta vez, havia um sentimento de crise. A polícia esperava por mim no corredor, duas enfermeiras seguravam pranchetas, correndo de um lado para o outro em silêncio. E todo mundo olhava para mim – com curiosidade, com simpatia, com desconfiança, talvez com os três. Ninguém falava comigo, o que provavelmente era melhor, já que eu estava fervilhando.

Que eu estivesse ali era culpa da minha mãe. Minha maldita mãe! Eu não estava sangrando ou machucada. Se minha mãe não tivesse chamado a polícia, eu poderia estar em casa agora, na minha cama, dormindo, em vez de estar com uma roupa verde gelada de hospital, depois da meia-noite. E não deixaram que ela ficasse na sala enquanto me examinavam. Eu queria que ela estivesse ali, para que pudesse ver quão brava eu estava.

– Onde está minha mãe? Ela pode entrar?

– Sua mãe está lá fora, esperando – as enfermeiras disseram.

– Onde está minha mãe e onde está Bob?

– Estão ambos lá fora. Você poderá vê-los em breve.

O doutor chegou e pareceu bastante gentil, passando por várias das mesmas questões. Mas comecei a ter essa ideia engraçada de que minha mãe ser mantida na área de espera não era normal e não era por acaso. Tive essa sensação não porque o médico tenha perguntado sobre minha mãe, mas porque não fez isso. Cedo ou tarde, os adultos sempre perguntam sobre sua mãe ou pai. É assim que funciona. Exceto com este médico e com Roman. Eles me queriam sozinha.

– Quantos anos você tem? – o médico perguntou. – Vou explicar o que estou fazendo. Não vou machucar você. – Não tinha pensado que ele fosse... Mas como eu poderia saber? Nunca tinha feito um exame ginecológico antes.

A próxima coisa que sei é que meus joelhos estavam levantados e eu olhava para o rosto dele entre minhas coxas, meus pés presos naqueles malditos estribos. Mas meus músculos estavam relaxados – relaxados *demais* para alguém que fazia um exame desses pela primeira vez na vida. Mesmo assim, ninguém me perguntou por que meu corpo parecia de borracha; se tivessem feito isso, poderiam ter me testado para drogas.

O médico olhou dentro de mim, eu podia sentir seus dedos através das luvas de borracha, não cutucando, mas fazendo pequenos círculos nas bordas antes de sondarem mais profundamente. Ele perguntou se estava me machucando. Parecia estar procurando alguma coisa.

– Já fez sexo antes?

– Sim.

– Quantas vezes?

Aí estava de novo. A pergunta. Eu mentira quando Roman perguntou porque achei que “uma vez” pareceria estúpido. Disse para ele que duas vezes. Se eu desse uma resposta diferente para o médico, ele descobriria de algum jeito, e perceberia que eu disse uma coisa para Roman e outra para ele. E então eu seria a menina que mentiu.

– Duas vezes – respondi. Ele franziu o cenho.

Depois que ele terminou e eu me vesti, fui levada de volta à entrada e aos policiais que tinham vindo comigo de casa. Eu

encarava meus pés. Estava com uma vontade súbita de gargalhar, e estava mortificada com isso. O que havia de errado comigo? Isso não era engraçado. Mas o Quaalude ainda estava em meu corpo, assim como toda a moleza e euforia da droga. O médico voltou com mais perguntas e sua própria prancheta, na qual escrevia enquanto assentia com gentileza. Ele falava com a polícia e com meus pais, não comigo.

Neste momento, alguma coisa mudou. Ainda é difícil dizer como ou por quê. Mas não éramos apenas uma família perturbada com uma criança que fora estuprada. Se estivéssemos acusando algum cara da rua, algum parente desagradável, teria sido mais entediante, mas teria sido crível. No nosso caso, no entanto, estávamos acusando um dos diretores de cinema mais famosos do mundo – e um que, passados menos de dez anos do assassinato de Tate, tinha muita simpatia de todos nesta cidade de uma só indústria.

– Eles acham que estamos mentindo – minha mãe sussurrou para Bob.

Fazia frio no hospital. Na sala de espera, minha mãe estendeu a mão para mim, mas mal olhei para ela. Em vez disso, me agarrei a Bob. Isso tampouco caiu bem aos olhos da equipe do hospital, como descobri mais tarde.

Depois de um tempo, deram os documentos de liberação para minha mãe e, fora isso, nenhuma outra instrução da qual alguém pudesse se lembrar. Olhando os formulários rapidamente, ela pegou o que pensou ser um erro.

– Você a indicou como “casada” – minha mãe falou para a enfermeira.

– Não, senhora – a enfermeira disse, apontando a linha que marcava *condição vaginal*. Minha mãe pestanejou. Condição vaginal: casada?

– Ela tem 13 anos. É claro que não é casada.

A enfermeira disse algo sobre o fato de que *casada* era a palavra que o hospital encorajava que fosse usada para explicar minha “situação”. Minha mãe não entendeu.

– Mas ela tem 13 anos – insistiu. Chamaram o médico, que repetiu o que a enfermeira dissera, e minha mãe repetiu o que havia dito para a enfermeira, só que mais alto. A palavra permaneceu.

Você pode pensar que alguém devia ter se perguntado por que eu parecia um zumbi; um exame de sangue teria revelado a presença de álcool e de Quaalude. Ninguém tirou meu sangue. Talvez tenham simplesmente presumido que *era claro* que eu tinha bebido e me drogado. Eu era só outra putinha ferrada.

• • •

Deixamos o hospital e seguimos até a delegacia de polícia, em Reseda. Eu estava quieta. Bob e minha mãe discutiam a insinuação que haviam ouvido no pronto-socorro.

Ficamos sentados na sala de espera. Delegacias de polícia têm cheiro de café, suor e cigarros, e todo mundo ali parecia cansado. Fui levada para um pequeno escritório bagunçado, onde devia sentar e esperar. Tinha uma mesa padrão de metal e duas cadeiras. A porta foi fechada atrás de mim. No quadro de avisos a meu lado havia um relatório sobre um homem que fora espancado e estuprado por duas mulheres com uma garrafa de Coca-Cola. Eu o li duas vezes antes que o detetive viesse e se apresentasse.

O detetive Philip Vannatter era alto e encorpado, e tinha o rosto de um diretor de ensino médio: olhos profundos, sobrancelhas grossas, uma expressão o tempo todo franzida de preocupação. Anos mais tarde, ele se tornaria famoso nacionalmente como investigador-chefe do caso de assassinato de O. J. Simpson. Mas, naquele momento, era apenas outro detetive esperto e durão do Departamento de Polícia de Los Angeles. Ao contrário de todo mundo que havíamos encontrado até aquele momento, ele pareceu não ter opinião formada sobre mim ou as circunstâncias. Foi a primeira pessoa que não me tratou como se eu estivesse mentindo.

– Sinto muito que tenha que passar por isso – ele disse.

Eu me permiti sorrir.

– Quando encontrou o senhor Polanski pela primeira vez? – ele perguntou.

– Há mais ou menos um mês – respondi.

– Ele a obrigou a ir com ele?

– Não – em um cenário oficial como este, teria sido difícil explicar como nos conhecemos, como eu queria ser modelo, mas que, na verdade, não queria ser fotografada por *ele*.

– Que tipo de fotos ele tirou de você?

Contei para ele sobre a sessão de fotos na colina, as fotos na casa de Jacqueline Bisset, as fotos bebendo champanhe, as fotos sob a luz de Nicholson e as fotos na banheira.

O senhor Polanski lhe deu champanhe? Ele lhe deu drogas? Você sabe o que é sexo? O senhor Polanski fez sexo com você?

Não acho que o detetive Vannatter tenha me perguntado se eu fora forçada a fazer sexo. Esta questão, percebi, não o interessava muito. Ele fazia as perguntas com calma e não me deixou embaraçada. Tinha um sorriso gentil e fino. Desta vez, não me incomodei que minha mãe e Bob tivessem sido orientados a ficar na sala de espera enquanto eu era levada para dentro. Pela primeira vez em toda aquela noite, ninguém estava me encarando com curiosidade, e eu me sentia calma e segura.

Não lembro de o detetive Vannatter fazer anotações, mas deve ter feito. Ele certamente tinha algum tipo de sistema, porque repetia as perguntas com a mesma voz firme, no mesmo tom, assentindo pensativamente uma vez e outra, como se estivéssemos refilmando a cena.

Não me perdi com a repetição. Não achava que ele estivesse tentando me pegar em uma armadilha. Estava claro que só queria que minhas respostas fossem acuradas. E, uma vez que eu estava dizendo a verdade, não senti pressão para me sair bem.

Mesmo assim, havia essa sensação poderosa de que o trem havia partido da estação, e que eu estava no maldito trem errado.

• • •

Dormimos pouco naquela noite. Na manhã seguinte, minha mãe, Bob e eu fomos para Santa Monica, uma cidade praiana perto de onde vivíamos, em Pacific Palisades. Entramos na Suprema Corte da Califórnia, um edifício amplo, cercado de palmeiras. Disseram-me que eu precisava conversar com o promotor distrital. A coisa toda tinha um ar de segredo. Nem mesmo estacionamos na frente; tivemos de dirigir até uma garagem subterrânea. Talvez houvesse alguma razão perfeitamente lógica para isso, mas parecia que toda a situação era altamente confidencial.

Logo estávamos no escritório do vice-promotor distrital, Michael J. Montagna, encarando ladrilhos sem graça que me recordavam o chão da escola. Cansada, e simplesmente querendo que alguém cuidasse de mim, eu agia como um bebê. Sentei no colo de minha mãe por um tempo, depois no de Bob. Fui levada sozinha para um escritório. Havia pelo menos dois homens lá, e uma mulher atrás de mim.

Eu estava sentada em uma cadeira de madeira. Do outro lado da escrivaninha do promotor distrital, um homem mais velho com cabelo escuro e aparência nitidamente infeliz, mas que, mesmo assim, saboreava sua autoridade sobre todos na sala. Todo mundo no aposento parecia querer ficar o mais longe possível dele.

Ele olhou para mim com intensidade, e disse que queria respostas verdadeiras. Do mesmo jeito que eu sentira imediatamente que o detetive Vannatter tinha acreditado em mim, de imediato senti que este homem não acreditava. Fiquei tensa, em parte por causa da mulher sentada bem atrás de mim. Tinham me explicado que, porque eu era do sexo feminino, era necessário ter outra mulher na sala, mas me deixou inquieta não conseguir vê-la, apesar de sentir sua presença. Se ela estava lá para me proporcionar uma sensação de conforto, bem, não estava funcionando.

Pelo menos, com o detetive Vannatter, tinha sido ele e eu. Nossa conversa parecera privada. Mas aqui eu estava cercada de pessoas. Os outros homens, cujos nomes não fiquei sabendo, olhavam para mim sem expressão. Até seus sorrisos educados de tempos em tempos eram monótonos. Mais uma vez encarei questões sobre se

eu tinha feito sexo antes de conhecer o senhor Polanski, e outras perguntas a respeito de partes do corpo e o que o senhor Polanski havia feito comigo e o que eu fizera em resposta.

Por que você tirou a roupa e entrou na banheira?

Onde o senhor Polanski a tocou?

Você já tinha feito sexo antes? E então: você já fez sexo com Bob?

Com *Bob*?

Agora eu estava furiosa. Sentei rígida, com os braços cruzados, e cuspi as respostas. Não acho que causei boa impressão, mas naquele momento não via motivo para isso. Fora eu quem fora estuprada. Por que todo mundo ficava me perguntando sobre o que eu tinha feito com meu namorado e o que tinha feito com o namorado da minha *mãe*?

Fiquei aliviada quando acabou, mas antes que pudesse ir embora, tiveram que pegar minhas impressões digitais. Estavam investigando a cena do crime, e precisavam ser capazes de distinguir todas as digitais da casa. Eu estava zangada – o que eu tinha feito para ser tratada assim? – mas também era uma criança que tinha tido minha dose de programas criminais, então tinha algo meio legal em ser tratada como uma criminosa. Ter visto esse tipo de coisa na TV tornava tudo mais real.

Durante a noite e a manhã, perguntaram-me sobre o senhor Polanski: O que ele disse? O que ele fez? E que tipo de relacionamento tínhamos?

Minha mãe ficou resmungando a respeito do filho da puta que fizera isso com sua filha. Mas não posso dizer que, durante todas aquelas horas, eu tivesse pensado nele ao menos uma vez. Quero dizer, pensado nele de verdade. Eu não estava zangada com ele. Não lamentava por dele. Nada. Ele rapidamente se tornara irreal, um homem que existia apenas em um papel ou um filme.

Mais tarde, no entanto, me perguntei: Onde ele estava? No que estava pensando? Estava com raiva de mim? Lamentava por mim? Sentia alguma coisa?

Um ou dois dias mais tarde, abri o jornal. Lá estávamos nós.

[8](#) Sir Edmund Percival Hillary foi um alpinista e explorador neozelandês, famoso principalmente pela primeira escalada bem-sucedida do Monte Everest, em 29 de maio de 1953. (N. da T.)

PARTE DOIS

CAPÍTULO 6

POLANSKI PRESO POR ESTUPRO

12 de março

LOS ANGELES (AP): o produtor de filmes Roman Polanski foi preso e fichado pela acusação de estuprar uma menina de 13 anos. Polanski foi preso na noite de sexta-feira, um dia depois que o suposto estupro ocorreu, no lado oeste de Los Angeles, na casa do ator Jack Nicholson. Ele foi solto após pagar fiança de US\$ 2.500,00.

A polícia também prendeu Anjelica Huston, de 26 anos, filha do diretor John Huston, pela acusação de posse de cocaína. Ela foi fichada e solta após pagar fiança de US\$ 1.500,00.

A polícia e os investigadores da promotoria distrital prenderam Polanski, de 43 anos, na sexta-feira, às 20h, no Beverly Wilshire Hotel, em Beverly Hills, disse o porta-voz da polícia.

Segundo relatos, a queixa contra Polanski foi feita pela mãe da menina.

A senhorita Huston foi presa na sexta-feira, quando policiais foram até a casa de Nicholson em Mulholland Drive em busca de evidências para o caso de estupro.

O porta-voz da polícia, tenente Dan Cooke, disse que os relatos afirmam que Polanski e a menina estavam sozinhos na casa durante o suposto estupro. Não se sabe, até este momento, onde Nicholson estava.

Os policiais se recusaram a dar outros detalhes sobre o caso.

Polanski foi casado com Sharon Tate. Ela e outras quatro pessoas foram assassinadas na casa do produtor, em Hollywood, por Charles Manson e seus seguidores em 1969, enquanto Polanski estava em Londres.

Roman Polanski foi preso na sexta-feira à noite, 11 de março, cerca de vinte e quatro horas depois que deixamos a casa de Jack Nicholson. Ninguém ligou para nos contar o que acontecera. Minha mãe e Bob ficaram sabendo pelo jornal. Era perturbador pensar que alguma coisa do que eu dissera para a polícia, para o detetive Vannatter e para o vice-promotor distrital fosse agora aparecer no jornal para que o mundo lesse. Aquele primeiro artigo da agência de notícias dizia que Polanski atraía uma menina de 13 anos para

a casa de Jack Nicholson, sob o pretexto de fotografá-la, e a drogara e estuprara. Ele também era suspeito de sodomia, de abuso sexual infantil e de fornecer drogas perigosas para uma menor de idade.

Pensei, “Isso parece muita merda por algo que durou só alguns minutos.”

Notícias subsequentes diziam que minha mãe e Polanski se encontraram para planejar as sessões de fotos, e que minha mãe tinha ficado zangada depois de ver as imagens de topless. As implicações eram óbvias: pais caçadores de ouro, filha atraente como pagamento. Vários anos depois, em 1984, Polanski escreveria uma autobiografia, *Roman*. Ele diria que, naquele primeiro encontro em nossa casa, minha mãe pedira que ele lhe recomendasse um bom agente, e que Bob pedira que ele repassasse para Jack Nicholson um pedido de entrevista para a revista *Marijuana Monthly*, porque Nicholson era conhecido por apoiar a legalização de drogas leves como a maconha.

Minha mãe realmente pediu que ele recomendasse um agente. Bob realmente pediu que Polanski repassasse o pedido de entrevista. Isso implicava que haveria algum tipo de toma-lá-dá-cá para as cortesias profissionais, que incluía transar com alguém de 13 anos? (Nem o agente nem a entrevista de Nicholson se concretizaram.)

Logo descobrimos também que, durante uma das buscas na casa de Nicholson, Anjelica Huston, namorada de longa data do ator, fora presa acusada de posse de cocaína. A mulher de cabelos escuros que batera na porta durante o estupro – aquela era Huston; supostamente, ela não deveria estar na casa naquele dia, porque ela e Nicholson haviam terminado o relacionamento fazia pouco tempo. Mas, agora, eu a colocara em encrenca também. Poderia ocorrer a alguém que fazer inimigos como Jack Nicholson e Anjelica Huston não era receita para o sucesso em Hollywood.

(Aliás, algumas notícias também sugeriam que fora eu quem levava cocaína e Quaaludes para a casa. Uns poucos me taxaram como traficante de drogas.)

Mais tarde ainda, soubemos de outros detalhes. Depois de me estuprar na casa de Nicholson e me deixar em casa, Polanski retornou à rotina. Naquela noite, tinha uma reunião com Robert De Niro para discutir a criação de um filme baseado no romance de William Goldman, *Magic*. (Posteriormente, o filme foi dirigido por Richard Attenborough, estrelado não por De Niro, mas por Anthony Hopkins.)

No dia seguinte, o detetive Vannatter e um assistente da promotoria distrital, chamado Jim Grodin, foram até o Beverly Wilshire Hotel, onde Polanski estava hospedado. Ele estava com amigos no *lobby*, preparando-se para sair, quando os dois investigadores chegaram. Pediram para falar com ele, e ele se separou do grupo, perguntando se aquilo ia demorar mais do que alguns minutos. Estava impaciente para prosseguir com a noite na cidade.

Polanski parecia não ter nenhuma ideia de que tinha feito algo errado – embora tivesse tentado discretamente se livrar do Quaalude que estava segurando; o policial que o prendeu percebeu e pegou a pílula. Esse fato sozinho era estranho, uma vez que Polanski tinha receita médica para Quaaludes, por causa de problemas de sono. Só é possível especular que, talvez, naquele momento, pareceria óbvio demais que ele não estava usando as pílulas para dormir.

Vannatter e Grodin lhe mostraram o mandado de busca e, uma vez dentro de sua suíte no hotel, encontraram (mas ignoraram) a pequena embalagem amarela que continha as pílulas. Também acharam um recibo da Sav-On Drugs, onde Roman deixara um filme para ser revelado. O filme continha minhas fotos na banheira de Nicholson, nua até a cintura.

Boatos terríveis começaram a vazar, lenta mas constantemente, enquanto a imprensa tentava intensificar o que já era sensacional. O Quaalude que tomei foi descrito como a mesma droga que o ator Freddie Prinze tomara antes de dar um tiro na cabeça. O testemunho de Anjelica Huston também proporcionou muita munição. Em troca de imunidade contra a queixa de posse de cocaína, ela concordou em testemunhar pela acusação. Mas suas

declarações pareciam seguir a narrativa que a defesa tentava criar. Foi assim que ela me descreveu: “[A garota] não parecia estar angustiada... Tinha a respiração agitada quando saiu. Parecia mal-humorada, o que me pareceu um pouco rude... Parecia ser aquele tipo de garota entre – podia ter qualquer idade acima de 25 anos... Sabe, ela não parecia uma coisinha assustada...”. Sobre Polanski, disse: “Sempre o vi como um homem que tem compaixão, não como alguém que machucaria forçadamente outra pessoa... Não acho que seja um homem mau. Acho que é um homem infeliz”.

As notícias se referiam a Polanski como o “diretor polonês e viúvo da atriz assassinada Sharon Tate”. Polanski não estava só no auge de sua carreira, mas também era como uma figura trágica em Hollywood. Havia algo nas entrelinhas daquelas primeiras notícias: quem era aquela vadiazinha que tentava apanhar um dos maiores diretores de todos os tempos em uma armadilha? O pobre Roman já não sofrera o bastante?

As duas semanas seguintes foram confusas. Polanski pagou a fiança, e havia repórteres de TV mostrando-o sendo empurrado através de uma multidão de câmeras e microfones, com um homem alto e carrancudo, com costeletas grossas, a seu lado. Era o advogado dele, Douglas Dalton. O advogado negava vigorosamente com a cabeça quando os jornalistas gritavam perguntas para ele. Comecei a notar que, com frequência, o canal era mudado quando eu entrava na sala.

Quando lhe perguntaram por que as fotos pareciam tão amadoras, Polanski explicou para seus amigos que elas eram intencionalmente desfocadas, como se tomadas durante um voo. Tinha se inspirado, afirmou, no fotógrafo britânico David Hamilton, cujas fotos sonhadoras e granuladas de meninas (frequentemente nuas) pré-adolescentes – de 10, 11 anos – faziam furor na época. Enquanto o jornal inglês *The Guardian* observava que as fotos de Hamilton estavam “na vanguarda do debate ‘É arte ou pornografia?’”, esse debate se dava em especial na Inglaterra e nos Estados Unidos. Seu trabalho não era nem um pouco controverso na França, seu lar havia décadas. “É como o burro perseguindo a cenoura por toda a vida”, Hamilton dissera sobre seu trabalho em

uma entrevista. “Garotas, garotas, garotas. É disso que se trata. Melhor do que jogar futebol ou críquete, acho.” Aquela observação moralmente ambígua poderia muito bem ter vindo do próprio Polanski.

Minha mãe estava morrendo de medo que meu nome aparecesse nas notícias, uma preocupação que dificilmente seria infundada. Enquanto a imprensa norte-americana em geral resistia em publicar os nomes das vítimas de estupro, a imprensa europeia tinha uma atitude diferente sobre essas coisas. Lá, onde Roman Polanski era considerado um gênio e um herói cultural, eu não era nada mais do que um incômodo, uma apóstata sem direitos.

Em sua autobiografia, Polanski descreveria como a acusação imediatamente fez dele alvo de piadas (“Sabe qual o nome do novo filme de Polanski? Contatos Imediatos com o 3º Grau”) e de fracasso cinematográfico nos Estados Unidos. “Eu era um pária”, ele escreveu. “Não podemos ter um estuprador em nossa agência”, ele citou a frase de sua ex-agente Sue Mengers. Polanski prosseguiu, “Embora mais tarde ela revisse seu julgamento – indo para o outro extremo, de fato – sua atitude inicial foi compartilhada pela maior parte de Hollywood”.

A memória de Polanski é falha neste ponto – ou talvez seja simplesmente conveniente para aplacar o remorso. Desde o início, houve pouca indignação entre as figuras proeminentes de Hollywood. Mas qualquer perseguição que ele possa ter sentido aqui não estava em debate na Europa: lá, ele era uma figura extremamente simpática, e era mais fácil vê-lo como vítima – se não de uma armação mal-intencionada, pelo menos da obsessão norte-americana com as celebridades e do desejo de toda garota bonita aspirante de conseguir fama não importava como. E os norte-americanos – tão puritanos, tão obcecados com sexo e travessuras sexuais!

Minha mãe se sentiu aliviada ao vê-lo ser preso, mas eu não tinha tanta certeza: ainda sentia que tinha causado isso a mim mesma, pelo menos em parte. Se eu tivesse sido esperta ou se tivesse lutado mais, ou se não tivesse bebido o champanhe ou tomado o Quaalude, ou... E assim por diante... Então poderia ter

encontrado um jeito de escapar da casa de Nicholson antes que as coisas saíssem do controle. Então eu não estaria nesta situação – nem Polanski.

Eu sabia que não quisera fazer sexo com Roman, mas isso tornava aquilo estupro? Eu achava que estupro tinha que ser violento. Quando me disseram que o que ele fizera era um crime sério por causa da minha idade, fiquei chocada. Embora eu não tivesse certeza de como chamar o que acontecera, certamente não via o fato como o próprio Polanski descreveria mais tarde, em sua autobiografia: “Entre todas as minhas muitas premonições para o desastre, uma ideia jamais cruzou minha mente: que eu seria enviado para a prisão, que minha vida e carreira seriam arruinadas por fazer amor”.

Fazer amor? Sério? Em que planeta aquilo que acontecera poderia ser considerado “fazer amor”?

Mesmo assim, eu não fora brutalizada. Não fora arrastada para o mato. Nunca me senti em perigo físico, e nunca me senti “coitada”. Pelo menos não por ter sido estuprada.

CAPÍTULO 7

No final de março tive de comparecer diante desta coisa chamada grande júri. Não sabia muito sobre ele, mas sabia que teria de contar detalhes do que ocorrera na casa de Jack Nicholson para vinte e três estranhos. Era assim que a corte determinava se uma pessoa seria indiciada por um crime e se o julgamento poderia prosseguir. Havia evidência suficiente? Havia alguma evidência? Acreditariam em mim?

Tentei não pensar nisso. Voltei para a escola uma semana após o estupro, e retomei até mesmo as aulas de acrobacia, principalmente para dar a aparência de que tudo estava normal. Meu nome ainda não tinha aparecido, e as notícias sobre a prisão de Polanski não eram tema de conversas no colégio. Mesmo assim, eu sabia que não demoraria muito até que as pessoas descobrissem. Eu tinha contado para meus amigos sobre o trabalho como modelo que estava fazendo com um diretor famoso, e minha amiga Terri, é claro, sabia que eu saíra com Roman naquele dia. As pessoas logo juntariam as peças e perceberiam que eu era A Menina.

Eu não estava exatamente isolada do mundo, mas minha família fez um imenso esforço para criar um apagão de mídia ao meu redor. Televisores e aparelhos de rádios foram desligados, jornais eram escondidos; havia montes de silêncios repentinos.

Todo aquele não-pense-no-assunto me deixava nervosa. Todos aqueles olhares tristes e preocupados me irritavam. Eu era a adolescente tudo-está-normal mais ranzinza que alguém já viu.

Com toda honestidade, acho que queria que minha mãe sofresse. Olhe para a confusão terrível na qual ela nos meteu. Se tivesse ficado de boca fechada! Eu não olhava para ela, e se respondia alguma coisa era apenas em monossílabos. Agora, me mata

perceber pelo que ela passava naquela época: superar a autorrecriação, o sentimento de ter falhado em sua maior responsabilidade – me proteger. Ela também tinha preocupações mais práticas. Aqueles comerciais da Ourisman Chevrolet que ela filmava a cada seis meses, quando viajava para o leste, eram o esteio da nossa renda fazia anos. Se trouxesse publicidade negativa para a companhia, se deixasse de ser garota-propaganda da concessionária, podíamos dar adeus à vida ensolarada no Valley.

Ninguém se lembra com certeza de quando meu pai foi avisado, embora todos presumamos que tenha sido no dia seguinte ao estupro. Penso em meu pai ouvindo as notícias em York, e sua raiva silenciosa é mais assustadora do que qualquer coisa que a fúria visível de minha mãe pudesse produzir. Consigo imaginá-lo chorando, também, da mesma maneira que ele fez quando me deixou no aeroporto no verão anterior. Eram lágrimas quentes e silenciosas, do tipo que um homem chora quando está furioso e impotente.

• • •

A manhã do testemunho no grande júri, em 24 de março de 1977, estava ensolarada, mas excepcionalmente fria. Rajadas de vento vinham do oceano, que está a apenas poucas quadras do tribunal de Santa Monica, para onde o caso fora distribuído.

Entramos pelo fundo do edifício, por uma garagem no subsolo, para evitar os repórteres. Minha mãe fazia exercícios de respiração para se acalmar, enquanto Bob dirigia. Nossa chegada foi relativamente calma. Polanski, por outro lado, fora cercado do lado de fora vários dias antes – não apenas pela imprensa, mas por um grupo de meninas do colégio local que visitava o tribunal. Agiram como se ele fosse David Cassidy, gritando e pedindo seu autógrafo. Segundo eu soube depois, houve uma briga entre os repórteres e as meninas do colégio, todos disputando uma melhor posição.

O juiz responsável pelo caso era um homem chamado Laurence J. Rittenband. Rittenband nunca tivera dúvidas sobre o que faria com sua vida. Foi diretamente do ensino médio para a faculdade de

direito da New York University. Mas quando foi declarado jovem demais para fazer o exame da ordem dos advogados, foi para a Escola de Direito de Harvard por alguns anos e se graduou com louvor. Trabalhou no escritório do procurador federal em Nova York, serviu na Segunda Guerra Mundial e, depois de um tempo, mudou-se para a Califórnia. Foi nomeado juiz da corte municipal de Los Angeles e depois, pelo governador da Califórnia, para a Suprema Corte, em 1961.

Rittenband era solteiro e *bon vivant*, e tinha atração por algumas das figuras mais provocantes da jurisprudência. Era conhecidamente um bom amigo de Sidney Korshak, advogado de Los Angeles e quebra-galhos da máfia de Chicago na costa oeste. Na época que Roman foi acusado, Rittenband, aos 71 anos, tinha duas namoradas de longa data, segundo a documentarista do filme sobre Polanski, Marina Zenovich. “Tenho uma que cozinha e uma que faz outras coisas”, ele se gabava. Aquela que fazia “outras coisas” – Marlene Roden – tinha apenas vinte anos de idade quando conheceu o juiz. Era claro que Rittenband gostava muito de mulheres mais jovens, e Zenovich sugere que ele viu um pouco de si em Polanski.

O juiz tinha grande orgulho de sua participação no elegante e quase exclusivo Jewish Hillcrest Country Club. Em 1979, a taxa de iniciação custava cerca de US\$ 50 mil (hoje, em 2013, US\$ 180 mil); entre os sócios daquela época estavam Groucho Marx, Milton Berle e Jack Benny. (Danny Thomas foi o primeiro não judeu a ser admitido, o que fez Benny ironizar que, se iam admitir um gentio, pelo menos poderiam encontrar alguém que parecesse um gentio). Em uma cidade onde vários negócios eram fechados no campo de golfe, a participação neste clube podia fazer uma carreira.

Pecadilhos pessoais à parte, Rittenband era considerado um juiz muito esperto e justo, alguém que se preparava para o julgamento e que ouvia todos os argumentos. Ao mesmo tempo, não suportava tolos. Não era desagradável, mas era brusco; nunca amenizava nada.

Tinha uma fraqueza, no entanto, e acabou sendo uma fraqueza trágica: era viciado em casos midiáticos. Durante sua longa

carreira, presidiu o divórcio de Elvis Presley, a batalha pela custódia do filho de Marlon Brando e um processo de paternidade contra Cary Grant. Como juiz mais antigo em Santa Monica, Rittenband usou seu poder e posição para substituir o juiz indicado originalmente para o caso Polanski. Indicou a si mesmo.

Relatos de seus comentários sobre o caso com outros membros de Hillcrest eram constantes; um membro do clube desde a década de 1970 recentemente contou para um amigo meu que Rittenband era um “imbecil pomposo” que não conseguia resistir a regalar seus camaradas com detalhes dos casos que presidia. Segundo uma reportagem da revista *People* daquela época, o juiz, que mantinha dois álbuns encadernados em couro cheios de recortes de jornais de seus julgamentos passados, tinha zombado da ideia de que Polanski não poderia ter um julgamento justo em Los Angeles. “As pessoas aqui são mais sofisticadas do que em qualquer outro lugar do país”, ele afirmou, “e, pelo que fui capaz de reunir, a opinião pública está dividida sobre de quem é a culpa. Há aqueles que pensam que Polanski é um demônio, e outros que se perguntam por que uma mãe deixaria a filha de 13 anos sair por aí com um diretor de cinema de 43”. O fato de que um juiz de um caso em andamento estivesse dando uma entrevista para a revista *People* diz muito sobre quem ele era e o que valorizava.

De qualquer modo, o grande júri estava lá para decidir se Polanski seria indiciado em seis acusações: fornecer drogas controladas para uma menor de idade; cometer ato lascivo ou libidinoso; manter relações sexuais ilegais; perversão; sodomia; e estupro sob uso de drogas. Eu não estava pensando em nada daquilo, é claro. Eu só pensava em sentar sob as luzes, dizer o que acontecera e conseguir voltar para a escola.

Na sala de espera, todos temiam sua vez e se preocupavam com quem quer que estivesse lá dentro – minha mãe, Bob e Kim. Até mesmo Steve fora chamado para dar sua versão do que eu lhe contara. Ele também podia ser questionado sobre fazer sexo com uma menor. Eu conseguira colocar em perigo até mesmo o cara por quem era louca. Ele devia estar morto de medo, só tinha 17 anos, e pensava que teria que contar nossa única vez juntos. Ele sempre

me dissera que eu era jovem demais para ele – e agora olhe onde estava. Sua mãe o acompanhava, e ficou sentada em silêncio, tricotando e chorando de vez em quando. Minha mãe lamentava que o filho daquela mulher tivesse sido arrastado até tudo isso e tentou confortá-la. Mas, como se revelou, ela não estava chorando pelo envolvimento do filho neste caso. Um de seus amigos estava morrendo de câncer. Aquilo não fez com que nenhum de nós se sentisse melhor.

Minha mãe foi a primeira testemunha chamada. O promotor distrital assistente, Roger Gunson, perguntou como ela e Polanski se conheceram por meio de Henri Sera, na época namorado de Kim, e depois sobre a sessão inicial de fotos. Olhando agora, algumas coisas que ela disse são engraçadas. Quando Polanski apresentou a ideia desse ensaio fotográfico sobre jovens garotas norte-americanas, minha mãe disse, “Pensei que ele poderia querer meninas mais jovens”.

Mais jovens! Este momento mostrou como a mente de minha mãe realmente funcionava. De algum modo, ela ficou com a impressão de que ele estava fotografando crianças. E não pensou nem por um segundo que ele fosse pedófilo. Aparentemente, ele estava saindo com Nastassja Kinski, que tinha 15 anos na época, mas minha mãe não tinha ideia. A preferência dele por garotinhas, novidade para nós, logo seria largamente divulgada. Mas Kinski, apesar de jovem, parecia uma mulher, e eu não – e minha mãe simplesmente não me classificava naquela categoria de beleza núbil que teria chamado a atenção dele. Então era a ideia de que eu era velha demais para o ensaio, que não era exatamente mais uma criança, que a preocupava. Nunca lhe ocorreu que Polanski tivesse um interesse sexual por sua filha. Na verdade, até aquela noite, isso nunca tinha me ocorrido tampouco.

– Você perguntou para Polanski se podia ir junto [à sessão de fotos]? – Gunson perguntou.

– Sim – minha mãe respondeu. – E ele disse que não, que preferia ir sozinho com ela, porque ela responderia mais naturalmente. – Minha mãe contou a história do retorno de Polanski. – Ele fez alguns desenhos de pirata para ela.

Eu me considerava uma artista decente, e me lembro de ter olhado para os desenhos de pirata de Polanski e não ficar muito impressionada com as habilidades artísticas dele. Mas minha mãe estava pensando em mim como uma criança que ele queria conquistar com desenhinhos fofos; ele bem que podia ter rabiscado pôneis e unicórnios.

Então perguntaram sobre o dia 10 de março, e minha mãe quase desmoronou.

– Antes de sair, ela havia me indicado que não gostava dele... – Mas minha mãe não estava respondendo a uma pergunta direta, e Gunson pediu que isso fosse retirado dos autos; imagino que aquilo contribuía com a ideia de que ela tinha me oferecido para Polanski de algum jeito. O que, é claro, ela não tinha. Só que ela já tinha visto como eu, no passado, havia adolescentemente estragado coisas que tinha me comprometido a fazer. Ela odiava aquilo, e não ia me deixar agir assim agora. Quer uma carreira, garota? Bem, aguente e assuma suas responsabilidades.

Longe da imprudência de que era acusada, esse empurrão que ela me deu em direção a Polanski era, na verdade, um exemplo de sua postura como mãe. Você pode acusá-la de falta de noção. Mas não pode acusá-la de não querer o melhor para mim.

Sua observação não foi tirada dos autos.

Então minha mãe contou como eu falara com ela da casa de Nicholson, e como ela perguntara se eu queria que ela fosse me buscar, e eu tinha dito que não – e, então, como Polanski pegou o telefone e contou para ela sobre as fotos na banheira. (“Eu pensei, ‘Por que uma banheira?’. Mas não disse nada. Simplesmente não falei.”) Quando cheguei em casa, minha mãe relatou, contei-lhe sobre a asma. Ela não tinha ideia do por quê eu ter dito isso, mas tentou me dar cobertura:

– [Polanski] me perguntou sobre a asma... E eu disse, “Sim, é realmente muito ruim”. E então ele disse: “Que tipo de remédio ela toma para isso?” e eu respondi: “Ah, vários tipos”, só para despistar.

Quando Polanski mostrou minhas imagens de topless na primeira sessão de fotos, minha mãe tentou fazer uma abordagem lógica.

– Decidi não dizer nada para que Samantha não sentisse que havia feito uma coisa horrível e provocar uma cena. Achei que podia esperar e levá-lo para fora de casa, porque não tínhamos assinado uma autorização para as fotos, e ele não poderia imprimi-las. E pensei que esse seria o fim da história.

Minha mãe tentou falar friamente, mas não conseguiu esconder o quão estranho tudo aquilo era: eu entrando correndo em casa, Polanski logo atrás, mostrando para minha família as fotos de topless da nossa primeira sessão, ela e Kim se assustando, a cadela mijando no chão.

– Devia estar rolando algum tipo de energia estranha, porque a cachorrinha nunca faz isso. (Estávamos na década de 1970; falávamos muito sobre energias estranhas. E os cães realmente captam essas coisas.)

Kim foi a próxima. Ela testemunhou sobre como viu as fotos, como a cadela mijou – e como Polanski lhe deu um grande sermão sobre como ela não disciplinava o cão corretamente. (Proprietários de cães gostam de ser corrigidos sobre suas técnicas de disciplina tanto quanto mães.) Depois falou sobre como tinha escutado do lado de fora de meu quarto enquanto eu conversava com Steve.

Então veio o criminologista que testemunhou sobre minha calcinha. Para quem é da área de análise forense, foi interessante. Ele testemunhou que foi encontrado sêmen em minhas roupas íntimas, mas não esperma. Como? Incerto. Baixa contagem de esperma ou, possivelmente, vasectomia. (Mas, então, por que Polanski me perguntou quando fora meu último período, se não podia me engravidar? É claro, o teste não era conclusivo. Não seria a última vez que ouviríamos falar daquela calcinha.) Também havia amostras de outras partes do meu corpo – vagina, ânus –, novamente com presença de sêmen, mas não de esperma. Foi uma descoberta lamentável para a acusação; o método de teste para sêmen era conhecido por não ser tão preciso quanto o teste para esperma. Primeiro, havia a chance de que o produto químico usado para detectar o sêmen tivesse, em vez disso, detectado enzimas no fluido vaginal; era tudo uma questão de quão rápido o produto aplicado na mancha mudava de cor. (Neste caso, se mudasse de

cor muito rapidamente, indicava sêmen.) E, segundo, esperma teria ajudado a identificar o criminoso mais facilmente, embora não com quase 100% de precisão, como hoje. Mas, em qualquer grau, alguém poderia argumentar (e claramente era o que a defesa pretendia fazer) que o sêmen vinha de outra pessoa.

Depois do intervalo do almoço, foi minha vez.

Lembro de ter assistido a um episódio de *Além da Imaginação* como este, no qual o acusado ficava nas sombras, só o rosto iluminado por uma luz dura. Eu sentia como se estivesse sendo julgada por um crime. Talvez estivesse. Três fileiras de estranhos de meia-idade me encaravam friamente enquanto eu respondia às perguntas. Observavam meu rosto, meu corpo, meus gestos. Eu não olhava para ninguém. Estava com um pingente de plástico em forma de coração que minha amiga Terri me dera; era listrado, com todas as cores do arco-íris. Eu o segurava com força e, enquanto as questões continuavam a chegar, eu o girava entre os dedos. Ninguém se sentou perto de mim no púlpito. Nem minha mãe, nem um advogado. Em uma semana, eu completaria 14 anos. Fui colocada sob juramento, fui forçada a responder todas as perguntas que me fizeram e me disseram que, se eu não respondesse ou se contasse para alguém o que fora dito no júri, eu teria grandes, imensos problemas legais.

Isso pode soar estranho, mas é verdade: se tivesse que escolher entre reviver o estupro ou o testemunho no grande júri, eu escolheria o estupro.

O promotor distrital assistente Roger Gunson era um homem bonito, de queixo quadrado, caráter impecável, meio Eliot Ness. Ele gentilmente colocou folhas laminadas com provas das duas sessões de fotos diante de mim. Eu não queria olhar para aquilo. Ele começou me perguntando sobre a primeira sessão – como, exatamente, eu acabei fazendo as fotos de topless?

– Foi um pedido ou você se ofereceu para fazer isso?

– Foi um pedido – respondi. Eu estava terrivelmente embaraçada em explicar que não usava sutiã porque... Bem, olhe para mim. Preciso de sutiã?

Fomos em direção ao dia em questão, passo após passo, após passo. As fotos na casa de Jacqueline Bisset, a ida até a casa de Jack Nicholson, as várias poses – e o que eu estava usando.

Pose quatro: “Parece que você está de calcinha nessas fotos. É isso?”.

Olho para as fotos.

– Sim – respondo.

Era além da humilhação. Uma sala cheia de estranhos de meia-idade pensando em mim naquela calcinha. E por que todo mundo tinha que chamar de “calcinha”? Não podiam chamar de “roupas íntimas”?

– Depois que a beijou, ele disse alguma coisa? – Gunson perguntou.

– Não.

– Você disse alguma coisa?

– Eu disse: “Não, pare com isso, vamos para casa”... Ele disse: “Vou levá-la para casa logo”.

– Então o que aconteceu?

– Então ele veio para baixo e começou a fazer sexo moral. (Minha mãe não queria que eu usasse gíria quando falasse sobre isso. Ela me disse que o termo era *sexo oral*. Aparentemente, não entendi direito o que ela falou.)

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que ele veio para baixo de mim e colocou a boca na minha vagina... Era como se ele estivesse lambendo, não sei. Eu estava prestes a chorar. Eu estava prestes a chorar. Eu estava meio que... Eu ia... “Não, vamos lá. Pare com isso”. Mas estava com medo.

E foi assim. Tive que falar sobre fazer sexo oral, sexo anal, ficar bêbada, ficar atordoada com o Quaalude. Pediram-me que eu descrevesse como ele teve um orgasmo dentro da minha bunda, o sêmen escorrendo para fora, a mulher batendo na porta, eu tentando ir embora... E então ele me levando de volta para o sofá. E, então, tudo de novo.

O médico do hospital testemunhou que eu não sofrera nenhuma fissura ou ferimento durante o ato sexual – e que não encontrou

sêmen no meu reto. Não necessariamente porque a ejaculação não ocorreu, mas porque – como eu testemunhara – eu tivera um movimento intestinal depois do encontro com Polanski, o que possivelmente eliminara o sêmen. Isto, é claro, é algo que toda adolescente quer discutir diante de uma sala cheia de adultos: fazer cocô.

Perguntaram com que frequência eu fizera sexo antes daquilo. Respondi duas vezes – o que, novamente, não era verdade. Eu tinha brincado com meu namorado; beijos e amassos. Mas relação sexual só acontecera uma vez, com alguém que eu conhecia bem. Então por que mantive a mentira estúpida? O que o grande júri teria pensado se percebesse que eu estava dizendo ter *mais* experiência sexual do que realmente tinha, não menos? É só o tipo de coisa que uma criança tola faz e, nessas questões, eu era uma criança tola – e assustada.

O grande júri deliberou por vinte e três minutos inteiros antes de retornar com o indiciamento em todas as seis acusações. Décadas mais tarde, em 2009, alguns dos jurados falaram com a imprensa sobre aquele dia. Jean Biegenzahn, que na época do grande júri estava com 48 anos, era uma delas. (Acho que ela foi a pessoa que realmente olhou nos meus olhos enquanto estive no púlpito. Lembro nitidamente de levantar os olhos e ver uma mulher me encarando com simpatia; depois não olhei mais para o júri.) Biegenzahn achava que eu parecia a filha dela.

– Estava tão assustada, e ali estavam 23 velhotes olhando para ela – ela contou.

Biegenzahn acreditou em mim, assim como a jurada mais jovem, Joanne Smallwood, então com 39 anos – embora também tenha pensado que eu era “esperta” para minha idade.

Houve muita repercussão depois daquele dia. Em sua autobiografia, Polanski escreveria que um dos assistentes da equipe de Gunson vira Bob – o namorado de longa data de minha mãe, um homem que eu considerava outro pai – e eu “em um abraço ardente, apaixonado. Não era o abraço paternal de um homem adulto confortando uma garotinha... Era mais do que isso; a perna dela estava entre as pernas dele”.

Leio isso agora e me sinto um pouco enojada. De fato, eu algumas vezes recorria a Bob; lembro de me sentar em seu colo, com os braços ao redor dele, em uma audiência. Mas as implicações disso... Alguém realmente relatou aquilo? Alguém realmente acreditava naquilo?

Polanski e sua equipe agiam como se acreditassem. Também sabiam que nenhum esperma fora encontrado. O que deve tê-los encorajado a fazer o que fizeram em seguida.

POLANSKI ALEGA INOCÊNCIA EM CASO DE ESTUPRO

18 de abril de 1977

(AP) O diretor de cinema Roman Polanski alegou inocência, nesta sexta, para o indiciamento do Grande Júri do Condado de Los Angeles que o acusa de drogar e estuprar uma menina de 13 anos, no último dia 10 de março, na casa do ator Jack Nicholson [...].

“Sou inocente e não vejo a hora de que seja feita justiça”, Polanski disse para os repórteres, depois da breve sessão da corte. Ele criticou a cobertura do caso, dizendo que acha que os meios de comunicação estão lidando com isso “de modo muito pobre”.

ADVOGADO DE POLANSKI PESQUISA VIDA SEXUAL DA MENINA

Los Angeles Times

21 de abril de 1977

O advogado do diretor de cinema Roman Polanski disse nesta quarta que pretende pedir uma investigação sobre a atividade sexual prévia da menina de 13 anos a quem Polanski é acusado de drogar e estuprar.

O advogado, Douglas Dalton, deu a entender, na Suprema Corte de Santa Monica, que pedirá um exame psiquiátrico da suposta vítima do famoso diretor de cinema.

“Os fatos dos quais fomos informados”, Dalton disse, “mostram que, antes dos acontecimentos deste caso, a menina já praticava atividades sexuais. Queremos saber quando, onde e com quem, e por que essas pessoas não estão sendo processadas”.

[...] Polanski, 43, foi questionado pelos repórteres como esperava que este caso afetasse sua vida.

O diretor polonês, cuja esposa, a atriz Sharon Tate, foi brutalmente assassinada por membros da família de Charles Manson, respondeu: “Estou

acostumado com a dor. Isto é uma ninharia.”

E, então, embora as transcrições do meu testemunho no grande júri não tivessem sido liberadas, houve isso:

MENINA DO CASO POLANSKI ADMITE RELAÇÕES SEXUAIS Defesa tenta anular seis indiciamentos contra o diretor

12 de maio de 1977

[...] “Tento me assegurar de que ela está dizendo a verdade sobre suas experiências sexuais anteriores”, Dalton disse em sua moção. “É possível que ela fantasie ou minta sobre experiências sexuais prévias. [...]”.

Dalton afirmou que o promotor, ao não ir além ao questioná-la sobre quando, onde e com quem ela fez sexo antes, privou a defesa de informações “vitais” que podem ser usadas para atacar a credibilidade da menina [...].

A moção de Dalton citou a declaração que o namorado deu ao promotor distrital, na qual o rapaz diz que conversou com a menina só depois do suposto estupro. A menina “está sempre atuando e, portanto, era difícil determinar se ela estava dizendo a verdade ou não”, diz a declaração.

O namorado também relatou que a narrativa da menina sobre o episódio “não estava em sequência”, e que ela dizia repetidamente “Não acredito que isto está acontecendo comigo”.

Bem, eu não acreditava. Mas aconteceu.

Mas há uma coisa engraçada. Lembro de escutar os adultos discutindo sobre quão afortunado era o fato de que eu ainda não tinha 14 anos quando fui estuprada, que Roman estava mais encrencado porque eu tinha treze... E eu pensava, “Espere, de que jeito isso pode ser bom?”. E, então, depois do testemunho no grande júri, no qual ele foi indiciado por todas as seis acusações, ouvi uma discussão sobre quão desafortunado era o fato de que eu não tivera nenhum dano físico – especialmente retal. Havia esse sentimento de desapontamento. Se ele tivesse me machucado mais, do jeito mais óbvio possível, seria melhor. Muito rapidamente a questão passou a ser vencer-ou-perder-na-corte, e não se eu realmente fora ferida. Se quanto mais ferida eu tivesse sido, melhor, então por que alguém se importaria se eu fora ferida de

qualquer jeito? É desconcertante ser jovem e saber que as pessoas que estão ao seu lado de certa forma lamentam que você não esteja machucada *o bastante*.

Quase imediatamente, desde o início deste caso, senti a pressão para estar machucada. Mas me recusei a estar machucada o bastante para ser uma "boa" vítima.

CAPÍTULO 8

Deve ter sido uma tortura para meu pai estar tão longe dos acontecimentos. Sei quão chateado estava com o que acontecera comigo, mas ele também era advogado, e eu estava no inferno legal. Ele estava especialmente indignado que a defesa, tentando construir um caso no qual eu fantasiara o estupro, estava pedindo ao tribunal para me obrigar a passar por um exame psiquiátrico. Ele ligou para seu amigo Robert P. Kane, procurador-geral da Pensilvânia, e lhe pediu que recomendasse alguém para se opor à moção de Polanski. Entrou em cena Lawrence Silver.

Larry era um distinto vice-procurador-geral da Pensilvânia em 1977, quando se demitiu, sacou suas economias, colocou seus poucos pertences em um Porsche amarelo e saiu da sombria assembleia legislativa da urbana Pensilvânia para as praias ensolaradas do sul da Califórnia. Mais tarde ele me contou que seu plano era passar um ano vivendo na praia e se bronzeando pela primeira vez na vida. Não foi o que aconteceu.

O “ano” de descanso de Larry terminou em questão de semanas, quando foi recrutado pelo escritório de advocacia especializado em negócios e entretenimento Loeb & Loeb. Era um emprego bom e de prestígio. Logo lhe ofereceram sociedade no arriscado mundo dos litígios de Los Angeles. Bem-vindo a Hollywood. Trinta e seis anos mais tarde, ele ainda não conseguiu aquele bronzeado.

Kane ligou para ele e explicou que um amigo, cuja filha se metera em certa encrenca na Califórnia, precisava de um advogado. Larry disse que ligaria com prazer. O telefone de meu pai tocou momentos mais tarde.

Meu pai perguntou se ele ouvira falar do caso de Roman Polanski – Quem não ouvira? – e lhe contou que a menina que fora estuprada pelo diretor era sua filha, Samantha Gailey. A defesa, ele

explicou, afirmava que Samantha fantasiara o incidente, e exigia que ela se submetesse a exame psiquiátrico.

Meu pai estava indignado que os promotores da Califórnia não me protegessem, e furioso com o advogado de Polanski por uma invasão injustificada e prejudicial. Ele disse que tentar uma entrevista psiquiátrica com o reclamante não era apenas algo que ele próprio nunca faria; ele nem sabia que a lei permitia uma coisa dessas. Larry poderia representar a mim e à família? A seu favor, Larry fez a ressalva de que não tinha experiência em direito criminal. Mas, baseado na recomendação de Kane, meu pai estava disposto a relevar isso. Francamente, acho que ele pensou que a questão era simples – uma com a qual um litigante civil certamente poderia lidar. Larry lhe disse que precisaria obter autorização de sua firma para uma representação limitada. Havia dúvidas de que permitissem isso, pois muito do trabalho da empresa vinha do ramo do entretenimento, e ele estaria indo contra um astro de Hollywood. Mas o prestígio da recomendação do procurador-geral do estado superou a relutância do escritório. Bem, como aprendi, em Hollywood até os advogados são obcecados pelas celebridades. Larry teve permissão para assumir o caso.

Cerca de duas semanas após o testemunho no grande júri conheci Larry, quando ele veio conversar comigo e minha mãe. (Em meu diário, escrevi: “Tenho que conhecer o novo advogado. Que porre”.) Tenho certeza de que ele foi gentil e cuidadoso. Mas eu odiava ter que passar por aquilo tudo de novo – perguntar sobre os acontecimentos que cercavam o estupro, mesmo sem pressionar por detalhes, não era o melhor jeito de causar uma boa primeira impressão nesta garota. Eu achava que estava apenas mal-humorada, mas Larry me contou mais tarde que o olhar que lhe dei quando nos conhecemos era hostil – quero dizer, *realmente* hostil. Ele se lembra de eu estar sentada na ponta do nosso sofá marrom na sala, o rosto contorcido como se estivesse acabado de chupar um limão, e então me virar, fingindo que ele não estava ali. Ele foi obrigado a dirigir as perguntas para minha mãe, que então as repetia para mim. Ridículo, eu sei, mas eu só não queria ter que

lidar com aquilo. Queria voltar para meu quarto, trancar a porta e ficar sozinha com minha música.

Até hoje, Larry nunca me perguntou sobre o âmago da questão: o que aconteceu no quarto na casa de Jack Nicholson. Fico grata por isso, mas não foi só por causa da preocupação comigo. Como meu advogado, era mais importante para Larry saber os detalhes do que aconteceu antes e depois do estupro: o encontro com minha mãe e Bob, o que fez com que Terri, que supostamente me acompanharia, não estivesse conosco. A cronologia importava. O momento importava. Quando peças de roupa foram removidas, quando foram colocadas novamente (Aquele maldita calcinha de novo!), quem disse o quê e quando. Grande parte destas informações não era essencial para minha representação; Larry disse que eram questões que o promotor faria, e ele tinha que ter as respostas. Em minha mente, eu sabia que Larry estava do meu lado – afinal de contas, meu pai o contratara – e estava apenas fazendo seu trabalho, mas com todas aquelas perguntas, ele parecia mais o inimigo. Eu sabia que não era confortável para ele tampouco, e, se tivesse oportunidade, ele teria preferido obter informações de minha mãe, de Bob, ou mesmo de Kim, que odiava falar sobre isso quase tanto quanto eu.

Eu sabia que estava testando a paciência dele, mas ele estava arduamente tentando criar um vínculo com alguém que desejava que ele simplesmente sumisse em uma nuvem de fumaça. Ele perguntou sobre meu dia a dia de adolescente, sonhos, aspirações, do jeito que adultos fazem com crianças, e as crianças percebem na hora. (Ele realmente marcou pontos ao conseguir lugares VIP para o show de Led Zeppelin, "The Song Remains the Same". Ele podia estar se esforçando um pouco demais, mas eu sabia que ele estava tentando.)

Ao longo dos anos, Larry se tornou um dos meus aliados de maior confiança e amigo verdadeiro, mas naquela época ele parecia ser apenas parte do inferno que eu era obrigada a atravessar. Era solidário, no entanto, e não demorou muito para convencê-lo de que meu estupro não era fantasia. Larry não

conseguia entender por que a defesa pedia avaliação psiquiátrica; disse que isso só inflamaria as emoções em todos os lados.

Não quer dizer que a tática de culpar a vítima em caso de estupro fosse novidade. Ao contrário: mesmo com evidências forenses de atividade sexual, a defesa tenta manipular a questão para o caso ele disse/ela disse e, com frequência, ataca a credibilidade e moralidade da vítima. Felizmente, dois anos antes, o senador do estado da Califórnia Alan Robbins apresentara e aprovava a Lei Robbins de Evidência de Estupro, que proibiu os defensores de casos de estupro de apresentarem o histórico sexual das vítimas como evidência no julgamento. O estatuto se tornou modelo nacional e foi adotado em muitos estados⁹.

Larry achava que o advogado de Polanski, Douglas Dalton, estava partindo para o exibicionismo jurídico. Estava testando o caso na mídia, começando com a sugestão de que era claro que eu devia ser mentalmente desequilibrada. Do ponto de vista legal, a estratégia de Dalton era arriscada porque era um exagero pensar que o tribunal ordenaria minha avaliação psiquiátrica, então ele começaria perdendo sua primeira moção. Eu sabia que advogados travavam essas batalhas entre si, mas ainda mantinham o respeito pelo adversário. Eu podia ver que Larry estava começando a não gostar de Dalton. Comecei a gostar um pouquinho mais dele.

Larry preparou um esboço contra a moção de Dalton e discutiu o assunto com ele, esperando conseguir um acordo de algum tipo.

A base de seu argumento era que a testemunha de um crime não estava sujeita a descobertas da defesa que incluíssem avaliação psiquiátrica. Eles avançavam e retrocediam sem nenhum tipo de concordância. Então, antes que a moção fosse agendada para ser debatida diante do juiz Rittenband, Dalton a retirou.

Vencemos! Dalton retirara a moção que havia publicamente anunciado que faria. Então... U-hu? Bem, a verdade é que eu estava tão alienada do que estava acontecendo que nem mesmo fiquei ciente disso. Tudo que eu sabia era que não ia ser arrastada até um psiquiatra – uma vitória pequena, mas uma vitória mesmo assim. Não prestava atenção na disputa legal nesse período, só

descobri isso muito mais tarde, através de registros escritos e das lembranças de minha mãe e de Larry.

Mas, de qualquer modo, era isto: o trabalho de Larry estava concluído. Ele respeitosamente relatou o êxito na retirada da petição para meu pai, que estava aliviado, grato e impressionado. Então ele disse para Larry:

– Acho que este será apenas o primeiro *round*, e Samantha e Susan ainda vão precisar de representação. Interessado?

Larry não era por natureza um amante de casos de grande impacto, mas tampouco era avesso a eles. E, neste ponto, tinha investido tanto como advogado quanto como ser humano, embora talvez tivesse feito um momento de pausa se tivesse percebido que estava entrando na versão moderna de *Jarndyce vs. Jarndyce*, o famoso caso do livro *Bleak House* (Casa Abandonada), de Charles Dickens, que durou por gerações. Neste caso, ele só concordou em continuar, de uma forma ou de outra, pelos trinta e seis anos seguintes. (E contando.)

[9](#) Em 1981, Robbins foi julgado, mas não condenado, por ter feito sexo com duas garotas de dezesseis anos que conheceu na capital do estado, em 1978 e 1979, foi expulso do Senado da Califórnia e cumpriu uma setença de vinte meses de prisão por aceitar suborno de lobistas. O que prova que até mesmo um escroque pode deixar um legado brilhante. (N. da A.)

CAPÍTULO 9

Os meses até a graduação do ginásio estiveram meio que envoltos em bruma para mim. Minha mãe, normalmente uma fotógrafa implacável, parou completamente de tirar fotos. Acho que ela tinha medo de que, de alguma forma, fotos daquele ano pudessem se tornar evidências. Ou talvez fosse a reação por ver as que Polanski tirara de mim. Nós nos tornamos reclusos. Em geral, minha mãe adorava atenção. Agora, queria que todos fôssemos invisíveis.

Meu nome fora publicado na Europa¹⁰, então agora o telefone tocava sem parar. Minha mãe e Bob trocaram o número, mas logo os repórteres conseguiram o novo. Havia dias em que era só o telefone tocar para fazer todos saltarem de susto.

Um fotógrafo particularmente perseverante, em uma perua marrom, acampou do lado de fora de nossa casa em Peonia Road. Eu espiava pelas cortinas para ver, na janela do lado do motorista, a lente de longo alcance da câmera. A presença daquela câmera mudou nossos movimentos. Tornamo-nos figuras furtivas correndo para dentro e para fora de nossa própria casa.

Um dia, um apresentador de rádio de Chicago ligou e Bob, em um momento impensado, realmente disse meu nome. Minha mãe gritou com ele.

Kim nunca suportou bem as intrusões. Um dia, quando atendeu o telefone e alguém perguntou se éramos prostitutas, não conseguiu se conter e gritou:

– Seu filho da puta!

Talvez não fosse surpresa que, no centro do escândalo Polanski, começasse a aparecer histórias sobre esta família transtornada.

Rona Barrett, a colunista de fofocas da TV, foi uma das poucas pessoas da mídia a agir com certa decência. Ligou para casa algumas vezes e perguntou gentilmente se poderia se sentar com

minha mãe e comigo, prometendo que não seria agressiva. A esta altura, minha mãe e Bob desconfiavam das intenções de qualquer um, e desligavam o telefone na cara dos repórteres. Mas, desta vez, Bob atendeu e alguma coisa na voz de Barrett praticamente o quebrou.

– Por favor – Bob disse –, não faça isso. Estamos enfrentando uma barra pesada. Por favor, ajude-nos a protegê-la.

– Está tudo bem, eu entendo.

Dezenas de repórteres diziam aquilo só para ligar de novo ou aparecer à nossa porta. Mas Barrett foi sincera em suas palavras e nunca mais ligou novamente.

Minha família precisava mesmo dar um tempo. Minha mãe buscava serenidade, e tiramos umas pequenas férias para ir até Miami com a irmã dela, Kathy, e o namorado, Bruce, para participar de um “Holi”, um festival hindu de primavera. No aeroporto, ralharam comigo por estar com um caderno cuja capa eu cobrira com brilhantes observações dos adolescentes da década de 1970: “A vida é uma merda, e então você morre”, “Despreze a morte, tema apenas a perda do orgulho – Aerosmith”. Minha mãe estava sempre preocupada que alguém tirasse uma foto minha que me fizesse parecer má, e eu estava zangada e cansada que me dissessem como agir.

O que lembro é que os participantes do “Holi” estavam correndo, dançando e sendo borrifados com água colorida de rosas em um parque. Mas esse não era o ponto principal. Kathy e Bruce eram seguidores do guru Maharaj Ji (agora conhecido como Prem Pal Singh Rawat), que pregava que a necessidade individual de realização pode ser satisfeita voltando-se para si mesmo e se conectando a uma fonte constante de paz e alegria. Aqui está uma amostra do que ele dizia:

O universo é surpreendente, mas a coisa mais fascinante não é entender o universo, e sim compreender que aquilo que dá força a ele está dentro de nós neste instante, e que podemos vivenciar isso. E, quando isso acontece, você se enche de paz, clareza e alegria. É quando você experimenta a felicidade mais verdadeira.

Chame de cultos ou de movimentos de crescimento pessoal: hoje as pessoas tendem a esquecer quantas pessoas inteligentes e bem educadas participavam desse tipo de coisa naquela época. Minha mãe, por exemplo, consumia terapias como quem come batata frita – Gestalt, Fritz Perls, J. Krishnamurti; ela amava a ideia de mudança, de crescimento. (Por outro lado, meu pai Jack certa vez disse para ela: “Não quero crescer. Sou crescido. Gosto de mim do jeito que sou”, o que provavelmente foi o início do fim do casamento deles.) Ela também passou um final de semana no Instituto Esalen em Big Sur, Califórnia. Popularizado como um fim de semana icônico do amor livre no filme de 1969, *Bob e Carol & Ted e Alice*, e pregando “a exploração contínua do potencial humano”, o movimento Esalen tinha entre seus seguidores Buckminster Fuller e Linus Pauling. Era bom ser um buscador da verdade, e se a verdade fosse encontrada ouvindo um cara que, digamos, era um tocador mambembe de banjo antes de decidir que também era Deus, que assim fosse. (Esse era Mel Lyman, que fundou a comunidade Fort Hill, uma comuna hippie transcendentalista com sede em Boston, e que mais ou menos declarou que era o messias e que sua música era sagrada. Atraiu numerosos seguidores ricos e influentes até que o desejo de roubar bancos começou a ter precedência sobre a busca pela paz mundial.)

O que quer que você pense sobre isso, naquele momento de caos em nossas vidas pessoais, o Guru Maharaj Ji deu conforto para minha família. E ainda que aos 14 anos eu não estivesse em sintonia com seus ensinamentos, simplesmente estar naquele ambiente me deu um sentimento de que era possível transformar as coisas ruins de sua vida em uma oportunidade de aprendizado – e transcender a maldade.

Depois do “Holi”, voltamos para Woodland Hills e comemorei meu aniversário com a família e uns poucos amigos – Steven, Terri e um garoto novo que estava disputando minha atenção e me ajudando a deixar Steve para lá. Mas era uma ocasião deprimente, com minha mãe entrando com um bolo gigante de cenoura, enfeitado

com cenouras de glacê, que aparecia em todas as ocasiões festivas da família.

No feriado da Páscoa, voei para York, Pensilvânia – um feriado glorioso, realmente. Todo mundo presumia que a noite com Polanski era um acontecimento que me faria fugir de sexo por anos. Era o que as pessoas esperavam, o que pareciam querer. Resolvi ser do contra. Conheci e namorei John, o garoto (quase literalmente) da porta ao lado, um Shaun Cassidy lindo e descabelado – como um morango loiro que pareceu me adorar assim que nos conhecemos. Depois do horrível mês anterior, que incluiu não apenas Roman, mas também ser largada pelo primeiro garoto com quem me imporrei, era disso que eu precisava. Um fim de tarde na varanda em 1o de abril levou a um presente – uma cruz em uma corrente – no dia seguinte, que levou a uma bebida, a um cigarro de maconha e ao sexo maravilhoso – o primeiro – naquela noite. Há algo tão sério e, mesmo assim, tão sexy em ganhar uma cruz de presente.

Eu acabara de fazer 14 anos, e suponho que tivesse de me sentir culpada. Não me senti. Senti que merecia lavar de vez a má experiência com uma boa, e John era o equivalente a um longo e bom banho quente. Meu pai ficou furioso quando descobriu a seda para enrolar maconha de meu amigo em nossa casa, mas pegou leve no meu último dia. Todos ficamos em casa e assistimos George Carlin na TV. Parti no dia seguinte para encarar todos os problemas em casa. Mas pelo menos me sentia esperançosa com relação ao verão.

Por mais que fosse difícil voltar para casa e encarar mais das negativas de Roman, e mais difamações sobre minha família e sobre mim, aquele foi, mesmo assim, meu melhor ano na escola. O professor do clube de teatro, Sr. Mallot, era meu favorito: ele realmente gostava de mim, e mesmo que eu não fosse a estrela em ascensão dos sonhos de ninguém – eu costumava pegar os papéis de estenógrafa e de corista –, o drama parecia um lugar seguro e confortável para estar (o que parece ser algum tipo de verdade eterna para párias da escola, como qualquer um que assista à série *Glee* pode confirmar).

Outros docentes eram, podemos dizer, alternativos. Um de meus professores enchia sua térmica com tanta bebida que podíamos sentir o cheiro do outro lado da sala, e pelo menos um deles vendia maconha para complementar o salário deprimente da escola. (No final da década de 1970, a maconha era uma droga muito diferente do que é hoje: bem mais fraca – como uma garrafa de vinho forte que o deixaria alto, cercado por arco-íris e girassóis – se comparada com a de hoje, um alucinógeno consideravelmente mais poderoso.)

De fato, mesmo o relacionamento professor/aluno era completamente distinto do que é hoje. Nossas relações com os professores eram calorosas e confusas – e, sim, conforme ficávamos mais velhos, elas algumas vezes cruzavam a linha. Mas, mesmo quando havia casos estranhos, em geral não existia um sentimento de criminalidade. Na verdade, não apenas entre professores e alunos, mas em qualquer relacionamento em que houvesse um óbvio desequilíbrio de poder – como o meu com Polanski –, bem, esses tipos de relacionamentos não eram tão malvistas quanto são hoje.

Tive motivos para pensar sobre isso recentemente, enquanto lia sobre o caso de abuso sexual generalizado nas décadas de 1970 e 1980 entre professores e alunos em Horace Mann, uma escola particular de elite de Nova York. Um docente respeitado, professor de inglês, além de capelão e treinador de *cross-country*, que foi acusado de manter relações sexuais com vários garotos, agora tem 89 anos e vive em Santa Cruz, Califórnia. Ele explicou seu comportamento para o *The New York Times*: “A única coisa que posso assegurar é que tudo o que fiz foi por carinho e afeto, não por um jogo de poder”, afirmou. “Posso ter cruzado limites sociais. Se fiz isso, sinto muito.”

A escolha de palavras dele é interessante. Se você tem a idade errada – é muito jovem, muito velho – lê isso e pensa: “Que monte de baboseira para se autojustificar”. Mas se vai direto ao ponto – se tivesse entre 30 e 45 anos na década de 1970 –, você entenderia que ele realmente quis dizer isso, que acreditava nisso, e que realmente vivia isso sem cálculos nem malícia. Em geral, havia algo

considerado positivo na experiência erótica, mesmo na ausência de qualquer outra coisa além do próprio sexo. A ideia era que o crescimento emocional vinha por meio da sexualidade expandida – para a pessoa no poder e para aquela relativamente impotente. É importante levar isso em consideração, porque este era o paradigma cultural do qual Roman Polanski estava encharcado em 1977. Por mais errado que estivesse ao fazer o que fez, sei para além de qualquer dúvida que ele não olhava para mim como uma de suas vítimas. Nem todos entenderão isso, mas nunca achei que quisesse me ferir; ele queria que eu desfrutasse daquilo. Era arrogante e estava com tesão. Mas tenho certeza de que não estava tentando extrair prazer de minha dor.

Mas eu sentia dor. Ainda me lembro de uma tarde, logo após o estupro, quando estava me sentindo... Acho que poderia dizer “engarrafada”. Peguei uma lâmina de barbear e comecei a fazer pequenos cortes na parte de dentro de meu pulso. Não o suficiente para causar algum dano real, só o suficiente para machucar. Aqueles pontinhos de sangue me faziam sentir melhor. Também me davam uma desculpa para conseguir a atenção de Steve, de quem ainda gostava. Eu o fiz jurar que não ia contar aquilo para a mãe dele, o que é claro que ele fez, e ela imediatamente ligou para minha mãe, e foi totalmente embaraçoso, porque eu não tinha nenhuma intenção de me matar. Mas, olhando para trás, vejo que usar aquela dor física para apaziguar minha dor emocional era exatamente o que eu estava fazendo. Entendo a automutilação – e consigo compreender por que as garotas fazem isso.

[10](#) A mídia norte-americana não publica nomes de vítimas de estupro, por causa da tradicional (e, espero, fora de moda) preocupação com a possibilidade de que as vítimas sofram humilhações e danos a suas “reputações”. Além disso, uma das razões pelas quais um grande número de estupros não é relatado é que as vítimas não querem exposição pública. Essas preocupações não são tão fortes na Europa. (N. da A.)

CAPÍTULO 10

Enquanto a primavera dava lugar ao verão, Larry recebeu um telefonema de Roger Gunson avisando-o de que certos órgãos de imprensa haviam feito uma petição para que o juiz Rittenband liberasse os testemunhos do grande júri, e que o promotor distrital não se oporia àquele pedido. Ele não esperava que o advogado de defesa Dalton se opusesse tampouco, e ouvira dizer que Rittenband já decidira conceder a moção para liberar as transcrições.

Os testemunhos nos quais estavam particularmente interessados eram o meu, o de minha mãe e o de minha irmã Kim. Eles discorriam sobre os acontecimentos daquela noite com detalhes gráficos, acontecimentos que até então não haviam chegado ao conhecimento do público ou de qualquer um de meus amigos, colegas de classe ou professores. Parecia que todas as partes tinham interesse em levar este caso para o julgamento da opinião pública. Todas as partes menos eu.

O juiz e o escritório do promotor distrital eram tocados pela política, e era bom para eles serem cooperativos e acolhedores com a mídia. Eles, e particularmente o juiz Rittenband, não eram imunes ao prazer de ser o centro das atenções, e a liberação das transcrições só aumentaria as expectativas e a audiência do julgamento seguinte. A defesa receberia mais cedo as alegações da acusação e poderia começar a julgar o caso na mídia, fazendo campanha para destruir minha credibilidade, através de insinuações e mentiras, sem ser desafiada pelas regras da prática legal. A parte mais danosa do testemunho do grande júri era que eu seria identificada pelo nome e daria acesso público a meu endereço residencial. A liberação daquela informação seria um desastre para a privacidade de minha família e tampouco faria maravilhas por

meu estado mental. Ninguém gosta da sensação de ver as pessoas cochichando pelas costas, da sensação – ou certeza, no meu caso – de que chegaria a qualquer lugar e todo mundo diria: “É aquela ali. Sabe o que aconteceu com *ela*?”. Adolescentes se constroem sem nenhum motivo específico. Imagine ter um motivo realmente grande para isso. Nunca me senti tão terrivelmente em evidência – e tão só.

É claro que fizemos tudo o possível para impedir a liberação do testemunho do grande júri. O promotor distrital Roger Gunson disse para Larry que seria uma batalha difícil, por causa da proximidade de Rittenband com a imprensa.

Parece surpreendente agora, mas em 1977 não havia precedente na Califórnia – ou em qualquer um dos 50 estados – que protegesse a privacidade da vítima que testemunhara diante do grande júri. Larry pesquisou, pesquisou e pesquisou ainda mais, mas não conseguiu descobrir caso algum. Nada. Isso era um problema imenso. Parecia tão óbvio que aquelas transcrições não deviam ser liberadas, mas espantosamente a lei não estava do nosso lado. Não dava para Larry chegar diante do tribunal e argumentar: “Meritíssimo, confie em mim – sei que estou certo”.

Incapaz de encontrar um precedente legal, Larry procurou uma analogia – uma argumentação muito mais fraca, mas pelo menos algo que poderia levar ao tribunal. Seu argumento foi: “Se o estado da Califórnia não faz nada para proteger a identidade da vítima, que esforços faz para proteger a identidade de qualquer um?”. Não era só um pensamento incomum. Era um pensamento *totalmente* incomum.

Meu esperto advogado conseguiu virar outro conceito de cabeça para baixo. A Califórnia protege da exposição pública a identidade de *perpetradores* de crimes juvenis. A teoria (uma boa teoria, acredito) é que, se publicamente rotulamos um jovem como criminoso, suas chances de reabilitação ficam substancialmente reduzidas. Então, ao proteger sua privacidade, tanto o delinquente juvenil quanto a sociedade são beneficiados.

Era um pouco rebuscado, então Larry achou que o argumento seria mais eficiente se apresentado oralmente, em lugar de ser

colocado diante da corte por escrito. Sabíamos que o juiz Rittenband já tomara sua decisão antes que Larry sequer entrasse no tribunal. Ele tinha uma única chance – um tiro à distância – para fazê-lo mudar de ideia. Larry estava confiante em nossa posição, mas incerto sobre o resultado. O juiz Rittenband era sensível à opinião pública, então a mensagem de Larry seria: “Se decidir contra minha cliente de 13 anos, as pessoas podem pensar mal de você”.

Quando o juiz Rittenband começou a anunciar sua decisão, Larry o interrompeu e disse:

– Permita-me a corte, eu represento a vítima neste caso e gostaria de me dirigir ao tribunal sobre a liberação do testemunho do grande júri.

Então argumentou detalhadamente que existiam estatutos que protegiam perpetradores criminais da exposição pública, incluindo testemunhos ou relatos sobre seus comportamentos criminosos. Fez citações. Argumentou que, se a vítima deste caso fosse acusada de um crime, as leis do estado da Califórnia protegeriam sua privacidade e não permitiriam a exposição de seu nome ou identidade.

– Na comparação, as leis do estado da Califórnia – Larry argumentou – proporcionariam uma proteção à privacidade de um criminoso juvenil maior do que à de uma vítima juvenil? Faz algum sentido para este tribunal liberar o nome de uma vítima juvenil quando esta corte seria impedida pelas leis do estado da Califórnia e seus estatutos de liberar o nome de um jovem acusado pelo mesmo crime?

O juiz Rittenband ficou imóvel pelo que pareceu ser uma hora para Larry, mas provavelmente foram apenas alguns minutos. Então falou:

– As leis deste estado protegem a identidade de perpetradores criminais se são juvenis. Não faria sentido liberar a identidade de uma criança que foi vítima. Conseqüentemente, a moção para a liberação dos testemunhos do grande júri está negada, e não serão liberados na pendência de novos pedidos à corte.

Seria reconfortante pensar que o juiz foi persuadido pela moralidade dos pontos levantados por Larry, mas acredito que ele estava medindo as reações públicas e as possíveis críticas por me expor. Na verdade, não importa. Eu estava feliz, e minha identidade continuaria protegida. Por enquanto.

• • •

Naquela primavera terrível que levou até minha graduação no ginásio, eu tinha a intenção de arranjar um namorado – e consegui. Mais ou menos. Ron era um dos garotos mais selvagens da escola; era um festeiro que andava de bicicross e caçava cascavéis nas montanhas. Eu tinha um pouco de medo dele, o que o tornava ainda mais atraente. E mesmo que Ron e eu não tenhamos durado muito – tivemos algumas semanas de beijos infinitos e de sermos pegos por Nana antes que eu ficasse com medo e terminasse com ele –, somos amigos até hoje. (Ele é, de fato, padrinho dos meus filhos.)

A pressão da imprensa continuou a aumentar. Apesar dos melhores esforços de todos a meu redor, a maior parte dos adultos de minha vizinhança em algum momento descobriu que eu era A Menina do caso Polanski. (Os jornais haviam identificado uma menina em Woodland Hills, e antes do dia 10 de março eu contara para algumas pessoas que estava posando para Roman Polanski. Não era difícil juntar as peças e montar o quebra-cabeças.) As crianças, na verdade, não prestavam atenção – mas então uma equipe de filmagem apareceu na escola. Sabe aquele sonho recorrente que todos temos no qual nos esquecemos de colocar as roupas e saímos pelados em público? Eu me sentia como se estivesse andando nua na escola.

Com frequência, os adultos eram mais críticos do que as crianças. Lembro-me do dia em que as coisas desandaram entre minha amiga Terri e mim. Estávamos quase no fim do nono ano e, como era frequente, ela e eu estávamos em minha casa. Meu tio Bruce, um fotógrafo amador, estava mostrando algumas das imagens que fizera no “Holi” com guru Maharaj Ji. A certa altura, o

pai católico muito conservador de Terri apareceu em nossa entrada – bem a tempo de ver um bando de hippies entrando em seus carros. Sentiu cheiro de incenso e pensou que fosse maconha. Ele e minha mãe discutiram aos gritos. Ele disse algo sobre eu ser uma puta e que Terri não podia mais vir a minha casa. Pegou Terri pelo braço e a colocou no carro. Eu fiquei furiosa com minha mãe por brigar com ele, e ela estava furiosa que ele – um vizinho – estivesse agindo assim.

Há um determinado tipo de mentalidade religiosa que acredita que meninas que foram estupradas mereceram isso. Se você agir com moralidade, Deus a protegerá do estupro. Portanto, você deve ser tão culpada de ter sido vítima de estupro quanto o estuprador, de estuprá-la. Ninguém chega a articular desta maneira, mas é assim que muita gente pensa de verdade.

Terri foi fazer o colegial em outra escola. Tentamos manter contato, mas foi basicamente o fim de nossa amizade. Fiquei devastada. Sabia que ela não discutiria com o pai. Tentei fingir que não estava ferida, mas me sentia totalmente traída. Para mim, uma coisa era ser chamada de puta por um tabloide anônimo, outra era quando isso vinha do pai de uma amiga próxima, de alguém que me conhecia. Alguém que devia saber a verdade.

Mas, se existiram alguns momentos muito difíceis durante os meses que levaram até a graduação da nona série, tenho de dizer uma coisa: fui salva pela decência e pela lealdade das crianças mais próximas a mim. Lembro-me de uma noite em particular com dois amigos, incluindo um garoto chamado Scott. Scott era um ano mais novo do que eu, era gentil, bonito e muito indulgente. Praticávamos as danças do dia juntos – o *hustle* era nosso ritmo favorito –, porque a mãe dele tinha um estúdio de dança. E ele podia assistir a *Quando as Metralhadoras Cospem* – o filme que era minha obsessão na época, um musical britânico de gângster totalmente encenado por crianças – uma e outra vez comigo, e me deixar fazer todos os papéis. (Quando nos reencontramos depois de adultos, não fiquei surpresa em saber que ele era gay, mas naquela época eu simplesmente achava que ele era o melhor amigo do mundo.) De qualquer modo, um dia, algumas semanas

depois do meu estupro, ele e outro amigo estavam na minha casa discutindo os detalhes do caso, que estavam na mídia toda hora; tagarelavam de um jeito de que só garotos pré-adolescentes são capazes. Isso foi bem antes que minha identidade se tornasse de conhecimento geral na vizinhança. A mídia estivera falando sobre minha mãe – que mãe de artista mirim incansável ela deve ter sido para oferecer a filha dessa maneira para um homem reconhecidamente selvagem –, e os garotos estavam conversando sobre quão nojenta esta mãe devia ser. É claro, não tinham ideia de que estavam falando sobre *minha* mãe.

– Eu adoraria conhecer a mãe desta garota e dizer-lhe a idiota que ela é – Scott disse.

Não aguentei mais.

– Você *já* a conhece – falei. E então contei a história para eles.

Talvez fossem garotos de boa índole, ou talvez simplesmente não conseguissem ficar pensando nisso, mas Scott nunca contou para ninguém até 2009, quando Polanski foi preso no aeroporto de Zurique e eu disse para ele que não tinha problema falar sobre o assunto. Esse tipo de discrição é incomum em qualquer pessoa, ainda mais em um garoto de 13 anos.

O interesse da mídia continuou a interferir em todos os aspectos de minha vida, mas acho que foram os incidentes na escola que me fizeram sentir mais vulnerável. Como no dia em que um repórter fotográfico assustador me pegou do lado de fora da aula de teatro, no último período, e começou a disparar perguntas antes que eu percebesse quem ele era e o que estava fazendo. Ele estava me perseguindo para conseguir fotos que poderia vender aos tabloides (mais tarde, as fotografias apareceram em uma revista alemã). Eu deixei o incidente para trás até que alguém me disse que o jornal local – o *Valley News* – ia publicar uma das fotos, no dia seguinte, me identificando como A Menina do caso Polanski.

Entrei em pânico. Foi a única vez, naquele período inicial, em que liguei para Larry. Ele não estava no escritório, mas eu disse que era uma emergência, que tinham que encontrá-lo e fazê-lo ligar para mim. Isso foi antes dos celulares, mas mandaram uma mensagem

no *pager* dele. Larry recebeu a mensagem enquanto dirigia pelo Olympic Boulevard. Estacionou e me ligou de um telefone público do lado de fora de um lava-rápido. Era um dia quente e abafado e o sol batia direto em seu terno e gravata pesados.

Os jornais daquela época não publicavam o nome de vítimas de estupro, muito menos de vítimas de estupro menores de idade. A publicação ameaçadora lançava dúvidas sobre se eu *era* uma vítima de estupro confiável ou uma jovem ambiciosa que, por dinheiro, estava se fazendo de vítima de um diretor famoso.

Com o sol batendo em sua cabeça, e os carros zunindo na rua, Larry imediatamente ligou para o jornal. Não fazia sentido perder tempo com o editor; aquilo era como espantar um urubu de uma carcaça. Então pediu para falar com o advogado deles. Larry disse para o advogado qual era a questão, e disse que se aquela fotografia fosse publicada, isso constituiria invasão de minha privacidade. O advogado argumentou (é isso o que advogados fazem) que eu estava sob os olhos do público. Eu não estava. Não naquele momento. E não estaria a menos que me colocassem ali. O público não sabia quem eu era. Discutiram sobre as bases para a demanda de Larry, que também incluía a obrigação moral (discutível) de um jornal não causar danos com suas reportagens. É engraçado pensar em Larry tendo essa discussão filosófica profunda de um telefone público no lado de fora de um lava-rápido.

O advogado disse para Larry que *freelancers* – pessoas que não eram empregadas do jornal – não tinham certeza absoluta, mas haviam assegurado que acreditavam que a fotografia tirada na escola era minha, sugerindo que, desde que não eram empregados contratados, o jornal não era responsável. Larry contrapôs:

– Você não ficaria envergonhado ou até mesmo seria economicamente responsável se seu jornal publicasse a fotografia errada ou identificasse a pessoa errada?

Ele acrescentou que a invasão de propriedade da escola para garantir uma foto não autorizada de uma estudante provavelmente seria crime, e que a publicação do *Valley News* seria, então, a cumplicidade com um crime após o fato, por pagar pessoas que

cometeram um ato criminoso. Larry não retrocedeu. Sabia o que estava em jogo para mim.

O advogado do jornal foi evasivo. Minha mãe e eu ficamos desesperadas esperando o jornal sair no dia seguinte.

Não publicaram a foto.

CAPÍTULO 11

No verão de 1977, os Estados Unidos se tornaram um pouco desequilibrados. Os preços dos combustíveis estavam tão altos, e a escassez era tão comum, que a cultura dos radioamadores tomou conta, iniciada por caminhoneiros que atravessavam o país e queriam burlar a vigilância da polícia. O filme *Agarra-me se Puder* fez um sucesso enorme. Também foi o verão de *Guerra nas Estrelas* e *O Fundo do Mar* (e, portanto, o momento em que Jacqueline Bisset, que me oferecera vinho em sua casa, se tornou uma superestrela norte-americana de verdade.) Jimmy Carter era o novo presidente.

Elvis Presley morreu; os computadores Apple nasceram. E, no que pode ser lembrado como o nascimento do movimento pelos direitos dos gays na Califórnia, duzentos mil manifestantes marcharam pelas ruas de São Francisco para protestar contra as declarações antigays de Anita Bryant¹¹ e o assassinato de Robert Hillsborough, o jardineiro atacado e morto por um homem gritando “bicha”.

Embora eu fosse parte relutante das notícias do dia, estava alheia à maioria das correntes de mudança social. Depois da graduação do ginásio, voltei para York para passar o verão com meu pai. Conheci a nova namorada dele (e depois esposa), Jan, que era uma mulher adorável, pé no chão, com ares da década de 1950, tão diferente da minha mãe quanto era possível ser. Foi maravilhosa comigo, e eu fui uma ingrata com ela. Espero que todos que são como eu era aos 14 anos parem o que estão fazendo por um minuto, deixem este livro de lado e enviem flores e um pedido de desculpas para os bons padrastos e madrastas que cruzaram seus caminhos.

Para mim, o verão foi uma válvula de escape de tudo o que estava acontecendo com Polanski na Califórnia. Vejo meu diário daquela época e leio algo assim: *blá, blá, blá, garoto, blá, blá, blá, maconha, blá, blá, blá, menino bonito, blá, blá, armário de bebidas*. Esses registros, é claro, eram precedidos por esta profunda observação, meses antes: *Roman Polanski tirou fotos minhas e me estuprou, merda*.

Eu tinha a intenção de voltar à normalidade e, para mim, isso significava sair com meus amigos, ouvir música, ficar alta e dar uns amassos nos meninos. Minha parceira no crime era minha BFF¹² (como dizem hoje) Michele, de quem eu era próxima desde a escola primária. Michele estava passando por um período difícil naquele verão. Um parente, um cara horrível e assustador, ficava bêbado à noite e abusava dela. Ela tinha medo de contar para a mãe. E então o abuso continuava. Vários meses antes, ela tinha pensado seriamente em ferir-se. Isso aconteceu na noite em que eu estava com Polanski. Por anos nos convencemos de que essas duas coisas horríveis tinham acontecido na mesma noite porque tínhamos algum tipo de laço psíquico: eu estava machucada, então ela tinha que se machucar. Nada ultrapassa a capacidade de uma adolescente de dramatizar.

Mas, ao mesmo tempo, nossos dramas eram reais, e nosso desejo de fugir também o era. Formamos uma pequena gangue naquele verão: eu, Michele e um grupo de garotos que podiam oscilar entre serem nossos amigos ou nossos interesses amorosos em questão de horas. Nossos pais estavam no trabalho, e nenhum de nós foi acampar. (Minha experiência de uma semana em um acampamento terminou quando implorei para voltar para casa e consegui permissão. Odiava garotas frescas, odiava lenços no pescoço, e a única coisa que me lembro de ter gostado foi de soltar a pobre tartaruga que um bando de crianças tinha pego e colocado em uma gaiola – meu desafio final contra o sistema.) Em geral ficávamos nos parques, jogando bola e ficando altos; a criança que conseguia alguma cerveja ou maconha era sempre a mais popular. Arrumar encrenca era nosso passatempo. Nada grave (guardei para o verão seguinte), mas nos entretínhamos em criar caso para

aborrecer as pessoas. Não acho que algum de nós agia por estar “danificado” pelos traumas; éramos apenas adolescentes de bobeira. Quando íamos para qualquer lugar, sempre andávamos lado a lado, quatro ou cinco na rua, nunca na calçada. Não que estivéssemos tentando aborrecer as pessoas, embora isso acontecesse; em geral era porque não queríamos que nenhum de nós tivesse que andar atrás dos outros ou fosse deixado de fora da conversa. Éramos animais de matilha.

Quando arrumávamos namorados, era uma estratégia sem fim sobre como e quando os veríamos. Quando não tínhamos namorado, estávamos à espreita. Todos os lugares a que fôssemos – no Hershey Park, ao sair para jantar com meu pai, no show no gelo local – ficávamos de olho nos meninos. (Um pequeno aviso para as adolescentes de hoje: o Ice Capades¹³ não é o melhor lugar para conhecer garotos... A menos que você seja um garoto.) Momentos inocentes podiam se transformar em sexuais em um piscar de olhos. Em um segundo estávamos nadando com um garoto da vizinhança chamado Tom. No momento seguinte ele estava com o pênis de fora, mostrando-o orgulhosamente para mim. Não me lembro por quê. Provavelmente pedi para ver. Naquela época, não se precisava realmente de muito pretexto para acontecimentos como esse.

John continuou a ser minha paixonite principal. Meus únicos objetivos de vida naquele momento eram ouvir Aerosmith, permanecer um pouco entorpecida o tempo todo e dar uns amassos em John. Tínhamos uma mesa de sinuca em casa, e um aparelho de som estéreo, um ponto de encontro ideal para nossa gangue. (Contudo, por algum motivo, era onde meu pai guardava sua coleção de vidros antigos – quão animado ele devia ficar tendo um bando de adolescentes jogando Bola 8 perto de suas peças Lalique?)

Meu pai amante de jazz (sua trilha sonora era Miles e Coltrane) notou que sua filha estava saindo dos trilhos, então começou a instituir regras sobre como e quando eu veria John. Nenhum beijo na varanda da frente – e absolutamente *não* devíamos ficar sozinhos em nenhum cômodo. Por esse motivo, acho que

conseguimos fazer sexo apenas uma vez, talvez duas, no verão inteiro. Eu estava furiosa.

Acho que meu interesse exacerbado por sexo *era* uma reação ao estupro. Meu raciocínio era assim: se eu tive que aturar um velho assustador fazendo o que queria de mim, por que não podia dar livremente o que eu tinha para alguém que amava? *Meu* corpo, eu pensava. *Meu*. É claro, era tão provável que eu tivesse um relacionamento maduro com alguém quanto ganhar um Oscar. Sexo naquela idade não era para se conectar com outro ser humano; nem mesmo para ter orgasmo (pelo menos não para as garotas – todos os manuais nos diziam que tínhamos o direito de tê-lo, mas tente dizer isso para um garoto de 14 anos). E se você fazia sexo uma ou duas vezes, não era necessariamente uma coisa que continuaria a fazer. Era mais como o preço a se pagar para cruzar a ponte para a vida adulta.

Mesmo assim, eu estava determinada a controlar minha vida, e fazer sexo era uma parte importante deste controle. Havia a dose normal de rebeldia adolescente, é claro. Mas havia algo mais. Percebi que muitas mulheres que foram estupradas levaram muito tempo até quererem ser tocadas novamente. Minha atitude foi diferente. Acho que queria substituir uma experiência sombria, caótica, por algo agradável e normal – e dentro do meu controle. John era o “homem” – ou garoto – para a tarefa: estávamos tão apaixonados quanto era possível estar aos 14 ou 15 anos, e ele fazia com que me sentisse adorada, desejada e boa o bastante. E, ah, como eu precisava disso.

Claro, havia momentos em que pensava no que acontecera, momentos em que aquilo tomava sorrateiramente minha consciência. Mas eu não queria lembrar. Não queria ficar estragada.

E tem uma coisa: naquele momento, eu não achava que estava. Não pelo estupro, de qualquer forma. Parecia que todo mundo estava me dizendo que ou eu era a putinha de Roman ou sua vítima patética. Eu não era nenhum dos dois. Por que todo mundo queria que eu fosse uma coisa ou outra?

É claro, dentro dessa esperança melancólica de normalidade havia uma grande quantidade de negação e de comportamento

estúpido. Antes que eu me tornasse sexualmente ativa, minha mãe me puxara de lado e me dera algum tipo de creme espermicida, que eu usei na vez que fiz sexo com Steve na Califórnia. Naquela época eu era sensível e cuidadosa o bastante, mesmo aos 13 anos. Mas então veio Polanski, e depois York, e não levei proteção comigo. (E se você acha que em 1977 o adolescente médio de 14 anos pensava em usar camisinha... Por favor.) Então, talvez tenha sido uma bênção que meu pai pelo menos tenha colocado obstáculos em meu caminho. As coisas podiam ter sido muito piores.

Mas naquele verão tudo de que me lembro é a sensação de alívio por não estar no meio de tudo aquilo. Tinha a vaga sensação de uma tempestade se formando na Califórnia sem mim. Escrevi em meu diário: "Se a publicidade ficar muito ruim, talvez eu possa ficar aqui. Talvez não sejam capazes de me encontrar".

• • •

Eu não estava errada sobre a "tempestade se formando". Enquanto eu estava me comportando como uma fedelha em York, todas as partes estavam se aprontando para o julgamento de Polanski no sul da Califórnia. Apesar da evidência esmagadora, era impossível naquele momento saber que caminho o julgamento tomaria. Por um lado, a defesa fizera um trabalho realmente bom angariando apoio da comunidade de Hollywood, espalhando mentiras e usando a imprensa para me desacreditar. Por outro, Polanski tinha muitos de seus próprios problemas iminentes. Pouco antes da metade de abril, Polanski, com consentimento do juiz, voltara para casa em Londres para escapar da imprensa (me pergunto se uma não celebridade teria recebido esse tipo de cortesia profissional). Sem nosso conhecimento na época – e algo que sem dúvida alguma apareceria no julgamento –, a revista para a qual Polanski estava supostamente fazendo o ensaio fotográfico, a *Vogue Hommes* (não a *Vogue Paris*, como sempre acreditáramos), estava essencialmente dizendo para ele: Ensaio fotográfico? Que ensaio fotográfico?

Na versão de Polanski, registrada em sua autobiografia:

Quando tentei ligar para [o editor da Vogue Hommes, Gerald] Azaria – o mesmo Azaria que me implorara por uma entrevista e me pedira para fazer o trabalho que causara meus problemas –, ele se recusou a atender o telefone. Fui ver [o editor da Vogue] Robert Caille e expliquei quão essencial era que Azaria testemunhasse que eu estava trabalhando em uma tarefa de boa-fé. Depois de pigarrear e gaguejar, Caille finalmente falou: "Ele não pode fazer isso. Você não tem um acordo formal, por escrito". Eu certamente não tinha, mas tampouco tinha um para o número da Vogue de Natal, que já estava quase nas bancas. Eu disse que todo mundo na Vogue sabia que eu tinha recebido essa proposta.

"Olhe", disse Caille, "já estamos sendo questionados por um homem da Interpol. Ele veio perguntar sobre sua tarefa. Dissemos que não sabíamos nada sobre isso".

Eu me senti traído.

Na época em que Polanski publicou isso, Caille estava morto, então nunca soubemos o que realmente aconteceu. É totalmente possível que ele realmente tivesse recebido a tarefa, e que o editor da *Vogue Hommes* estivesse muito assustado para confirmar, com medo de ser ligado ao escândalo. Mas é certo dizer que a incapacidade de produzir qualquer acordo real não cairia nada bem para o júri norte-americano.

Enquanto isso, havia muitas audiências. Sempre que havia uma data no tribunal na qual se esperava que Polanski fosse aparecer, os órgãos de imprensa mandavam uma equipe completa de filmagem com repórteres para a porta. Havia cinco entradas; isso significava que cada canal de TV tinha que empregar cinco equipes completas de filmagem para três segundos de imagens de Polanski. Ouvi dizer que o *hall* de entrada do tribunal, em geral uma cidade fantasma, ficava abarrotado de gente. Para conseguir entrar e sair sem ser notado, o meu em geral impecavelmente vestido advogado, Larry, usava roupas de corrida, calça e blusão de moletom. Se você não está de terno, não é um advogado, então,

com as roupas esportivas, ele não seria detido pela imprensa ou pelos groupies do sistema judicial.

Embora uma data nunca fosse marcada definitivamente, parecia que o julgamento era inevitável. Havia certa sensação de contagem regressiva no ar. Naquele momento, o juiz Rittenband fez algo realmente estranho – e algo que só o juiz que presidia o tribunal poderia fazer. Ele ordenou que a sala do júri ao lado da dele fosse esvaziada, com as mesas e cadeiras retiradas. Então ordenou que fileiras de mesas e linhas de telefone fossem instaladas, a fim de acomodar a imprensa local, nacional e internacional para o julgamento. Consideração com as necessidades da mídia, certamente – mas talvez um pouco de consideração *demais*? Sem mencionar as despesas para os contribuintes. Era uma época anterior aos canais de notícias 24 horas, antes da TruTV¹⁴, antes da noção da corte como teatro. (Embora fosse o início de tudo isso... Havia um grupo de aposentados conhecidos como “Observadores da Corte de Santa Monica”: pessoas espertas e com tempo livre cujo passatempo era acompanhar casos dos tribunais. Juízes e advogados costumavam recebê-los nos tribunais e sair com eles para jantar e explicar os casos.)

Com toda a conversa dos advogados de Polanski sobre me obrigar a me submeter a exame psiquiátrico para ver se eu não estava fantasiando o estupro, meu advogado Larry decidiu fazer um ataque preventivo: encontrou seu próprio psiquiatra para me examinar. Não fez isso para destruir minha credibilidade, como a defesa queria fazer, mas para me proporcionar apoio e comentar sobre o efeito de ir a julgamento. Naturalmente não vi dessa forma. Para mim, esse era outro adulto invasivo exigindo que eu me explicasse. Quer ver obstinação? Arraste uma garota de 14 anos para o psiquiatra contra a vontade dela. Parecia que eu estava sendo punida por ter sido estuprada.

Terminei respondendo às perguntas, no entanto. A pessoa era gentil, formulava questões adequadas, e nem mesmo eu consegui ser chata o bastante para não responder. Antes que eu percebesse, tinha acabado. O psiquiatra achou que eu era uma adolescente saudável, mas disse que não havia meios de prever os efeitos do

trauma de ser interrogada em audiência pública. Isso foi antes da época das câmeras na sala do júri, porém, dado o foco que recaía sobre mim, eu estaria, de fato, testemunhando diante de uma audiência internacional de milhões de pessoas. Larry sabia que qualquer pessoa, ainda mais uma de 14 anos, seria levada ao limite por uma provação como esta. O estupro, pelo menos, ocorrera em particular. Isso seria público.

• • •

Enquanto era a coadjuvante do Escândalo do Estupro que circulava na imprensa, eu era só uma personagem em tudo que aconteceu durante a preparação do julgamento. Uma das cenas mais grotescas foi a dramática “Divisão da calcinha” (na verdade, uma calcinha da minha irmã, que peguei emprestada sem pedir), da qual só conheci os detalhes anos mais tarde. Foi isso o que Larry me contou:

“Quando você foi examinada pela polícia, eles pegaram sua roupa íntima cor de ferrugem como evidência. Durante o grande júri, o especialista forense do estado testemunhou que a calcinha fora testada, e que fluido seminal, mas não esperma, estava evidente – uma descoberta curiosa, mas não inédita. Agora, os dois lados queriam testar a peça íntima em busca da presença de esperma antes do julgamento – e ambos os lados tentavam reivindicar a calcinha. A solução salomônica do juiz Rittenband foi cortar a calcinha ao meio, então os dois lados podiam pegar amostras para seus laboratórios particulares.

“A questão era: como e onde cortar? A mancha na calcinha não tinha formato regular, era mais como um distrito eleitoral *gerrymandered*¹⁵. O problema era agravado pelo fato de que a densidade da mancha também não era facilmente divisível; pareciam ser duas manchas e dois compostos, sobrepondo-se um ao outro.

“Então imagine – sete homens, incluindo um representante do médico legista oficial, Douglas Dalton, Roger Gunson e eu, encarando sua calcinha – em uma sala no porão do tribunal.

“Discutimos por mais de uma hora se cortávamos a mancha de um jeito ou de outro, com várias sugestões proferidas. Eu queria cortar em quatro partes, cada lado com amostras das duas partes da mancha, mas fui derrotado. Dalton e o médico legista discutiram tenazmente, desenhando linhas no ar com o indicador. Finalmente, um técnico com luvas de látex começou a cortar cautelosamente, virando um pouco para cá, um pouco para lá, como se estivesse recortando letras para um cartaz da feira de ciências;

“Por fim a tarefa foi cumprida, a calcinha dividida, a amostra do promotor indo para o médico legista do condado de Los Angeles, e a amostra da defesa, cortesia de Dalton, indo para um laboratório médico que tinham escolhido no Arizona.”

Por que essa calcinha era tão importante? Bem, a esta altura do campeonato, tudo era importante, e as provas recolhidas na calcinha poderiam determinar se haveria um julgamento, o que todo mundo parecia querer. O juiz queria sentar-se no alto do frenesi inevitável da mídia internacional. O escritório do promotor distrital queria processar o criminoso e prendê-lo. A defesa se sentia encorajada por causa do sucesso público da campanha para destruir minha credibilidade, e estava confiante de que isso se estenderia à corte. A imprensa queria o julgamento pela mesma razão pela qual tubarões gostam de nadar perto de praias lotadas de gente. Os únicos que *não* queriam um julgamento éramos minha família e eu. Meus pais acreditavam que era mais importante me proteger do que conseguir que Polanski tivesse uma sentença longa.

A única saída era “fazer um acordo”. Polanski se declararia culpado de alguma acusação menor, levaria um puxão de orelha judicial e todos poderíamos deixar aquela confusão sórdida para trás. Se as provas recolhidas no exame de minha calcinha fortalecessem o caso da promotoria, Polanski poderia ficar mais disposto a aceitar o acordo. Por outro lado, se a evidência da calcinha fosse inconclusiva, Polanski e companhia poderiam querer se arriscar no júri. Por quê?

Bem, antes de qualquer coisa, talvez Dalton, o advogado de Polanski, realmente achasse que seu cliente era inocente. É

possível. Mas mesmo que não fosse isso, ele sentia naquele momento que poderia conseguir uma absolvição completa. No fim das contas, era uma situação ele disse/ela disse (o “ele” sendo um homem famoso e amado, e “ela”, uma garota não 100% inexperiente). O médico legista encontrara apenas sêmen e não esperma – o que significava que o júri ouviria a possibilidade de que eu, que admitira ter experiência sexual prévia, pudesse ter a calcinha manchada pelo sêmen de *outra* pessoa. Mais do que isso, ser considerado culpado de qualquer uma das cinco acusações mais sérias significaria que Polanski seria deportado. Definitivamente, Polanski *não* queria ser deportado. Ele amava os Estados Unidos e Hollywood, e os Estados Unidos e Hollywood o amavam, abençoando-o com a santíssima trindade do sucesso no mundo dos filmes – dinheiro, poder e fama. Além disso, sua partida significaria que muita gente perderia o vale-refeição. Polanski estava garantindo muito dinheiro não só aos estúdios de cinema, mas também a todo um círculo de agentes e publicitários. Era uma indústria de um homem só. Quem ia querer que essa indústria voasse para a Europa?

Esse foi o motivo de todo o alarido em torno de pedaços de tecido manchado.

• • •

Em 1977, o moderno movimento pelo direito das vítimas ainda estava na infância. A primeira legislação estadual e federal dos direitos das vítimas estava a cinco anos de distância, e ainda seriam necessários trinta anos até que a Califórnia sentisse seus efeitos. Os processos criminais tradicionalmente envolviam apenas três partes: o governo estadual, representado pelo juiz, que aplicaria a lei criteriosamente; o povo do estado, representado pela promotoria, que buscava um veredicto de culpa e punição para o acusado; e a defesa, tentando provar a inocência do acusado. Todas as partes pareciam fazer seus papéis. É claro, eu estava alheia a tudo isso naquela época. Só me ocorreu anos mais tarde que havia um significado maior no que estávamos fazendo em meu

caso. Queríamos conseguir que uma quarta parte fosse reconhecida – a vítima. Minha voz era a mais fraca entre partes poderosas, perguntando: “E quanto a mim?”.

O acusador, o promotor distrital assistente Roger Gunson, era um homem sensível e honesto. Mas tinha uma missão – condenar Roman Polanski. A defesa, liderada pelo advogado Douglas Dalton, também tinha um único objetivo: conseguir a liberdade de seu cliente. A estratégia de Dalton parecia se ancorar no princípio da dúvida razoável. O julgamento colocaria Gunson, tentando provar que Roman Polanski era culpado do estupro de uma menina de 13 anos, contra Dalton, tentando estabelecer uma dúvida razoável sobre a culpa de Polanski e mostrando fraqueza no caso da promotoria. Comandando o espetáculo estava o juiz Rittenband, desfrutando do fato de ser o centro das atenções. E no meio disso... Eu.

Eu era uma participante desconfortável para todos os envolvidos: uma vítima de crime e uma testemunha não colaborativa para a promotoria. A opinião de meus pais – e eu não podia concordar mais – era que, dada minha atitude em relação ao caso, eu seria mais prejudicada pela realização do julgamento. Nenhum de nós queria que eu crescesse sendo o foco de um escândalo sexual internacional; tudo que eu queria era uma vida “normal” ou, pelo menos, a chance de uma. Era tarefa do Larry conseguir essa chance para mim.

Todos entendíamos que evitar um julgamento significava que Polanski teria uma punição menor por seu crime principal, mas estávamos cientes de nossas prioridades. Ideias tradicionais de justiça ou retribuição bíblica eram sujeitas a controvérsia. Minha família e eu simplesmente queríamos que ele admitisse o que tinha feito, e então sumisse de nossas vidas. Imagino que a esta altura ele já tenha se amaldiçoado por não ter feito isso.

O que quer que me custasse ter de volta minha vida normal de adolescente... Era justiça suficiente para mim.

Larry propôs a ideia do acordo primeiro para Roger Gunson. O promotor distrital assistente era sensível a nossas preocupações e aberto à ideia, mas claramente preferia levar o caso a julgamento.

Não tenho certeza de quais eram os motivos dele – podia estar ansioso para atuar em um caso importante, podia sentir a pressão de seus superiores ou podia simplesmente acreditar que era a coisa certa a se fazer. Talvez fosse uma combinação dos três. Naquele momento, ele não estava disposto a se comprometer com os detalhes específicos de um acordo. Então Larry tentou uma aproximação com Douglas Dalton. Ele ouviu Larry e respondeu de seu jeito normalmente tranquilo e formal que pensaria no assunto. Mas Larry recebeu a mensagem de que Dalton não estava interessado. Talvez Dalton pensasse que poderia conseguir um acordo mais vantajoso ao não ser receptivo. Ou talvez achasse que podia ver a dúvida na mente da corte por destruir minha credibilidade.

O desafio de Larry se complicou porque o promotor distrital havia acabado de anunciar, após algumas críticas sobre acordos passados, que seriam instituídos novos padrões a partir dos quais os acordos de confissões seriam considerados. A nova regra pretendia dar a aparência de que o promotor distrital John Van de Kamp era durão com o crime. Agora, um réu que se confessasse culpado da acusação receberia a pena máxima de prisão.

Assim, o momento para um acordo em um caso de destaque não podia ser pior.

Duas semanas e dois dias depois que minha calcinha foi cortada (o tempo estimado por Dalton para conseguir resultados forenses de seu especialista), Dalton ligou para Larry para discutir o acordo. Advogados podem estar em lados opostos de um caso e, mesmo assim, gostarem um do outro e se respeitarem. Não era o caso de Dalton e Larry. Eles eram como dois gladiadores andando em círculo em uma luta até a morte. Nunca duvidei de que Larry não tinha coisa alguma em mente além do melhor para mim, mas sei que também gostava da ideia de esmagar Dalton. Era Dalton, não Roman, que estava perguntando sobre minha vida sexual e questionando minha sanidade mental.

Ainda há certa parcela de mistério ligada ao resultado daqueles testes. Depois de duas semanas, Dalton devia estar com eles, mas nunca disse nada para Larry. O resultado dos testes da amostra da

promotoria era positivo para sêmen, mas negativo para esperma. O sêmen poderia pertencer a outra pessoa. O esperma teria proporcionado uma ligação clara com Polanski. Mesmo assim, depois de presumivelmente conseguir os resultados de *sua* amostra, Dalton quis discutir um acordo. É possível que, de alguma forma, esperma tenha sido encontrado naquela parte da amostra? Talvez os resultados do teste da defesa tenham tornado a situação menos ele disse/ela disse, no fim das contas.

Quaisquer que fossem seus motivos, Dalton disse para Larry que Polanski estava interessado em um acordo – mas apenas um que evitasse prisão ou deportação. Havia apenas uma das acusações que se encaixava nessa exigência – a comparativamente suave “relação sexual ilícita”, antes conhecida como “estupro estatutário”. Estupro com uso de drogas e álcool, e fornecer substância controlada a uma menor, eram crimes sérios sob a rubrica de “torpeza moral” e impunham não apenas prisão, mas deportação. O conceito de “torpeza moral” significa que alguns crimes são uma violação tão grande aos padrões morais que a vilania e a depravação inerentes a eles são levadas mais a sério. “Relação sexual ilegal” não era considerada uma torpeza moral. Dalton disse que, se todas as outras acusações fossem retiradas, seu cliente poderia se interessar em declarar-se culpado por essa única acusação. Algum tempo depois, Dalton disse que a razão pela qual a promotoria tirou todas as outras acusações era que não poderia prová-las. Você tem de dar este crédito a Dalton. Mesmo quando perdia, ele continuava a dizer que tinha ganhado.

Larry entrou em contato com Gunson. Gunson lhe disse que precisava falar com o “centro da cidade”. A supervisão da matéria fora atribuída ao vice-promotor distrital principal, Stephen Trott. Gunson disse a Larry que Trott não estava disposto a aceitar qualquer tipo de acordo, e que era mais problemático ainda aceitar um acordo no que era basicamente o primeiro caso de destaque desde que o promotor distrital adotara as novas regras linha-dura para acordos. Pensávamos que teríamos alguma resistência, mas não um “não” redondo.

Larry ligou para Trott para discutir o assunto e o encontrou não apenas resistente como hostil. A posição de Trott era simplesmente que Polanski estava envolvido em uma séria conduta criminosa e que o promotor distrital não estava disposto a deixar que ele fosse adiante com o crime menos relevante e com as consequências menos significativas. Quando Larry relatou isso para minha mãe e meu pai, eles ficaram, é claro, chateados e zangados. Para eles, eu estava sendo sacrificada para que o promotor conseguisse marcar pontos.

Larry sentia que tinha uma única opção. Ele sabia que a promotoria precisava de mim no tribunal para fortalecer o caso. Nesta época, eu estava do outro lado do país, na casa do meu pai na Pensilvânia. O escritório da promotoria não sabia onde eu estava. Então Larry começou a falar sobre mim como uma testemunha não cooperativa. Era possível que eu ficasse em York, continuasse a estudar por lá e não voltasse a Los Angeles. Ou eu podia ir para outro lugar além do alcance da justiça da Califórnia.

Larry informou a Trott que, alheia a meus próprios interesses, eu não seria mais cooperativa com a promotoria e que, de fato, não apareceria no julgamento. Larry não tinha medo de um pouco de esgrima. Disse a Trott que achava que era um crime sério fazer-me passar por essa provação e que faria tudo que estivesse a seu alcance para evitar que eu fosse obrigada a testemunhar. Trott gemeu. Recebeu a mensagem em alto e bom som.

Alguns dias depois, Larry recebeu uma ligação de Roger Gunson perguntando se, devido a minha recusa quase certa em cooperar, meu advogado estaria disposto a proteger meus interesses e aceitar a confissão de culpa de Polanski na acusação menor. O pedido feito a Larry era crítico. Sem um pedido formal feito ao juiz na sessão da corte, eles não negociariam a confissão. Mas se Larry estivesse disposto a fazer o pedido para aceitar a confissão, então o procurador distrital faria o mesmo.

Tínhamos nosso acordo.

Larry ligou para Dalton para confirmar que o cliente dele estava disposto a confessar culpa de relação sexual ilícita. Dalton levou um tempo, mas acabou concordando. Larry então ligou para

Gunson para confirmar que tínhamos uma confissão de culpa. E, como o crime era relação sexual ilícita, haveria liberdade condicional, mas não prisão. Não havia como saber qual seria a reação do juiz, mas agora as três partes – a promotoria, a defesa e a vítima – queriam a mesma coisa.

A fim de conseguir que a promotoria aceitasse o acordo, Larry havia concordado em ler uma declaração ao juiz, pedindo mudanças nas recém-articuladas regras de acordos de confissão de Van de Kamp. Ele leu a carta, cujo trecho reproduzo aqui, para o juiz Rittenband em sessão aberta na corte:

[...] Minha preocupação primária é com o bem-estar presente e futuro desta menina e de sua família. Até este ponto, a identidade de meus clientes tem sido protegida da divulgação pública, evidenciando um exercício salutar de discrição por parte da imprensa. Meritíssimo, vossa senhoria tem sido sensível aos direitos à privacidade de meus clientes e tem protegido e protegerá aqueles cujos direitos estão de acordo com o Artigo I, seção 1 da Constituição da Califórnia, e a política pública expressa pela Legislatura em vários decretos que protegem os jovens. É claro, se houvesse um julgamento neste caso, o anonimato de meus clientes chegaria ao fim.

Em todos os casos, o equilíbrio precisa ser atingido. Neste caso, o equilíbrio que está em jogo é entre os interesses da sociedade, representada pelo promotor distrital, a defesa e meus clientes.

Ao avaliar os interesses de meus clientes, estou ciente de que eles, e mais particularmente ela, sofreram danos como vítimas de atos ilícitos cometidos pelo réu. Em um julgamento, a integridade das acusações teria sido mantida, embora o custo pessoal para eles fosse substancial. Meu ponto de vista, baseado em pareceres de peritos e na opinião dos pais da menina, é que um julgamento desses causaria danos sérios a ela. Muito antes que eu tivesse encontrado qualquer outro advogado neste caso, meus clientes me informaram que o objetivo deles ao prestar queixa não incluía conseguir a prisão do réu mas, em vez disso, a admissão do delito e que ele iniciasse, sob supervisão da corte, um programa que

garantisse total reabilitação. A confissão da culpa pelo réu é arrependimento suficiente para fazer meus clientes acreditarem que tais objetivos podem ser alcançados. A confissão, neste caso, não muda os objetivos originais, e recomendo-os a vossa senhoria para análise.

[...] Qualquer dano sofrido por ela enquanto vítima seria exacerbado ao extremo se este caso fosse a julgamento. O reviver dos acontecimentos lamentáveis com seu conteúdo delicado, através do veículo de interrogatório direto nesta corte lotada de estranhos, seria um desafio para o bem-estar emocional de qualquer pessoa. O dano potencial é ainda maior para alguém na tenra idade. Em um caso comum, essa consideração causaria preocupação; contudo, este não é um caso comum. Embora vossa senhoria tenha protegido diligentemente o decoro da corte, a intensa atenção nacional e internacional gerada por este caso tem lotado os corredores que levam para a sala do júri com uma massa de profissionais da mídia disparando flashes e cutucando com seus equipamentos para alimentar uma curiosidade inconveniente. Um membro da mídia, na última sexta-feira, em antecipação, disse que este caso "prometia ser um dos mais sensacionais julgamentos de Hollywood... ". Isso não é lugar para uma menina que está se recuperando.

A exposição pública de sua identidade em tal atmosfera carregada pode causar sérios danos a ela. Seus relacionamentos com os amigos e, de fato, sua família, jamais seriam os mesmos. Um estigma estaria ligado a ela pelo resto da vida. Justiça não é feita desta maneira [...].

O juiz Rittenband aceitou a confissão. Não era a solução perfeita – Polanski “escaparia” das acusações mais sérias –, mas era uma vitória para mim.

No final do procedimento, Polanski ficou para a tradicional confissão gravada, admitindo culpa pela acusação de relação sexual ilícita. Polanski sabia que perguntas viriam e Gunson sabia as respostas.

– Tive relações sexuais com uma pessoa do sexo feminino, que não era minha esposa e tinha menos de 18 anos de idade – Roman falou.

– Quantos anos você achava que a garota tinha?

– Eu sabia que ela tinha 13 anos.

Era simples. Era assim que este caso sórdido deveria ter terminado.

Mas o juiz não tinha acabado completamente com aquilo, não por uma última tentativa.

[11](#) Anita Jane Bryant é uma cantora norte-americana também conhecida por sua forte visão contra a homossexualidade e por sua grande campanha em 1977 para rejeitar uma lei local no Condado de Dade, Flórida, que proibia a discriminação com base em orientação sexual.

[12](#) *Best Friend Forever*, expressão usada por adolescentes que significa “Melhores amigas para sempre”. (N. da T.)

[13](#) Espetáculo de entretenimento, fundado na década de 1940, e que viajava por todos os Estados Unidos apresentando números de patinação de gelo. Foi muito popular até o fim da década de 1970. (N. da T.)

[14](#) Canal de TV por assinatura americano que trata, entre outras, de temáticas policiais, drama reais e histórias de emergências. (N. da T.)

[15](#) *Gerrymandering* é um método para definir a área dos distritos eleitorais, de modo a obter vantagens no número de representantes eleitos. É conhecido por criar áreas com formatos extremamente irregulares. (N. da T.)

CAPÍTULO 12

POLANSKI CONFESSA CULPA EM ACUSAÇÃO DE SEXO ENVOLVENDO ADOLESCENTE

Santa Monica, Califórnia (UPI): O diretor de cinema Roman Polanski confessou culpa nesta segunda de manter "relação sexual ilícita" com uma menina de 13 anos e foi condenado a submeter-se a exames psiquiátricos para determinar se será encaminhado a um hospital como "agressor sexual mentalmente perturbado".

O juiz da Suprema Corte, Laurence J. Rittenband, reteve a sentença na pendência de um relatório da condicional do ex-marido de 43 anos da atriz assassinada Sharon Tate e diretor de filmes como *O Bebê de Rosemary* e *Chinatown*. [...]

Em troca da confissão de culpa, o escritório da promotoria distrital concordou em retirar as cinco outras acusações mais graves do indiciamento, que envolviam, supostamente, drogar e estuprar uma menina não identificada no dia 10 de março, na casa do ator Jack Nicholson, que estava fora na ocasião.

[...] O promotor distrital, John Van de Kamp, disse que "os acordos para o acordo de confissão foram feitos, em grande parte, atendendo ao pedido da família da menina de que ela fosse poupada da provação de aparecer no banco das testemunhas de um julgamento sensacionalista".

• • •

Na Califórnia, sempre que um réu em caso de crime é condenado, seja por acordo de confissão ou veredicto do júri, um relatório de condicional é preparado. O relatório inclui uma série de elementos distintos, entre eles a descrição das circunstâncias do crime; a história familiar e profissional da pessoa; uma avaliação psicológica e uma sentença recomendada. A ideia é ajudar o juiz a decidir pela sentença adequada ao réu.

Mas o relatório de condicional não determina o que o juiz deve fazer – e, neste caso, era difícil prever o que o juiz Rittenband faria de um dia para o outro, ou de uma decisão para a seguinte. Suas

decisões e reações dependiam de uma série de coisas e, olhando para trás, a maior parte delas tinha relação com seu ego. Em algum momento, essa imprevisibilidade se transformou em algo que mais parecia instabilidade.

Uma coisa era clara: o juiz não estava muito interessado em mim. Para ele, este caso era unicamente sobre poder e publicidade, e minha mãe e eu éramos empecilhos sem importância. Ele não era exatamente discreto em revelar seus verdadeiros sentimentos em relação a nós. Em uma audiência memorável, com a defesa discorrendo sobre a teoria de que minha mãe tinha me empurrado para Polanski para avançar na própria carreira, ele disse: "O que temos aqui? Uma dupla de mãe/filha prostitutas?".

Mesmo assim, parecia que todos estavam de acordo. Minha mãe, meu pai, Larry e eu concordávamos – e ainda concordamos – com a recomendação final do relatório de condicional de que a sentença de Polanski deveria ser a liberdade condicional e nada mais. Mas foi aqui que as coisas ficaram ainda mais complicadas com o juiz Rittenband, que parecia estar tendo um momento extraordinário no centro dos holofotes da mídia.

O juiz chamou Larry, Gunson e Dalton ao seu escritório e disse que refletiria negativamente para ele – juiz Rittenband – se deixasse Roman sair dessa sem nem um dia na cadeia. O escrutínio público deste caso fora simplesmente grande demais, e Rittenband se arriscava a parecer um covarde se Polanski, que acabara de assinar para fazer um filme em Bora Bora com Dino De Laurentiis, pegasse apenas liberdade condicional.

Larry nos contou que fora em um corredor cheio de gente, no tribunal, que o juiz pedira as opiniões e recomendações dos repórteres, tentando sentir como a mídia reagiria a uma ou outra decisão e como ele, o juiz, seria visto. Ninguém viria a público acusar abertamente o juiz por tais impropriedades, mas agora ele estava admitindo categoricamente que estava pesando a opinião do público e da imprensa na decisão da sentença. Inacreditável.

Esta foi a solução distorcida que ele encontrara: mandaria Polanski para a Prisão Estadual de Chino por 90 dias, para algo chamado "estudo de diagnóstico". Tanto Gunson quanto Dalton

protestaram. Gunson apontou para o juiz que, segundo a lei, um estudo desse tipo não podia ser usado como punição, e Dalton disse que esse passo ia contra tudo o que o juiz indicara que faria. Dalton também disse que seu cliente estava prestes a embarcar em um novo projeto de filme que duraria pelo menos um ano.

Mas o juiz disse que não se preocupassem. Ia sentenciá-lo, mas, bem, não de verdade. A fim de satisfazer cada advogado e proteger sua imagem como defensor linha-dura da justiça, o juiz Rittenband planejava dirigir um pouco o espetáculo por conta própria.

“Quando voltarmos à corte, eis o que quero que façam”, ele disse para os advogados. Falou para Gunson argumentar que queria que Polanski fosse colocado sob custódia. Então, disse, elealaria da tribuna antes de emitir a sentença de 90 dias. Haveria uma deixa para Dalton falar, mas, sob a direção de palco do juiz, Dalton não teria permissão para argumentar que a punição era dura demais.

Bem, aquilo *era* Hollywood. O juiz Rittenband havia escalado a si mesmo como escritor-diretor-produtor-ator e estava orquestrando cada batida daquela produção, pensando apenas no que seria melhor para sua imagem. Minha família só estava preocupada que eu não fosse chamada para testemunhar. Fora por isso que concordáramos – *encorajáramos* – com a acusação reduzida, mas ainda queríamos que todas as partes do acordo fossem cumpridas. Se o juiz mudava uma parte, todo o resto do acordo podia ruir e eu acabaria na tribuna sendo interrogada por Douglas Dalton.

O público soube que houve um acordo de confissão, que Polanski admitiu relação sexual ilícita e que foi condenado a 90 dias na Prisão Estadual de Chino para um estudo de diagnóstico, com a possibilidade, dependendo dos resultados do estudo, de ser sentenciado a mais tempo. Aqui está o que o público não soube – que o juiz ofereceu um acordo a Dalton. Ele condenaria Roman a 90 dias, mas Dalton pediria adiamentos a cada 90 dias. Em um ano, quando tudo estivesse mais calmo, o juiz faria o negócio todo desaparecer. Ninguém na mídia ou no público seria mais esperto.

Larry compreendeu que Dalton não tinha escolha. Tinha que jogar do jeito do juiz ou arriscar-se a perder totalmente o acordo

de confissão. Os advogados percebiam agora que não havia abordagem fundamentada com o juiz Rittenband, não com alguém muito mais interessado no filme estrelado por Laurence Rittenband do que no filme estrelado por Polanski e uma vítima de estupro de 13 anos.

Então os advogados entraram na corte, resignados a dizer suas falas como o juiz dirigira. Primeiro Gunson, depois o juiz Rittenband, então Dalton e Larry. Cortinas. Aplauso.

Se nada mais, as transgressões do juiz forjaram algumas alianças incomuns, entre os antagonistas Larry e Dalton, e entre os adversários naturais Dalton e Gunson. Eles podiam ter problemas uns com os outros, no âmbito pessoal, mas se uniram pelo sentimento comum de que Rittenband era maluco.

Rittenband pedira a Polanski para dar um testemunho sobre si mesmo. É marcante pela frieza; ele tinha passado por poucas e boas. Diz, em parte:

Prezado juiz Rittenband,

Pediram-me para escrever-lhe um breve relato de minha vida. A seguir está o que penso serem os fatos principais que aconteceram comigo. [...]

Nasci em Paris, em 1933, filho de imigrantes poloneses que se conheceram e se casaram em Paris. Um pouco antes da guerra, a situação financeira deles obrigou o nosso retorno à Polônia. Em setembro de 1939, entrei na escola na Cracóvia, mas depois de uma semana a guerra começou. Fugimos para Varsóvia, esperando e acreditando que os alemães nunca chegassem tão longe. Infelizmente, a cidade foi destruída e o país caiu.

Retornamos à Cracóvia ocupada e logo fomos segregados com o resto da população judia. A população do gueto era sistematicamente reduzida por batidas policiais súbitas. [...]

Depois de pouco tempo minha mãe foi levada a Auschwitz, onde morreu. Não foi senão muito tempo depois da guerra que eu soube que ela estava grávida. Antes de uma batida policial, escapei pelo arame farpado, como sempre, mas quando me esgueirei de volta descobri que, desta vez, era a liquidação final do nosso gueto em

Cracóvia. Os últimos homens estavam sendo levados embora, incluindo meu pai. Tentei falar com ele, mas ele fez sinal para que eu fugisse, o que consegui fazer. Eu tinha 8 anos na época.

De algum modo consegui sobreviver aos anos seguintes, vivendo com vários amigos de minha família e parentes em partes isoladas do país. De vez em quando eu me aventurava na cidade e vendia jornais, e minha principal lembrança daquela época é ir ao cinema com o dinheiro que conseguia. Eu me sentia levemente culpado por isso, porque os filmes eram alemães e os slogans patrióticos nos muros diziam: "Só porcos vão ao cinema".

A ofensiva soviética em 1945 me encontrou novamente em Cracóvia e, depois da libertação, permaneci lá, ileso à guerra exceto por um braço machucado pelas últimas bombas jogadas pelos alemães em retirada. Um tio me encontrou na rua e me levou com ele.

Alguns meses mais tarde, meu pai retornou de Mauthausen, de onde milagrosamente sobrevivera. Eu estava naturalmente exultante de alegria, mas então ele se casou novamente e, por alguma razão que nenhum de nós jamais entendeu completamente e deixou a ambos tristes, nunca mais fomos tão próximos quanto éramos em minha tenra infância. Parecia melhor que ele me desse uma mesada e que eu fosse viver em um tipo de pensão.

Agora eu estava com 13 anos, de volta à escola. Comecei a trabalhar nas horas livres como ator mirim, e aos 14 interpretei o papel principal em uma peça chamada "Filhos do Regimento". Foi um grande sucesso, e inquestionavelmente a aclamação que recebi determinou meu desejo de seguir a carreira teatral. Meu interesse acadêmico na escola diminuiu. Tornei-me um estudante medíocre, na melhor das hipóteses, embora praticasse vigorosamente esportes de todos os tipos, em especial ciclismo. Provavelmente, minha pequena estatura, da qual crianças são terrivelmente conscientes mesmo que não digam, era uma motivação poderosa para aquelas atividades físicas, as quais, na verdade, pratico até os dias de hoje.

Aos 16 anos, fui atacado por um brutamontes tentando me roubar. Ele bateu na minha cabeça com uma pedra com força o

bastante para me mandar para o hospital por duas semanas, e mais um mês na cama de recuperação. Na verdade, eu era mais sortudo do que imaginava. O brutamontes foi preso e descobriu-se que era culpado pelo assassinato de três pessoas durante ataques similares ao meu. Ele foi enforcado.

[Com o tempo, Polanski acabou na Escola Nacional de Cinema da Polônia, casou-se, e em 1960 conseguiu fazer seu primeiro filme longa-metragem, *Faca na Água*. Sua esposa o deixou, ele se mudou para a França e de vez em quando passava algum tempo em Londres, também fazendo filmes, apesar de mal falar inglês.]

Logo depois, Robert Evans, da Paramount Pictures, me convidou a vir para Hollywood, em 1967, para fazer meu primeiro filme norte-americano: O Bebê de Rosemary. Não foi surpresa: eu já estava marcado como diretor de filmes de horror por causa de Repulsa ao Sexo. Nunca tive a intenção de me concentrar especialmente neste gênero – simplesmente parecia mais vendável quando eu estava falido –, mas, como muitas vezes parece acontecer, escolhas acidentais se transformam em histórias de fundo que colorem o resto de nossas vidas.

Casei-me com Sharon em 1968, em Londres, embora já tivéssemos decidido viver na Califórnia. O Bebê de Rosemary foi um sucesso enorme. Tudo parecia estar dando certo.

*Então vieram os acontecimentos de 1969, que fizeram com que tudo que eu conquistara parecesse sem sentido e fútil. A Califórnia se tornou insuportável depois disso. Voltei para Londres para viver e trabalhar. Embora me atirasse à atividade profissional com toda minha energia, meus dois filmes seguintes, *Macbeth* e *Quê?* foram fracassos. Em 1973, Robert Evans me convidou mais uma vez para ir a Hollywood, desta vez para fazer o filme *Chinatown*.*

*Eu estava cheio de apreensão por voltar à Califórnia, mas a verdade é que precisava de dinheiro – e também de um filme de sucesso se quisesse sobreviver em minha profissão. Uma vez que comecei a trabalhar, tudo correu bem. *Chinatown* foi lançado em 1974 e recebeu onze indicações ao Oscar. [...]*

[Mas uma] estranha reputação manchada parecia me acompanhar, baseada em parte nos temas de meus filmes, mas ainda mais por causa da enorme publicidade dada à morte de Sharon. Eu era recepcionado em todos os lugares como um membro do jet set, dado a festas intermináveis. Ficou cada vez mais difícil estabelecer relacionamentos significativos com mulheres. [...]

[Polanski começa a detalhar uma série de contratempos na carreira.]

Foi assim que cheguei ao dia 11 de março deste ano, quando mais uma vez as circunstâncias de minha vida mudaram completamente. Um projeto na Columbia foi cancelado. Meus investidores italianos em Piratas viram as bem-reportadas acusações contra mim como um sinal de que deveriam mover uma imensa ação civil para recuperar seus adiantamentos, ação esta que ainda está em andamento.

Apesar de todas essas coisas, o produtor Dino De Laurentiis me ofereceu um novo projeto, O Furacão, no mês de maio passado, que aceitei com gratidão e entusiasmo, e no qual estou agora trabalhando. Ele só foi capaz de me fazer essa oferta em um momento como esse porque é um independente genuíno, que não responde a nenhum parceiro. De acordo com sua confiança em mim, ele já comprometeu muito dinheiro com muitas pessoas que trabalharão comigo em O Furacão.

Espero que as circunstâncias não me impeçam de justificar e retribuir essa confiança.

Se tiver mais perguntas, certamente farei o melhor possível para respondê-las.

*Atenciosamente,
Roman Polanski*

A avaliação de Polanski de si mesmo, pelo menos, não era piegas ou cheia de autopiedade. Mas o relatório de condicional do oficial de ação condicional Kenneth F. Faye (e assinado por um substituto, Irwin Gold) parecia estar recomendando Polanski para o Prêmio Nobel da Paz – ou pelo menos para o Prêmio Humanitário Jean Hersholt, do Oscar.

Primeiro, o relatório detalhava o sofrimento do início da vida de Polanski e a morte trágica de sua esposa, observando que o diretor nunca fora a um psiquiatra porque temia que “pudesse interferir com o processo criativo”. Admitia que Polanski exercera “pouco discernimento transitório e perda das inibições normais em circunstâncias de intimidade e de colaboração no trabalho criativo, com alguma intoxicação coincidente de álcool ou drogas (os Quaaludes, o relator explicava sem nenhum traço de ceticismo, haviam sido prescritos para ele por causa do *jet lag*). Então começava a descrever a “maturidade física e disposição e provocação da vítima, a falta de coerção por parte do réu e sua preocupação em evitar a gravidez”. (Um interessante novo eufemismo para sodomia, aparentemente.) Apesar de minha idade e de meu testemunho de que me opusera a fazer sexo com Polanski e que eu pedira para ir embora, o relatório concluía que “havia algumas indicações de que as circunstâncias eram provocadoras, que havia alguma permissividade da mãe”. Em outras palavras a “equipe de mãe/filha prostitutas”, como Rittenband nos rotulara. “O encarceramento”, o relator escreveu, “imporia um grau incomum de estresse e sofrimento por causa de sua personalidade altamente sensível”.

Mas aquilo não era o bastante. O relatório de condicional incluía avaliações de psiquiatras saídos, parecia, do fã-clube de Roman Polanski. Um parecia se imaginar crítico de cinema. “O réu não apenas sobreviveu, ele prevaleceu [...] e se tornou uma das principais forças criativas das últimas duas décadas. [...] Possivelmente desde o Renascimento Italiano não há uma reunião de mentes criativas em um local como tem havido no condado de Los Angeles durante o último meio século [...] enquanto trazem

consigo as maneiras e costumes de suas terras natais, que em raras ocasiões estão em desacordo com as de sua terra adotiva.”

Não culpe o homem; culpe a cultura (estrangeira).

O *The New York Times* relatou:

O psiquiatra que examinou o senhor Polanski, Alvin E. Davis, avaliou que ele não estava mentalmente doente nem desorientado, e não tinha um “desvio sexual”. Ele tem uma inteligência superior, bom julgamento e fortes valores morais e éticos”, diz o relatório das conclusões do Dr. Davis.

“Ele não é um pedófilo”, o Dr. Davis é citado dizendo. “O crime ocorreu em uma instância isolada de pouco discernimento transitório e perda das inibições normais em circunstâncias de intimidade e colaboração em trabalho criativo, e com alguma intoxicação coincidente de álcool e droga.”

O relatório de condicional concluía: “Acredita-se que danos emocionais incalculáveis podem resultar do encarceramento do réu, cuja vida tem sido uma série aparentemente interminável de castigos”.

As cartas de apoio dos amigos também tendiam a indiretamente lançar dúvidas sobre a vítima de 13 anos e os motivos dela. Era possível ver os machistas da década de 1970 na defensiva.

“Há, de fato, pouca coisa sombria ou sinistra em Roman”, disse Gene Gutowski, produtor de muitos dos mais aclamados filmes de Polanski. “Ele permaneceu incrivelmente normal e bem-ajustado [...], generoso em excesso, desinteressado de ganhos materiais decorrentes da posse, é leal e gentil com os amigos, atencioso e completamente confiante, possivelmente em excesso. Como resultado, tem sido usado de tempos em tempos por mulheres jovens e ambiciosas que sentem que ser vistas em público com Roman ou ter seus nomes ligados ao dele nas colunas de fofoca levaria a uma promoção ou aumento de publicidade.”

Produtor Robert Evans, da Paramount Pictures: “Conheço o sofrimento que se abateu sobre sua vida, em especial nestes últimos dez anos, e sinto que [a imprensa] o calunia terrivelmente.

Ele pode ter dado origem a manchetes provocativas, mas, com raras exceções, a imprensa nunca captou a beleza da alma de Roman”.

E, talvez de modo mais revelador, o diretor e produtor Howard Koch: “Tenho certeza de que a situação na qual ele se encontra agora é uma dessas coisas que podem acontecer a qualquer um de nós”.

A propósito, os louvores não vieram apenas dos homens de Hollywood. Quinze anos antes de descobrir que Woody Allen tinha fotos nuas de sua filha, Mia Farrow também declarou publicamente apoio a Polanski.

Como eu disse, minha família e eu não nos importávamos com a prisão de Polanski. Não havia nada a ganhar com isso, e não éramos vingativos. Mas ver a empatia que era oferecida a ele, enquanto virtualmente nenhuma era oferecida a nós, era uma coisa muito decepcionante. O relatório fez referência de passagem às mensagens de ódio que ele recebeu, mas também citou uma carta de apoio a Polanski que dizia: “Todos devemos ajudá-lo a ficar bem, pois estamos em dívida com sua arte. [...] Não devemos expulsá-lo de nossa sociedade”.

Quanto ao juiz Rittenband, ele rapidamente convocou uma entrevista coletiva em seu gabinete para explicar a sentença. Em toda sua experiência, antes ou depois, Larry nunca ouviu falar de um juiz tão obcecado com seu perfil público a ponto de organizar uma sessão de perguntas e respostas com a imprensa. O caso parecia se mover para outra fase, mas o juiz Rittenband estava determinado a não abandonar o centro do palco com tanta facilidade.

Então, com a sentença de submeter o réu a “estudo de diagnóstico” por 90 dias na Prisão Estadual de Chino implementada, e aparentemente aprovada pela imprensa, o juiz Rittenband deu a Polanski o prazo de 90 dias para finalizar o trabalho de pré-produção do filme para Dino De Laurentiis, *O Furacão*. A atitude despreocupada de Polanski durante esta licença provou ser sua ruína.

Supostamente, o diretor devia seguir para Bora Bora para a pré-produção. Em vez disso, parou na Alemanha para tentar arranjar um acordo de distribuição e conferir algumas possibilidades de elenco – incluindo sua ex-amante Nastassja Kinski. (No fim, o filme foi estrelado por Mia Farrow, Jason Robards como o saqueador branco opressor, e um cara que ficava lindo sem camisa como o nativo culturalmente puro. O clima é muito ruim. É tudo que você precisa saber.) Polanski calhou de estar em Munique durante a Oktoberfest – e ele nunca foi de fugir de uma festa.

O *Santa Monica Evening Outlook* publicou uma foto da Agência de notícias UPI de Polanski cercado por um bando de *Fräuleins* jovens e atraentes, com a legenda: “Diretor de cinema Roman Polanski, que teve uma autorização da Suprema Corte de Santa Monica para postergar um estudo de diagnóstico de 90 dias em uma prisão estadual, fuma seu charuto enquanto desfruta da companhia de algumas jovens na Oktoberfest em Munique, Alemanha”.

Quando Polanski protestou que a foto fora cortada, e que de fato as mulheres que o rodeavam também estavam cercadas por seus maridos e namorados, era tarde demais. Rittenband estava fervendo. Estava sendo feito de bobo, disse, e falou para um repórter do *Los Angeles Herald Examiner* que “Roman Polanski poderia estar a caminho da prisão no final de semana”, acrescentando que “eu não sabia, quando o deixei ir, que seria impossível terminar o filme em 90 dias. Sinto que muito possivelmente essa ideia me tenha sido imposta”.

Polanski retornou, por ordem de Rittenband, e quando fez isso o juiz lhe deu os 90 dias para aquele estudo de diagnóstico. Previsivelmente, isso tudo foi acompanhado por outra corrida da mídia e mais debates sobre se Polanski estava tendo a recompensa justa ou era vítima de perseguição. Irado, o juiz Rittenband deixou que os advogados soubessem que ele tinha o destino de Polanski nas mãos e que ainda tinha o poder de prendê-lo por 50 anos.

Em 16 de dezembro – após uma festa de despedida com as presenças de Tony Richardson, Jack Nicholson e Kenneth Tynan, entre outros –, Polanski foi escoltado através de um batalhão de

fotógrafos e repórteres para a prisão estadual pelo advogado Wally Wolf e por Hercules Bellville, amigo e diretor de segunda unidade de vários de seus filmes. Polanski acreditava que o juiz Rittenband, em um acesso de raiva, dera a dica para a imprensa com a data e a hora de sua chegada.

Anos mais tarde, em sua autobiografia, Polanski afirmou que realmente encontrou certo contentamento na prisão, e enquanto várias histórias vazavam sobre rasgos de cortesia dos outros detentos (incluindo uma história de que ele tinha prometido um papel em seu próximo filme para a filha de 4 anos de um prisioneiro, com uma insinuação sinistra de seu amor pelos *muito* jovens), o tempo que passou lá foi relativamente livre de problemas: “Eu me senti seguro e em paz”, escreveu.

CAPÍTULO 13

No início do décimo ano, tudo estava errado. Tudo. Primeiro, e mais importante, eu estava de volta à Califórnia, onde era A Menina, e sentia falta de meus amigos e namorado em York. Eu estava em uma nova escola onde não conhecia praticamente ninguém, já que meus amigos do antigo colégio haviam se dispersado por outras escolas. Eu não tinha amizade com as garotas populares, que chamávamos de Guccis (o designer do momento; você tinha de ter aquela calça jeans, além das correntes douradas e argolas nas orelhas, ou não era nada). Cortei o cabelo e ganhei um pouco de peso; disse a mim mesma que queria uma aparência diferente – e consegui –, mas também tinha algumas ideias sobre parecer mais durona. Sempre me fora fácil conseguir boas notas, mas isso agora não significava nada. Eu me sentia bem com os maconheiros – um grupo de garotos de atitude relaxada, que nunca me fazia perguntas, parcialmente porque não sabia sobre o que ocorrera no ano passado, mas também porque não se importava. Em certo sentido, estávamos nos perdendo nas drogas, mas ainda encontrávamos grande consolo uns nos outros.

Minha mãe ficava constantemente preocupada comigo, mas se sentia impotente para ajudar. Como me disse muitos anos mais tarde, sua atitude em relação a mim naquela época era “O que posso fazer por você? Posso lhe dar mais alguma coisa? Como posso fazer você feliz?”. Era culpa completa e absoluta.

Não acho que o agravamento dessa atitude era uma escolha consciente, mas eu estava zangada com o mundo e, com qualquer pensamento frustrado de me tornar atriz, eu não queria mais ser a criança bonitinha.

Não que eu tivesse de me preocupar com isso. Antes que soubéssemos que não haveria julgamento, minha mãe estava

muito preocupada: no decorrer do ano, eu crescera e parecia muito mais velha, e ela sentia que, embora parecesse mais jovem do que 13 anos na época do ataque, eu agora poderia ser confundida com uma garota de pelo menos 16 ou 17 anos. Isso deixaria a imprensa ainda mais hostil e tornaria mais passível que Polanski tivesse presumido que eu era maior de idade.

Eu me tornei mais facilmente chateada com tudo, e passava grande parte do tempo chorando em meu quarto. Não queria estar na Califórnia, não queria estar na escola... Só queria descer do trem para Malucolândia.

Quando minha mãe me contou que Polanski estava trancado na cadeia sob avaliação psiquiátrica, não senti a mais leve sensação de satisfação ou justiça feita. Ao contrário. Desejava que ninguém nunca tivesse descoberto. Continuamente ficava tentando me imaginar naquela noite. Por que eu não tinha lutado mais? Por que bebi? Por que usei drogas? Sentia que seguramente poderia tê-lo impedido. Eu sabia que não era racional, mas me sentia responsável por tudo aquilo. Depois de meses assim, vi que culpar a mim mesma era errado e inútil, então decidi meio que colocar de lado esses sentimentos, trancá-los em uma caixa. Quando minha mãe me falou sobre Polanski, assenti e simplesmente saí andando.

Eu estava determinada a prosseguir com minha vida. Mas se tornaria uma vida de "desviar o olhar".

• • •

Polanski foi solto da Prisão Estadual de Chino em 29 de janeiro de 1978, depois de cumprir 42 dias de sentença. O relatório psiquiátrico de Chino era, se não outra coisa, ainda mais lisonjeiro do que o relatório original da condicional. Tenho certeza de que ele era um prisioneiro exemplar. Mesmo assim, é muito claro que os oficiais da prisão não eram mais imunes ao poder da celebridade do que os fãs comuns.

Philip S. Wagner, psiquiatra-chefe de Chino, retratou o prisioneiro Polanski mais como vítima que como infrator. "Não há evidência de que o crime tenha sido, de alguma maneira, caracterizado por uma

atitude destrutiva ou insensível em relação à vítima”, ele escreveu. “A atitude de Polanski foi, sem dúvida, sedutora, mas atenciosa. O relacionamento com a vítima se desenvolveu de uma atitude que foi de profissional a erotismo mútuo divertido. [...] Polanski parece não ter notado, naquele momento, que estava se envolvendo em uma ofensa criminal, um caso isolado de ingenuidade, incomum em um homem maduro e sofisticado.”

Não que eu discorde muito dessas afirmações, mas... “Erotismo *mútuo*”? “Caso isolado de ingenuidade”? Por favor.

Quando os oficiais de Chino soltaram Polanski em menos da metade do período de 90 dias de “sentença” e disseram que o estudo de diagnóstico estava completo, a imprensa não ficou feliz. E quando a imprensa estava infeliz, o mesmo acontecia com Rittenband. Ele chamou os advogados em seu gabinete para mais um embate.

Larry não tinha papel formal nas negociações que se seguiram, mas estava lá, como dizia, para levar consciência à confusão toda – para lembrá-los de que havia uma menina cuja vida inteira poderia ser afetada pelas decisões deles. Em 31 de janeiro de 1978, o dia antes da data em que Roman deveria retornar à corte de Rittenband, os advogados atenderam ao chamado do juiz. Como sempre, Gunson e Dalton tomaram os dois assentos na frente da escrivaninha de Rittenband, e Larry foi para seu lugar ao lado da grande mesa, perto do juiz.

Larry recorda que o juiz Rittenband começou a dar um sermão zangado e pomposo sobre como não permitiria que Polanski zombasse da corte. Quando o interfone tocou, Rittenband rosou para a secretária a qual tinha instruído não interrompê-lo sob nenhuma circunstância, e que agora estava interrompendo.

– Senhor – ela disse pelo interfone –, Bill Farr está ao telefone.

William Farr era um repórter bastante jovem (agora falecido) do Los Angeles Times, e estava acompanhando o caso. Conhecido entre os colegas jornalistas por sua coragem – cumprira pena na prisão durante o julgamento de Manson por se recusar a revelar a fonte de um de seus artigos sobre a família que revelara que estava planejando matar Elizabeth Taylor e Frank Sinatra –, ele

também era, aparentemente, confidente de Rittenband. Quando Farr ligou, a conversa entre o juiz e Gunson e Dalton foi interrompida.

– Sim – ele disse. – Vou atender.

Gunson e Dalton sussurravam um para o outro, de modo a não interferir na ligação de Rittenband. Larry (como ele me explicou mais tarde) não conseguia participar da conversa deles de onde estava sentado, então, a menos que saísse da sala ou tapasse os ouvidos com os dedos, não podia deixar de ouvir a conversa entre Farr e Rittenband. Pareceu a Larry que eles estavam envolvidos em algum tipo de tomada importante de decisão – mas como aquilo seria possível? Uma pessoa na conversa era o juiz que presidia o caso, e a outra pessoa era um repórter.

– Não! Não! Não! Vou fazer o que lhe disse que faria, e me prenderei a isso – o juiz Rittenband disse. – Não, ainda não falei para os advogados!

Gunson e Dalton, sentados sem nada para fazer, remexiam-se desconfortáveis em seus assentos. Não conseguiam ouvir o que o juiz dizia ao telefone, e não tinham ideia do que estava acontecendo. Larry estava espantado. Rittenband estava recebendo conselhos de um repórter? Por quê? Uma coisa era jogar *com* a mídia; outra bem diferente era fazer o jogo *da* mídia. Estava claro para Larry que Rittenband e Farr estavam dando sequência a uma conversa iniciada anteriormente.

A conversa ao telefone do juiz Rittenband durou cerca de meia hora. Os advogados continuavam sentados, esperando. O juiz não mostrava constrangimento com o que estava fazendo. No mínimo, parecia estar se exibindo um pouco para os advogados: *Estes caras da imprensa não me deixam em paz!* Acima de tudo, ele estava mais preocupado com as necessidades do repórter do que com as necessidades dos advogados.

– Não vou pensar no assunto – ele disse. – Vou anunciar amanhã, da tribuna, e você vai cumprir seu prazo.

Larry conseguia ouvir a voz de Farr, mas não conseguia entender o que ele dizia ao juiz.

Mais alto agora, para que Gunson e Dalton pudessem ouvir, Rittenband prosseguiu:

– Não vou fazer isso porque, se fizesse, seria seriamente criticado por todos, e não vou ser criticado por ajudá-lo.

Espantados, os advogados se entreolharam. Ele realmente estava tendo aquela conversa na frente deles?

Temendo críticas da imprensa, Rittenband estava mais uma vez mudando de rumo. Os 42 dias não eram o bastante. Em vez disso, ele decidira dar a Polanski uma sentença indeterminada. Isso significa exatamente o que parece: a duração da sentença não é explicitada. Podia ser uma semana. Podiam ser 50 anos.

Ao ver os olhares incrédulos nos rostos dos advogados, Rittenband se apressou em tranquilizá-los.

– Não se preocupem com isso – disse. – Quero que as pessoas pensem que sou um sentenciador rígido. Então, farei isso e, quando a atenção no caso tiver desaparecido, você – indicou Dalton – fará uma petição para uma mudança de sentença e eu o sentenciarei a tempo de serviço. Levarei isso adiante amanhã.

Eles estavam atordoados. Polanski tinha excelentes relatórios de condicional. Rittenband *já* concordara com tempo de serviço. Então, com um pouco de pressão da mídia e a reprovação de um repórter, o juiz estava mudando de ideia.

Naquela época, qualquer condenado por “relações sexuais ilícitas” teria uma pena de, no máximo, 4 anos (não que os condenados passassem tanto tempo presos; a sentença era, em geral, de 6 meses ou menos). Mas, em 1978, uma condenação de 50 anos era teoricamente possível. Se as partes concordassem com uma sentença indeterminada, Roman Polanski poderia, por capricho do juiz, passar o resto da vida na cadeia.

Dalton, Gunson e Larry caminharam entorpecidos até a lanchonete do tribunal e pediram café. Depois de um longo silêncio, Dalton se virou para Gunson e perguntou:

– Devo confiar nele?

Gunson lhe lançou um olhar.

– Ah, não vejo por que não – disse secamente. – Você confiou nele antes.

Dalton pareceu cansado.

– Tenho um cliente sentado em meu escritório, esperando por mim para saber o que aconteceu. É melhor contar para ele – foi até o telefone público. Conversou com seu cliente.

Como Polanski contou mais tarde, havia um assento disponível no voo da British Airways para Heathrow naquela tarde. Ele comprou a passagem.

PARTE TRÊS

CAPÍTULO 14

POLANSKI FOGUE PARA PARIS

Jacksonville (III.) Courier

2 de fevereiro de 1978

Londres (AP): O London Evening News relatou que localizou o diretor de cinema Roman Polanski em sua casa em Paris, após fugir da Califórnia para escapar da condenação por ter tido relações sexuais com uma menina de 13 anos. A extradição para os Estados Unidos parece improvável.

O Evening News disse que um empregado da residência de Polanski na capital francesa contou para o repórter: "Sim, o senhor Polanski chegou esta manhã. Está muito cansado e descansa tranquilamente. Não está doente, apenas cansado".

O diretor de 44 anos de *O Bebê de Rosemary* e *Chinatown* chegou ao aeroporto de Heathrow, em Londres, na manhã de quarta-feira, em uma companhia aérea britânica, vindo de Los Angeles, mas os repórteres foram incapazes de localizá-lo depois disso.

A Scotland Yard disse que não está procurando por ele.

"Ele não cometeu crime na Inglaterra, e até onde sei não recebemos mensagem alguma dos Estados Unidos sobre ele", o porta-voz da Yard declarou.

Polanski é cidadão francês, declaradamente com casas em Londres e Paris, e o procurador que lida com seu caso na Califórnia sugeriu que ele foi para França, onde não corre risco de extradição. Amigos em Paris indicaram que haviam conversado com ele em Londres, mas disseram que não sabem quais são os planos do diretor. Cidadãos franceses não podem ser extraditados da França sob nenhuma acusação.

Polanski não compareceu à audiência de sentença em Santa Monica, Califórnia, na quarta-feira. Seu advogado, Douglas Dalton, anunciou na corte lotada: "Recebi uma ligação do senhor Polanski, esta manhã, avisando que não estaria aqui. [...] Não acredito que ele esteja nos Estados Unidos".

O juiz da Suprema Corte, Laurence J. Rittenband, emitiu um mandado de prisão para o diretor e concedeu, a pedido de Dalton, um tempo para que Polanski fosse convencido a voltar. O juiz agendou outra audiência para 14 de fevereiro, na qual pode condenar Polanski à revelia.

Dalton disse que “faria todos os esforços” para que seu cliente retornasse até essa data. [...].

O dia 1º de fevereiro de 1978 – o dia em que Polanski supostamente apareceria na corte e o juiz supostamente aceitaria o acordo de confissão – foi muito agitado. Alguém contou para Larry: “Ele não está aqui. Foi embora”. Larry foi até Dalton e perguntou o que estava acontecendo. Dalton, como era de se esperar, o ignorou. Então Larry perguntou para Gunson, que disse: “Polanski escapou”. Larry perguntou o que acontecera. Gunson respondeu: “Não sei”.

Na corte, Dalton disse que tinha recebido uma ligação de Polanski avisando que não compareceria naquele dia. Rittenband perguntou:

– O que ele lhe disse?

Dalton invocou o privilégio entre advogado e cliente.

– Você pediu para [Polanski] voltar e aparecer para a sentença? – Rittenband perguntou.

Dalton respondeu:

– Meritíssimo, cumpri todas as minhas obrigações.

Larry disse que quase dava para ver a fumaça saindo das orelhas de Rittenband.

De qualquer forma, cerca de uma semana mais tarde, Dalton ligou para Larry, contou que apresentaria uma moção para desqualificar Rittenband e perguntou se ele poderia ler e lhe dizer se a declaração estava precisa. Já pediu a Gunson para fazer o mesmo. Os dois concordaram em revisar o rascunho e dar uma resposta. A falta de profissionalismo de Rittenband era uma coisa com a qual todas as partes concordavam.

Rittenband apresentou uma resposta à moção na qual contestava as conclusões e insistia que podia continuar a agir com justiça. Embora não tenha reconhecido qualquer irregularidade, renunciou ao caso. Livrou-se de ser desqualificado, mas o efeito foi o mesmo, e era isso o que importava: ele estava fora do caso. Pelo resto de sua vida, ele nunca superou a raiva, nunca reconheceu que

houvesse qualquer coisa irregular em seu comportamento judicial. Mais de uma década depois, quando perguntado sobre a fuga de Polanski, o juiz fez referência à [ópera] *Mikado*, de Gilbert e Sullivan, na qual o Sumo Carrasco mantém uma “listinha” de prováveis decapitações, citando: “Ele está em minha lista. Ele está em minha lista”. Rittenband escarneceu incessantemente das alegações até sua morte, em 1993.

Trinta anos se passariam antes que Polanski fosse acusado por fuga ou não comparecimento à corte – e isso foi na época de sua prisão e tentativa de extradição, em 2009. Roger Gunson continuou a trabalhar no escritório da promotoria até essa época, e deixou claro que não acusaria Polanski por aqueles crimes.

Minha família nunca esteve ciente dos problemas com o acordo judicial, então foi uma surpresa para minha mãe quando Larry lhe contou que Polanski deixara o país. Mas, depois que ele explicou o que acontecera, ela certamente compreendeu o motivo. Ficou aliviada e contente. Achou que eu conseguira o que queria. Uma vez, quando fui pressionada a dizer o que pensava que devia acontecer com ele, eu respondera que achava que ele devia deixar o país. Na verdade, não queria que coisa alguma acontecesse com ele; era só a resposta na qual pude pensar. Quando minha mãe me disse que ele se fora – bem, não chamaria de um dos dias mais felizes de nossas vidas, mas certamente foi repleto de grande alívio. O ar ficara um pouco mais fácil de respirar. Nunca pensei em questionar o que acontecera. Tudo que pensava era: LIBERDAAAAAAAAAAAAADEEEEEEEEEEE. Nada mais de contar minha história. Nada mais de me ver sendo chamada de “menina vítima de crime sexual” no jornal. Ao mesmo tempo, acho que sabia no fundo do coração que, em algum momento, de algum modo, teria que lidar com isso novamente. Mas eu tinha o mesmo senso de futuro de um Beagle: vivia no presente, talvez cinco segundos no passado e cinco segundos no futuro. Então, tudo bem, em algum momento eu teria problemas, mas por enquanto podia seguir com minha vida.

Mas o que exatamente *era* essa vida? Certamente não seria atuar ou trabalhar como modelo. Eu podia ver as manchetes: “Menina

vítima de crime sexual consegue papel em seriado”. “Ah, bem”, eu pensava comigo mesma. “Ah, bem”, e era tudo. Minha vida estava em compasso de espera havia um ano; a última coisa que eu queria era continuar me preocupando com o futuro.

Este foi o ano de “Don’t stop”, de Fleetwood Mac:

*If your life was bad to you,
Just think what tomorrow will do.*¹⁶

No verão após o décimo ano voltei para York levando Crystal, minha amiga da equipe de ginástica, comigo. Com todo o excelente senso comum de uma maconheira-em-formação, decidi que era o momento de me soltar. Olhando para trás, foi quando minha vida começou a degradingolar. Qualquer droga que conseguisse encontrar, bem, eu a experimentava. Qualquer garoto que conseguisse encontrar, eu o experimentava também. [A banda] Boston surgiu com seu hino para seguir em frente, “Don’t look back”. Eu não pretendia olhar para trás.

Eu estava fora de controle. Meu pai estava compreensivelmente preocupado com o mau exemplo que eu me tornara para meus meios-irmãos mais jovens, e Jan (agora oficialmente minha madrasta) estava cansada de limpar a sujeira de garrafas de cerveja e cinzeiros transbordando que encontrava escondidos em meu quarto. Ainda tinha meu namorado, John (e, algumas vezes, Jimmy, se John não estava por perto), mas foi meu amigo Joey quem me levou para casa quando eu estava tão bêbada que não podia parar em pé: ele me carregou até a varanda, tocou a campainha e saiu correndo, bem a tempo de evitar a visão de meu pai abrindo a porta e eu vomitando em seus sapatos. Meu pai não ficou feliz. Eram bons sapatos.

Meu pai e eu adorávamos um ao outro, mas nosso relacionamento nunca mais foi o mesmo depois de Polanski. Não que ele me culpasse de alguma forma pelo estupro – não era nada além de solidário, compassivo e, bem, paternal. Mas eu deixara de ser a garotinha do papai para ser esta rebelde sem causa briguenta e mal-humorada, e mesmo que ele tendesse a culpar minha mãe

por minha irresponsabilidade, eu era para ele um imenso pé no saco. Eu me ressentia das tentativas dele de me frear, e ele ficava impaciente com a forma como meu comportamento indisciplinado estava perturbando seu lar feliz. Ele só não queria aturar minhas baboseiras. Quem iria querer?

Aquele verão foi basicamente o prenúncio de meu ano seguinte na escola. Lá pela metade do ano escolar, meu ritual era assim: minha mãe me deixava na porta dos fundos da escola; eu ia direto para a porta da frente com Crystal; pegávamos o ônibus para a casa dela; ficávamos curtindo e fumando maconha o dia todo.

Também havia muitas outras drogas mais pesadas ao redor: cocaína, Quaaludes e LSD eram fáceis de encontrar, e eu ficava feliz em usar o que quer que caísse em minhas mãos. Havia muita anfetamina disponível no estacionamento da mercearia Ralphs, e minha mãe e o treinador de ginástica estavam satisfeitos em me verem perder o peso que eu ganhara. (Eu ainda aparecia no treino, mesmo quando não aparecia nas aulas.) Com os problemas com a imagem corporal de qualquer adolescente, eu me perguntava se eles realmente se importariam se soubessem que eu estava tomando anfetaminas. Não era mais importante ter boa aparência e bom desempenho? Depois de um tempo, eu só ia para a escola para comprar drogas. Até o momento em que a administração chamou minha mãe em junho, para dizer que eu não aparecia na escola desde março, eu já tinha feito o teste de equivalência, em surdina, e conseguira passar, apesar de ter ficado até duas da manhã tomando ácido na noite anterior. Eu tinha efetivamente me formado. Ela estava desapontada, mas o que podia fazer? Ela sabia quanto eu odiava aquilo, e não havia nada no mundo que me fizesse voltar atrás. Olhando pelo lado positivo, eu conseguira pular um ano quando comecei o jardim da infância, e agora estava me formando mais cedo. Fingi interesse em ir para a faculdade para acalmar as coisas.

Nenhum de meus amigos era traficante de verdade: usávamos a maior parte do que comprávamos e vendíamos o resto para manter o vício. (Ok, talvez fôssemos traficantes, mas não dos bons.) Fumei muito, tinha umas viagens de vez em quando, tomei muita

anfetamina e passei para cocaína e Quaaludes. Achava que tudo isso era uma época boa demais, assim como as pessoas com quem andava. Talvez estivesse tentando lidar com o que ocorrera comigo no ano anterior. Ou talvez não. Talvez só quisesse ficar alta. Não se deve analisar demais os caprichos de uma adolescente drogada.

Consegui manter escondida de minha mãe minha vida como desocupada usuária de drogas. Para agradá-la, e talvez para manter a aparência de que eu estava em pleno funcionamento, fui a um teste para um comercial de Kool-Aid. Não tinha vontade de fazer aquilo – só queria ficar por aí com meu namorado e amigos –, mas tínhamos fotos feitas para um novo *book* e eu tinha prometido para minha mãe que cumpriria o compromisso. Cheirei uma carreira antes de ir e consegui o papel, o que me ensinou uma lição muito valiosa: as pessoas gostam de você quando você está alta!

Saía com meu grupo restrito de amigos – Crystal, Brett, Craig, Ron e alguns outros. Fazíamos tudo juntos. Em retrospecto, suponho que era óbvio que eu estava escondendo minha dor sob um verniz “bacana”. Drogas eram uma fuga, é claro, mas com frequência nenhuma quantidade de maconha ou de Aerosmith me possibilitava fugir.

• • •

Numa tarde na Taft (meu colégio), meu amigo Ron ia me levar para casa, mas, em vez disso, o amigo dele, Craig, me deu uma carona. O carro tinha mais adolescentes do que lugares. Então, a solução para mim foi sentar no colo de Craig. E assim começou um relacionamento que duraria, entre idas e vindas, pelos oito anos seguintes. Craig era, para ser franca, lindo. Tinha o cabelo desgrenhado loiro encardido, costeletas compridas e olhos azuis cintilantes. Era o perfeito *bad boy* da década de 1970, uma espécie de Burt Reynolds de 16 anos. Quebrara as duas pernas em um acidente de bicicross, o que significava que passara meses engessado, levantando peso para fortalecer a parte superior do corpo. Quando nos conhecemos, ele vivia com a mãe a um

quarteirão de minha casa. Eu tinha ouvido histórias horríveis sobre o pai dele antes do divórcio. Era o tipo de homem que colocava cadeado nos armários da cozinha porque achava que as crianças comiam demais. Em um momento, vendeu a bicicleta de Craig, supostamente para pagar o conserto de uma porta quebrada (que nunca foi arrumada). Outra vez, para ensinar algum tipo de lição ao filho, deu o cachorro de Craig enquanto o menino estava fora no final de semana. Não sei se cheguei a saber qual era o nome verdadeiro do pai dele; a mãe de Craig só se referia a ele por "Hitler".

Craig sabia onde conseguir drogas e sabia que eu as queria; ficávamos altos muitas vezes. Ao mesmo tempo, ele era extremamente competente em mecânica: era capaz de consertar qualquer carro. Atirava com armas, praticava bicicross e me ensinou como fazer todas essas coisas também. Íamos acampar no deserto para andar de bicicleta e atirar. Bebidas/drogas/bicicross/armas: bela combinação. Uma vez, depois de um dia na praia, paramos em Malibu Canyon para que eu pudesse mijar do lado da estrada. Fui mordida por uma cascavel quando tropecei em um arbusto e nem mesmo percebi. Vendo pelo lado positivo, no entanto, eu estava com o tipo de namorado que tinha visto muita coisa em sua curta vida e que não entrava facilmente em pânico. Ele me levou para o hospital enquanto o veneno paralisante seguia de modo contínuo o caminho pelo meu corpo cada vez mais imobilizado. Sem problema. Por mais irracional que fosse, dado o gosto dele por perigo, eu sempre me senti segura com Craig.

E, ainda assim, ele podia ser um terror, além de controlador – e eu nunca fui alguém que gostasse de ser controlada, mesmo que fosse para meu próprio bem. Ele não era estúpido; ficava exasperado com meu objetivo de vida que, naquele momento, era fazer o menos possível de trabalho. Havia muita bebedeira, gritos e tapas – e eu dava tanto quanto recebia. Tinha que acabar, e acabou várias vezes. Mas continuávamos a voltar um para o outro. Eu não podia evitar. Ele era o homem para mim.

Fico espantada que nos anos seguintes nada realmente horrível tenha acontecido. Ninguém foi preso, e houve apenas dois acidentes de carro. Bem, três, se contar a vez em que visitei minha irmã, Kim, novamente morando em York, e pus fogo no carro dela. (Eu fiquei sem gasolina e encontrei um pouco de combustível no cortador de grama. Coloquei-o no carburador e dei a partida e – bem, tudo o que posso dizer é que não funcionou. Mas... Podia acontecer com qualquer um, certo?)

Eu estava encenando? Nunca achei que estivesse. Teria escolhido um caminho mais certinho se o incidente com Polanski não tivesse acontecido? Possivelmente. Minha mãe e Bob, tão cheios de culpa, só eram capazes de me dizer “sim”. Eu me lembro de um 4 de julho em particular, quando Bob ouviu nossos planos de tomar ácido e ver a queima de fogos. Ele insistiu em nos acompanhar, porque estava preocupado. (Ele sabia que, mesmo se nos impedisse naquela noite, simplesmente faríamos em outra noite qualquer.) Levou-nos na traseira de sua caminhonete até as colinas perto de casa para ver a queima de fogos, e se assegurou de nos levar em segurança para casa. Mal sabia ele que estávamos consumindo ácido o tempo todo. Essa seria apenas uma noite particularmente festiva para fazer isso mais uma vez.

Seria possível chamar minha mãe e Bob de facilitadores, mas seria como chamar de “facilitadores” os guardas florestais que começam uma queima controlada antes da estação dos incêndios. Não; os guardas querem minimizar danos inevitáveis. Assim era com minha mãe e Bob. Por mais ultrajante que eu fosse algumas vezes, sempre me senti cuidada. Acho que teria me metido em muito mais encrencas sem eles.

Meu pai fora a única pessoa a se preocupar com minha performance escolar. Mas, àquela altura, ele tinha desistido de ter uma filha com inclinações acadêmicas.

– Você devia ir para a faculdade e encontrar um homem que tome conta de você – ele dizia.

Eu não ouvia, mas ele estava certo. Nos dez anos seguintes, se houvesse uma Olimpíada para desertores de emprego, eu teria ganhado ouro. Era extremamente hábil em *conseguir* trabalho,

porque era esperta e capaz. Mas então, em geral, pedia demissão antes de ser demitida. Meu relacionamento com meu pai se deteriorou gradualmente. Ele podia ser particularmente frio e mau quando estava bêbado. Em um esforço para me dissuadir da carreira de atriz, certa vez me disse:

– Deve haver uma centena de garotas em um raio de trinta quilômetros de sua casa que são mais talentosas e mais bonitas do que você.

Craig e eu fomos morar juntos em 1980, quando eu tinha 17 anos. No verão seguinte, eu já estava cheia. Decidi dar um tempo da Califórnia e de Craig. Coloquei minhas coisas em meu Camaro, descarreguei na casa de minha mãe, deixei um bilhete em minha mesa no trabalho e peguei um avião para York. Ficar com meu pai não era uma opção no momento, então fui para a casa de minha irmã, em uma fazenda fora da cidade. Foi outro verão de festejar, ficar alta, ver os ensaios da banda na pista de skate abandonada, passar a noite toda fora, dormir o dia inteiro e tentar encontrar um trabalho ocasional para pagar a cerveja e a comida. Eu não estava fazendo dar certo, então finalmente voltei para a Califórnia. Depois que retornei, tive vários trabalhos – caixa de banco, funcionária de folha de pagamento, vendedora de roupas – e fiquei entediada até a morte com todos eles. Nessa época, comecei a sair com um rapaz robusto chamado Rex, que, decidi, seria minha passagem para sair de tudo aquilo. Ou, mais especificamente, Rex e o bebê que eu estava carregando – porque fiquei grávida logo depois que começamos a sair. Daria tudo certo, eu pensava; Rex cuidaria de mim e do bebê. Em 8 de maio de 1982, casei-me usando um vestido solto; meu pai que me deu. Jes nasceu em novembro daquele ano. Dez meses mais tarde, depois de um dos muitos incidentes nos quais Rex não estava onde dissera que estaria, nos separamos. Muitos anos se passaram, e Rex se tornou um grande homem e um grande pai. Mas naquela época ele tinha 19 anos. Estava preso com uma esposa grávida, enquanto os outros caras estavam se divertindo. Agora que eu tinha um bebê, queria ficar em casa, mas precisava descobrir um jeito de cuidar de Jes e de

mim. Então trabalhei como babá para os vizinhos em minha casa até que ele tivesse idade suficiente para ir para a pré-escola.

E foi assim que aconteceu. Por mais imaturo que fosse meu pensamento naquela época (Ei, eu sei o que será mais fácil do que trabalhar – um bebê!), ter Jes realmente me salvou. Minha vida começou a ter responsabilidade e propósito. Ao mesmo tempo, meus amigos estavam começando a usar drogas mais pesadas. Heroína era a coisa mais recente, e tinha consequências. Consequências como prisão, vício. Há coisas que nenhuma menina devia fazer para financiar um hábito. Conheci garotas que faziam essas coisas.

Ter um bebê não era compatível com esse estilo de vida, então parei com tudo, exceto um baseado ou uma cerveja ocasionais. Depois que Rex e eu nos separamos, fui morar na casa de minha mãe, mas passava quase todas as noites com Craig, com quem voltara e que vivia a poucos quilômetros de distância. Jes era como o brinquedo novo de todos; era um bebê doce e tranquilo, e as pessoas queriam ficar com ele. Eu ficava com ele durante o dia, e ia dormir na casa de Craig à noite.

Rex passava duas ou três noites na semana com Jes; ele podia ser uma criança também, mas queria este filho e não estava de todo feliz com minha decisão de pedir o divórcio. Mas eu pensava – eu *sabia* – que Jes estava melhor com Rex ou com minha mãe do que com Craig e comigo. Craig não queria ser pai, então, mesmo que eu estivesse viciada nele, meu lado racional sabia que no longo prazo este relacionamento era uma má ideia (não que mais tarde eu não viesse a ter algumas ideias ainda piores...). Craig e eu não conseguíamos concordar nem em como criar um cachorrinho, imagine uma criança. Era melhor que Jes não se apegasse a ele. Eu sabia que nosso relacionamento não duraria para sempre.

Nos anos seguintes, eu alternaria entre viver com minha mãe e Jes e viver com Craig, e fazer qualquer trabalho do qual conseguisse não pedir demissão. A vida não tinha uma trajetória interessante, mas eu tinha meu filho e meu namorado, minha maconha e minha cerveja, e estava satisfeita. Quando Jes ficou com idade suficiente para ir para a escola, decidi me juntar a ele,

mais ou menos, indo para a faculdade para me tornar assessora jurídica. Não estava particularmente interessada em ser uma assessora, mas sentia que, entre ser criada por um advogado criminal de defesa e estar imersa nos detalhes de meu próprio caso legal desde a época da prisão de Polanski, eu era praticamente uma advogada.

Eu estava ansiosa por mudanças, e 1985 e 1986 me deram várias coisas que queria mudar. Primeiro, a vida de idas e vindas com Craig estava se tornando cada vez mais insana. Além disso, Nana, que viera viver conosco alguns anos antes, ficava frequentemente sem tomar remédio. Para minha mãe, receber visitas era arriscado. Nana sentava ali, fumando e bebendo seu vinho branco, flertando com os amigos de Bob. Aquele comportamento podia ser adorável em uma impertinente Betty White em um episódio de *No Calor de Cleveland*, mas minha mãe achava que era de causar calafrios na vida real. Era impossível conviver com aquilo. Minha mãe finalmente levou Nana para viver em um apartamento a poucos quarteirões, mas ela ainda vinha nos ver todos os dias. Sua mente se tornou mais e mais descolada do resto dela, até que a abandonou completamente, e cheguei em casa e encontrei o corpo dela caído no chão de meu quarto. Quando entrei, o pessoal da ambulância, reconhecendo que ela não podia ser ressuscitada, já fora embora, e minha mãe estava ajoelhada ao lado dela e tinha começado a entoar: "Om Mani Padme Hum", incentivando-a a ir na direção da luz. Acho que ela já estava quase *na* luz àquela altura do campeonato, então eu disse para minha mãe que achava que ela já podia parar. Não foi um bom momento. Os paramédicos haviam declarado a morte de Nana e chamado o médico legista, e tivemos de esperar mais de quatro horas. Eu pensava: "Quão ocupado é este legista? Toda a população de Woodland Hills bateu as botas hoje?". Nunca havia visto uma pessoa morta antes. Nana tinha apenas 62 anos. Quarenta anos de sedação e drogas psicotóxicas tinham feito sua vítima. Mas esta mulher havia sido uma âncora em minha vida, sempre em casa para ajudar com Jes, repreendendo Craig por me tratar mal. Eu a amava. Minha mãe ficou em choque por dias. Logo descobri como era escolher um

caixão, marchar por um cemitério barrento sob a chuva que caía – coisas que minha mãe mal podia se obrigar a fazer. Era a primeira vez que eu tinha de cuidar de minha mãe – o que não foi uma coisa má de aprender a fazer.

Havia algo no entediante curso de assessora jurídica, no relacionamento beco sem saída e na morte da mulher louca que, apesar de tudo, cuidara de mim desde a infância, que, combinados, me tornaram ainda mais volátil e autodestrutiva. Após alguns *drinks*, Craig e eu começávamos a nos atracar e eu achava cada vez mais difícil disfarçar com maquiagem depois. Algumas noites terminavam com olhos roxos ou vidros quebrados. Tenho de confessar que fui sempre aquela que dava o primeiro soco. Quando por fim nos separamos para sempre, não foi exatamente amigável. Ele atirou uma caixa cheia de coisas minhas no quintal da frente. Fiquei feliz em ver meu rifle, mas ele ficou com nossa moto e nosso cão, as únicas coisas com as quais eu realmente me importava. Não que eu tenha saído sem *nada* do relacionamento – por causa de Craig e da quantidade de buracos que fazíamos nas paredes, sou muito boa com massa corrida.

Uma de minhas amigas, Vikki, pagava a mensalidade do curso de assessora jurídica posando nua – e, com toda a minha mentalidade de “experimentar tudo pelo menos uma vez”, quando o fotógrafo disse que achava que minhas fotos podiam ser vendidas para a *Penthouse*, fiquei feliz em ajudar. Acho que posso dizer que as fotos terminaram em uma revista que faz a *Penthouse* parecer a *New York Review of Books*. Dei o melhor de mim, vestindo pouco mais do que um sorriso.

Por um lado, foi meio estúpido. Por outro... Bem, tendo acabado de celebrar meu quinquagésimo aniversário, estou bem contente em ter fotos da época em que era uma gostosa de 22 anos. Toda mulher devia ter isso. (Embora admita que nenhuma mulher devesse vendê-las a uma revista.) Nem mesmo queria o dinheiro; em grande parte, eu procurava aventuras. Mas talvez uma pequena parte de meu cérebro gostasse de reivindicar o que era meu. Se algum cara estava me usando para se aliviar – como Polanski fizera

anos atrás –, bem, pelo menos agora eu estava tomando a decisão, e tirando algo disso também.

Naquela época, eu estava no meio de um romance que fazia minha relação com Craig parecer Ozzie e Harriet. Kyle era um cara mais jovem, bonito, que jurava que éramos feitos um para o outro. Ele tinha estado encrocado antes, e quando começamos a sair, ele secretamente começou a percorrer de novo a estrada das drogas e do crime. Nós nos amávamos loucamente, mas isso não foi suficiente para salvá-lo. Ele usava drogas e roubava, e as pessoas começaram a notar.

Até minha mãe – que não era a pessoa mais observadora do mundo – começou a perceber que coisas desapareciam quando ele me visitava. Inevitavelmente, Kyle acabou na cadeia. Uma pessoa normal teria ficado aliviada naquele ponto. Eu não: em meu estado delirante, tomei isso como um sinal de que, mesmo que amigos e sociedade quisessem nos manter separados, tínhamos nascido para ficar juntos. Éramos nós contra o mundo. Eu simplesmente sabia que nossa situação era única na história da civilização moderna. Então me casei com ele – no tribunal, antes que ele fosse condenado a passar um tempo na prisão. Todas nós, noivas da prisão, cantamos em nossas cabeças aquela música, “Leader of the pack”: “They all thought he was bad / But I knew he was sad...”¹⁷

Por causa de tudo isso, eu precisava ficar um tempo longe de minha mãe, e passava muito tempo com Vikki. Ela tinha um vizinho chamado Dave. A história que ele conta é que viu minha foto na casa de Vikki; estávamos posando perto de nossas bicross e empunhando armas, vestindo botas de caubói e biquínis. Consta que Dave viu a foto, apontou para mim e disse: “Vou me casar com esta garota”. Vikki apenas riu.

E ela bem que tinha motivos para isso. Naquela época, Dave era um carpinteiro de 20 anos de idade, além de *roadie*¹⁸ de bateria para um velho amigo meu que também vivia no prédio. Era um galinha profissional, com várias namoradas; passava suas noites em Hollywood no Rainbow¹⁹, e se vestia a caráter: calça paraquedista, bandanas nas pernas, colar de conchas com um pingente “69”. Ele me perseguiu implacavelmente. Uma vez me

seguiu até o banheiro para defender seu caso – enquanto uma “ex” e uma atual “não-muito-satisfeita” estavam sentadas na sala de estar. Mas, de algum modo, aquilo era mais engraçado do que irritante. Tornamo-nos amigos.

Logo eu estava saindo com Dave também – um tipo de situação “amigos com benefícios” (não incomum para mulheres cujos maridos estão presos). Mas eu não conseguia levá-lo a sério; Dave tinha uma história tão louca. No entanto, Dave havia declarado seu amor e estava tentando prová-lo para mim com uma devoção digna de um pastor alemão. Uma vez estávamos sentados no carro dele, conversando, e quando mencionei Kyle pela quadringentésima vez, Dave disse: “Sabe qual é o seu problema? É orgulhosa demais para admitir que está errada”. Ele estava certo. Eu estava me ferrando. Era meu talento especial. Nessa época, Kyle e eu sabíamos que havia acabado. Então, terminamos. Estávamos ambos cansados.

Ou pelo menos eu pensava assim. Aparentemente, eu ainda não tinha preenchido minha cota de drama. Enquanto tudo isso estava acontecendo, minha mãe, que tinha se separado de Bob e começara a vender imóveis na Califórnia, começou a falar em pegar suas economias e achar um lugar para viver na ilha havaiana de Kauai – um lugar para todos nós. Para mim, aquilo era viajar na maionese, e eu não tinha intenção de me mudar, na época. Mas Rex achou que eu ia, e que levaria nosso filho comigo. Aquilo deu início à negociação pela custódia de Jes.

Foi mais do que um pequeno alívio quando descobri que não estava legalmente casada com Kyle. Descobri sem querer, na época em que Rex me apresentou os papéis da custódia. Não tinha intenção de me mudar, mas, uma vez que recebi os papéis, caracteristicamente entrei no modo “ninguém vai me dizer o que fazer”, e devolvi tudo para ele. Enquanto estávamos ocupados tentando acabar um com o outro, descobri que o divórcio rápido que havíamos feito anos antes, na República Dominicana, não era legal nos Estados Unidos e que, de fato, Rex e eu ainda estávamos casados. Então fizemos uma trégua, acertamos nossas diferenças – que incluíam conseguir um divórcio de verdade – e tive a grande

sorte de ter meu casamento com Kyle declarado nulo e invalidado. Fui provavelmente a única pessoa naquele tribunal da Califórnia que conseguiu um divórcio e uma anulação no mesmo dia. Ah, o romance!

Mas eu ainda não estava curada de minha queda por *bad boys*. Antes que nos conhecêssemos, Dave fora preso por vender 10 centavos de maconha, e agora tinha de cumprir a sentença. Na noite anterior à ida para a cadeia do condado que todo mundo chamava de Acampamento do Snoopy, nos beijamos de um jeito que eu sabia que me faria lembrar dele enquanto ele estivesse fora. Dave passou 2 meses na cadeia – curiosamente, Kyle e Dave estiveram no Acampamento do Snoopy ao mesmo tempo. Kyle conhecia Dave e o odiava, já que Dave começara a perguntar por mim no momento em que Kyle fora preso. Por sorte, Kyle não tinha ideia de que Dave estivesse ali. Dave sabia, mas estava na ala de segurança mínima e os caminhos deles nunca se cruzaram.

Dave cumpriu 2 meses de sua sentença de três e saiu no dia de seu 21º aniversário. Comemoramos indo a um bar e comprando para ele a primeira cerveja legal.

Aquele beijo de despedida e a cerveja de boas-vindas se transformaram em algo sério: depois de um acampamento no Dia do Trabalho, ele veio morar conosco. Dave queria uma família maior. Menos de um ano depois, fiquei grávida. As coisas pareciam estar se ajeitando. De certo modo, eu ainda era uma garota festeira, mas uma festeira com trabalho – era secretária em uma empresa de computadores – e com um homem que amava. Era o começo da primavera de 1988.

Um dia, alguém ligou para meu trabalho e pediu para falar com Samantha. Como a recepcionista da empresa também se chamava Samantha, houve certa confusão. Espere, queriam falar com Samantha por causa de algo relacionado com Roman Polanski? Quem? O quê?

Mas eu não fiquei confusa. Sabia que, 10 anos após sair para sempre de minha vida, Polanski estava de volta.

A coisa seguinte de que soube foi que havia uma foto minha no agressivo tabloide britânico *Sunday Mirror*, sob a manchete: "FIQUE

LONGE, POLANSKI". Fotógrafos deviam estar escondidos do lado de fora de meu escritório. Não importava que a "entrevista" inteira fosse inventada; o que realmente me chateou é que era outra história da "menina vítima de crime sexual", e uma que dizia especificamente onde eu trabalhava, que tipo de carro eu tinha e que mencionava até mesmo que eu tinha um namorado.

E o pior de tudo: eu nunca contara a Dave. Contaria para ele agora – e teria que explicar. Sendo três anos mais novo do que eu, ele tinha apenas 10 quando a história estava na mídia. Ouvira falar no assunto, mas não foi nada importante em seu mundo. Até agora. Quando não estava tentando cantar uma moça bonita, Dave era um homem de poucas palavras. Falou pouco, mas eu sabia que ele sentira o baque.

A história dizia:

Samantha Gailey, a menina vítima de escândalo sexual, tem atrapalhado as esperanças do diretor de cinema exilado Roman Polanski de um retorno aos Estados Unidos. O controverso diretor fugiu para Paris há 11 anos para escapar da justiça por ter feito sexo com a jovem beldade menor de idade.

Samantha, mostrada à direita em uma foto exclusiva do Sunday Mirror, nunca o deixará esquecer a sessão de sexo embriagado e enlouquecido pelas drogas da qual a obrigou participar quando tinha apenas 13 anos.

Apesar de uma campanha recente empreendida por astros de Hollywood amigos de Polanski para trazê-lo de volta ao país, a loira de pernas compridas ainda diz "não".

"Ele não vai voltar", disse Samantha. "Só sobre meu cadáver. Essa é minha cidade, não dele, e não há jeito de ele voltar para casa..."

O jornal ainda trazia uma citação completamente fabricada de Larry: "Vamos nos opor ao retorno dele enquanto eu viver. Você pode imaginar como é crescer com o que ela cresceu?". E então concluía: "[...] Samantha ainda vive com a mãe, tentando se libertar da sombra que se abateu sobre ela com o sórdido caso".

Para minha surpresa, a foto que tiraram de mim era bem bonita, mas o texto contava outra história. Na reportagem, eu era amarga e ressentida, uma aleijada emocional que ainda vivia com a mãe. Como contraponto, a outra foto do artigo era um retrato em lingerie de Emmanuelle Seigner, a então modelo e atriz francesa de 21 anos e beleza incontestável com quem Polanski estava comprometido. O artigo sugeria que Polanski achava que era hora de “perdoar e esquecer”, e que um novo casamento abriria caminho para seu retorno aos Estados Unidos – como se o casamento cobrisse o estupro como papel cobre pedra.

De certo modo, era uma bofetada nele e em sua noiva a ideia de que o casamento tinha propósitos de relações públicas. Pior para mim, no entanto, era a ideia de que, de algum modo, minha vida era definida por minha experiência com Polanski. E foi assim que senti minha vida se contextualizando, talvez pela primeira vez. Fiquei furiosa. Acabara de me erguer; a vida que eu imaginara estava apenas começando. E novamente a invasão de privacidade, o vomitório de todas aquelas lembranças horríveis.

Decidi ligar para Larry. Certamente haveria algo que ele pudesse fazer.

Mas, logo depois que o tabloide publicou a história, aconteceram duas coisas que me fizeram guardar a raiva por um pouco mais de tempo. Primeiro, descobri que estava grávida. E então minha mãe, que realmente *comprara* uma casa em Kauai, nos convidou oficialmente para morar com ela – e teríamos 6 meses de aluguel grátis.

Não havia nada nos prendendo à Califórnia, e para Dave, que era de Van Nuys, morar em Kauai era um sonho. Eu fiquei nervosa, mas como poderia dizer “não”? Não tínhamos ideia do que esperar, e pensávamos que íamos nos mudar para o meio da selva (o que, ao que parece, fizemos, embora existissem uma 7-Eleven e outras poucas lojas).

Eu hesitava em fazer uma mudança tão radical, mas aquele artigo garantiu minha decisão. Eu nunca estaria longe das lembranças do que acontecera se ficasse em Woodland Hills. Não era só a onipresença dos lembretes físicos – os velhos amigos de

farra que conheciam minha história; a casa de subúrbio aonde eu chegara naquela noite, me viciara e me consumira; as casas, colinas e bares onde eu tentara me perder. Era a própria Los Angeles. Havia algo em viver em uma cultura na qual a busca pela atenção era a norma, em que o desejo de fama está nos pensamentos, aspirações e *esforços* de simplesmente todo mundo que você conhece, que sempre me fez lembrar de Polanski.

Era tempo de dar a Dave, Jes e a meu ser grávido um recomeço no belo anonimato do Havai.

Em outubro de 1988, mudei-me para Kauai, a mais antiga das ilhas havaianas e, sem dúvida, a mais bonita. Ao longo dos anos, dúzias de filmes, de *Ao Sul do Pacífico* a *Jurassic Park* e *Os Descendentes*, foram filmados ali. Quando me mudei para lá, era uma região selvagem quase intocada, embora nos anos mais recentes tenha se tornado um retiro e, algumas vezes, um segundo lar para muita gente do ramo do entretenimento. (A vibração amigável com celebridades pode ser parte do charme do lugar, mas não para mim; ainda fico desconfiada e desconfortável perto de pessoas da indústria do entretenimento.) Mas, se hoje é o tipo de lugar em que Bette Midler e Sylvester Stallone podem ir ao mercado sem serem perturbados, naquela época era também o tipo de lugar onde *eu* podia ir sem ser perturbada. Kauai é também o paraíso para pessoas que querem uma vida simples; a paisagem perfeita e maravilhosa na qual você pode ter um ou dois segredos sem ninguém saber – ou, se souberem, não se importarão. Além disso, como logo descobri, há uma mentalidade de cidade pequena de “cuidamos dos nossos”. Há o povo local, e há o resto. Se você vive lá, seus vizinhos cuidam de você.

Dave e eu nos casamos em dezembro de 1989, quando nosso filho Alex tinha quase 1 ano de idade. Eu tinha 26; Dave tinha 23. Eu estava ocupada com meus dois filhos, e Dave fazia vários trabalhos neste mundo estranho. Estávamos felizes.

Há algo na vida na ilha que parece desacelerar o tempo e estimular a reflexão. Com espaço para pensar, percebi que, em minha vida de “desviar o olhar”, havia uma coisa que eu evitava acima de todas as outras. Não sou uma pessoa vingativa, de todo

modo. Ainda sou amigável com ex-amantes e ex-maridos; sou profundamente grata e leal aos amigos antigos, e não me debruço sobre brigas ou insultos do passado. (De fato, tenho a grande sorte de ter uma péssima memória para essas coisas.) Eu sabia que Roman escrevera uma autobiografia. Eu estava nela. E minha família. E ouvira dizer que ela não era lisonjeira, para dizer o mínimo. Eu nem mesmo quisera comprar o livro, então finalmente pedi para Larry me mandar a parte do texto que me pertencia. E li.

É importante entender isso. Ainda em 1978, depois que pedimos que as acusações mais sérias contra Polanski fossem retiradas, minha família e eu fomos duramente criticados: será que essas pessoas só relataram os crimes dele para que pudessem conseguir dinheiro em um processo civil? Larry teve que afirmar repetidamente que não haveria processo civil. Afinal, ele dizia, o objetivo era proteger meu anonimato, e um processo destruiria isso. Então eu sempre me lembrava daquelas críticas, e sempre pensava que não daria a ninguém a satisfação de pensar que a denúncia do estupro era um jeito de ganhar dinheiro fácil.

Mas, anos depois que Polanski publicou sua autobiografia – depois que várias outras biografias de Polanski haviam sido lançadas, mais ou menos reafirmando a perspectiva dele do dia 10 de março de 1977 –, eu cansei. Qualquer hesitação que eu tivera ao longo dos anos se fora.

Deixe-me ser clara: muito do que foi dito no livro de Polanski era verdade. Mas também havia várias mentiras terríveis sobre mim e minha família – sobre minha mãe ter sido sedutora, sobre existir um *frisson* erótico não verbal entre Roman e mim e assim por diante. Você pode chamar isso de *percepções equivocadas*, se quiser; ainda assim são mentiras e machucam. Com a autobiografia, ele estava lucrando com suas desventuras e tentando racionalizar seus crimes; havia certo nível de arrogância e prepotência em tudo aquilo. Decidi assumir o controle da situação que estivera fora de meu controle por um longo tempo. Ainda sofrendo com a imagem que fizeram de mim naquele tabloide e tendo agora lido o que Roman colocara no papel sobre mim e minha família, decidi processá-lo por ataque sexual na justiça civil.

Minha decisão de processá-lo não foi impulsiva e não foi tomada com facilidade. Eu sabia que não importava quão inocente eu fosse, corria o risco de parecer ambiciosa. Algo ruim aconteceu com você? Ganhe dinheiro com isso! É o jeito americano! Além disso, o sistema legal civil pode ser tão bizantino e arbitrário quanto o criminal. Tampouco havia garantias de justiça. Mas estava começando a parecer que era o único jeito de emudecer Polanski. O processo era meu jeito de dizer: “Roman, cale a boca”.

Não me entenda errado: o dinheiro também era um fator. Não era só um jeito de punir Polanski; era também uma maneira de me compensar. Eu tinha dois filhos (e logo teria mais um), nem Dave nem eu tínhamos muito dinheiro. Eu não tinha recursos para processar revistas e jornais quando publicavam mentiras a meu respeito, com frequência mentiras que vinham da autobiografia de Polanski. Parecia que nunca deixariam de me perseguir. E parecia que todo mundo, inclusive Polanski, lucrara com meu ataque – todo mundo, exceto eu. Quando os tabloides me ofereceram dinheiro para dar entrevistas no passado (em 1977, o *National Enquirer* oferecera 15 mil dólares), eu recusei. Isso não me tornava nobre; de fato, poderia me tornar ingênua. Mas era minha versão de integridade. Ninguém mais parecia ter os mesmos escrúpulos.

Mais importante ainda, quando tomei essa decisão, havia passado por vários anos sombrios. Quem sabe se eu chegaria a ter sucesso, mas minha capacidade de perseguir a carreira que eu queria fora anulada antes que eu tivesse chance de descobrir. Houve longos períodos em que o simples esforço de não pensar no que acontecera comigo, de tentar ignorar o que era dito sobre mim nos jornais e na televisão, me fizeram encontrar maneiras muito estúpidas de me entorpecer. Assumo a responsabilidade por minhas fraquezas e decisões erradas, mas também acredito que minhas oportunidades foram reduzidas e minha vida, comprometida, como resultado do estupro de Polanski quando eu tinha 13 anos de idade.

Na maior parte dos casos, o processo teria sido impossível – o prazo prescricional para um processo civil na Califórnia teria acabado havia anos. Porém, embora mais de uma década tivesse

se passado, eu ainda podia processá-lo. Por quê? Por duas razões. Primeiro, na Califórnia, o relógio não começa a andar até que a criança vítima de crime sexual atinja os 18 anos. Segundo, o prazo prescricional não é aplicado durante o período em que o réu está fora do estado. Então, como Polanski deixara o país em fevereiro de 1978 e permanecera fora, era como se eu estivesse entrando com o processo em 1978, não em 1989.

Os advogados de Polanski tinham um trabalho a fazer: tentar provar que qualquer que fosse o distúrbio emocional que eu tivesse em minha vida, não era culpa de Polanski. Então, trouxeram à tona a loucura de Nana, os amigos drogados e até mesmo o fato de que fumei maconha com minha irmã quando tinha 16 anos. E havia a sugestão de que eu fora molestada quando criança, o que me motivara a acusar Polanski mais tarde. O novo advogado de Polanski, David Finkle, mencionou que eu fora questionada pelo promotor distrital se fizera sexo com Bob, o namorado de minha mãe – e se perguntou por que tinham me feito uma pergunta daquelas.

– Que tal por insensibilidade? – Larry replicou.

Para o processo, depus por dias, assim como membros de minha família. Foi embaraçoso admitir que mentira inicialmente ao grande júri sobre minha experiência sexual e com drogas. Eu dissera que tinha dormido com alguém duas vezes, quando na verdade fora apenas uma, e também mentira sobre ter tomado um Quaalude antes de me encontrar com Polanski. Dissera que tomara, quando não tomara. Por quê?

Quando Polanski estava tentando me persuadir a tomar o comprimido, eu queria que ele pensasse que, quando disse “não”, estava falando com a voz da experiência – tipo, “sei como é, já fiz isso, não preciso fazer de novo”. Mas, uma vez que menti para ele, senti que precisava manter a mentira para o grande júri. Como eu disse no depoimento: “Tinha medo de que me chamassem de mentirosa, e que as pessoas não acreditassem mais que o que eu estava dizendo era verdade”.

Foi perturbador ouvir como minha irmã Kim pensava que minha vida tinha mudado desde Polanski. Ela me descreveu como uma

pessoa introvertida, que só saía quando era estritamente necessário e que raramente socializava fora de casa. Seria exagero dela? Certamente, ela não achava que fosse.

E essa é a coisa. Talvez algumas das insinuações dos advogados de Polanski fossem válidas. Quem sabe? Atacaram meu caráter, e a sugestão deles parecia ser que Polanski me estuprar se encaixava perfeitamente em minha vida já bagunçada. Então, de verdade, qual era o problema? Era meio como argumentar: “Meritíssimo, o fato de um caminhão atropelar as pernas dela não muda nada; ela já era aleijada”.

O processo se arrastou pelos anos seguintes. (A imprensa só descobriu no último ano, porque Larry espertamente havia registrado o processo sob o título “Anônima v. R. Rpolanski”. Esse erro de digitação significava que o caso seria indexado pelo sobrenome do réu, que começava com R. Então, qualquer um procurando um caso com o nome Polanski não encontraria nada. (Lembre-se de que essa era uma época pré-Google.) Durante esse tempo, pessoas continuavam aparecendo na minha casa, fotografando a mim e minha família, tentando me convencer de que seria “bom para mim” contar minha história.

Duas se destacaram em particular. Primeiro foram as mulheres que chamei de Senhoras do Livro Estranho. Um dia, duas mulheres apareceram em casa dizendo que procuravam minha mãe; tinham alguns presentes para ela. Presumi que fossem clientes da imobiliária. Com meu bebê Alex no quadril, pedi que entrassem para que pudéssemos colocar os pacotes na mesa. Uma vez dentro de casa, admitiram que, na verdade, procuravam por mim. Senti-me tão estúpida, tão violada, como se tivesse convidado um ladrão para entrar em casa. Elas haviam escrito um livro chamado *Vítima perfeita: a verdadeira história da “garota na caixa”* – sobre uma menina que fora mantida em um caixão como escrava sexual por sete anos. E – boas novas – para seu novo projeto queriam escrever *minha* história. A ideia de que tinham associado minha história com a do livro já era perturbadora o suficiente; pior ainda foi a carta que escreveram algumas semanas mais tarde, oferecendo para pagar 100 mil dólares se eu cooperasse. E se me

recusasse? “Em algum momento, alguém vai escrever a história de qualquer maneira e, mais uma vez, Sam ficará sem nada”. Entendi as ameaças veladas e me recusei a ter qualquer coisa com elas. Mesmo depois que lhes disse para conversar com meu advogado, elas continuaram a me mandar presentes – um farol de cristal, algumas coletâneas, até mesmo uns brinquedos do Mickey Mouse para as crianças. (Dei tudo aquilo. Era triste; precisávamos de dinheiro e meus filhos teriam adorado aqueles presentes, mas simplesmente parecia errado.) Tudo que posso dizer é isto: quando uma pessoa inicia uma conversa com “não queremos assustá-la” (como elas fizeram), se prepare para ficar muito, muito assustado. Eu sei que eu fiquei.

Então, em 1990, um cara do programa de fofocas na TV *A Current Affair* estacionou a van do outro lado da rua por três dias, com uma câmera de vídeo filmando na direção de minha casa por detrás de uma janela escura. Recusava-se a ir embora. Mandou entregar três arranjos de flores imensos para minha mãe, para Kim e para mim. Também tentou me fazer uma oferta que eu não podia recusar. Ele me pagaria 5 mil dólares para falar e, se eu não falasse, simplesmente faria a reportagem sem mim. Levamos dois dias para perceber a câmera, e durante aquele tempo meus filhos, amigos e família foram filmados. Eu estava presa em minha própria casa, sentada no chão, porque ele apontava a câmera para nós e eu não queria ser fotografada. Isso durou vários dias, até que Larry teve acesso à pessoa certa no programa e lhe deu uma lição sobre o significado legal de extorsão.

Esse tipo de atenção era mais do que um simples incômodo. Eu vivia com meu marido, minha mãe e crianças pequenas nessa ilha remota, e fora tão fácil me encontrar; como eu não estava naturalmente em guarda, deixei que esses estranhos desagradáveis e levemente ameaçadores entrassem em minha casa. Isso fez com que me sentisse estúpida e vulnerável. Como poderia proteger minha família desse tipo de coisa? Não podia.

O incidente mais revelador daqueles anos ocorreu quando Larry foi para Paris pegar o depoimento do próprio Polanski. Era um procedimento rotineiro que aconteceu em um escritório de

advocacia. Havia um estenógrafo judiciário que Larry levara dos Estados Unidos, o advogado de Polanski, David Finkle, e o próprio Polanski. Depois de duas horas houve uma pausa para almoço. Larry foi comer sozinho em um café perto do escritório, sem notar que Polanski e seu advogado estavam em uma mesa próxima.

Para deixar o restaurante, Larry teve de passar pela mesa de Polanski. Desnecessário dizer que isso era um pouco desconfortável. Quando ele estava passando, Polanski fez sinal para que parasse.

– Larry, Larry, venha aqui. – então Polanski lhe disse, com naturalidade: – Se a tivesse visto nua, tão bonita, iria querer transar com ela também.

Polanski nunca negou ter dito isso. Mas ficou furioso com Larry por relatar o incidente a Roger Gunson, em um almoço casual. Gunson relatou o incidente em uma declaração assinada para o escritório do promotor distrital. Ironicamente, Polanski deveria ser grato a Larry. Fora Larry quem convencera a corte a proteger meus direitos e me impedir de testemunhar, tornando possível para ele o acordo judicial. Sem isso, Polanski provavelmente teria passado pelo menos alguns anos na cadeia.

O processo começou em 1988 e foi resolvido cinco anos mais tarde por uma soma de seis dígitos. Polanski, no entanto, evitou pagar por anos, finalmente nos obrigando a enviar um aviso de inadimplência, o que infelizmente teve o efeito colateral de registrar publicamente o valor em dólares. Os outros termos de nosso acordo, a maior parte dos quais continua confidencial, incluem que Roman estava proibido de mencionar os acontecimentos daquela noite e de falar sobre minha família e sobre mim. Concordei em não explorar a história comercialmente e em ajudar, se pudesse, nos esforços dele para resolver as questões legais com os Estados Unidos.

Eu fiquei grata pelo dinheiro quando ele apareceu, depois de um tempo. Mas dificilmente seria uma soma que compensaria ajudar Polanski a voltar para o país se eu achasse que era a coisa errada a se fazer.

[16](#) Se sua vida foi ruim para você / pense no que o amanhã fará. (N. da T.)

[17](#) Todos achavam que ele era mau / mas eu sabia que ele era triste (N. da T.)

[18](#) Pessoa responsável por carregar os equipamentos da banda, além de preparar e montar a aparelhagem nos palcos antes das apresentações. (N. da T.)

[19](#) Bar frequentado por amantes do rock. (N. da T.)

CAPÍTULO 15

Para mim, a década de 1990 foi centrada principalmente em criar meus filhos. Tive meu terceiro, Matt, em 1993. Trabalhei para um bem-sucedido incorporador imobiliário na ilha e meu marido, Dave, se tornou, literalmente, um caubói: era o gerente de operações de um desenvolvedor que tinha 300 acres divididos em várias propriedades para férias e para aluguel, além de um rancho de gado. Encontrei muita satisfação em viver em uma cidade pequena, onde você sabe que seus vizinhos e os filhos deles e todos os demais olham uns pelos outros; era diferente de viver no continente. As crianças podiam ir ao parque brincar ou descer o rio para pescar e você não tinha de se preocupar se estavam em segurança. Jes nem mesmo precisava usar sapatos na escola, nos primeiros um ou dois anos em que estivemos lá. Alex era livre para caminhar até a escola e para ir ao parque ou à praia com seus colegas em total segurança. Matty estava no oceano, aprendendo a pescar com arpão, aos 7 anos. Portas destrancadas, janelas abertas, ar fresco, tardes na praia pescando ou fazendo churrasco. Bom. Éramos um paraíso para cães (em geral cinco ou seis de cada vez; minha mãe tinha seis Mastiffs) e para pessoas; teria sido muito estranho *não* ter amigos, ou filhos de amigos, vivendo conosco. Ainda me lembro do furacão Iniki, em 1992, que atingiu a ilha inteira – sem telefone, TV ou eletricidade por 3 meses –, como uma época bem feliz. Não é tão mau quanto parece ficar desconectado do mundo quando se está conectado a outras criaturas de formas tão mais profundas. Quando a eletricidade voltou, ficamos um pouco chocados em perceber que não perdemos muita coisa.

Houve uma grande tristeza nessa época, no entanto. Em 1995, meu pai morreu. Jack Gailey e eu não nos víamos e raramente nos

falávamos havia anos. Ele tinha outra família; eu morava no Havaí e não ia para York fazia muito, muito tempo. A saúde dele estava declinando, e quando soube que ele estava mal, peguei um avião para visitá-lo. Não cheguei a tempo. A última coisa que lhe disse ao telefone foi “Te amo, pai. Estou indo ver você”. Quando o vi, ele estava em uma urna cerâmica na funerária.

O velório foi na casa de meu pai. Todos foram adoráveis e acolhedores. Dave precisava de algo para fazer, então encontrou as ferramentas e começou a limpar o grande jardim onde a cerimônia seria realizada. Fiquei algum tempo sozinha, então vaguei por aqueles familiares e formidáveis cômodos nos quais crescera. Eu amava aquela casa. Ainda era um pouco assustadora, mas ao mesmo tempo eu sentia como se ela soubesse que eu estava de volta. Para mim, aquela casa era algo como uma coisa viva, um amigo de infância. Ela me acolheu também.

Peguei-me sentada na escrivaninha de meu pai. Sentia que tinha sido a favorita dele quando criança, mas também sentia que fora uma decepção: sem formação universitária, passado tresloucado com drogas, grávida aos 18, casada aos 19. Quando me sentei na escrivaninha, fiquei surpresa com algo: uma foto minha, de 20 por 25 centímetros, em sua estante. Ele não me esquecerá. Eu ainda era amada. Por que não nos falamos ao longo dos anos? O que acontecera depois que Polanski me fez sentir, mais e mais, que não era a garotinha dele?

• • •

Minha vida descontraída em Kauai me ajudou a continuar a “desviar o olhar”, embora de modo mais produtivo e feliz do que aos 20 anos. Era fácil dar as costas ao passado, mesmo quando Roman Polanski, através de seus advogados, tentava intermitentemente fazer um acordo com a promotoria para poder voltar ao país. Longe da Califórnia, escondidos no paraíso, meus amigos e vizinhos em Kauai não poderiam se importar menos com Roman Polanski, com seus filmes ou com o que acontecera comigo.

Algumas vezes, as histórias de seus esforços para retornar eram apenas rumores. Algumas vezes eram verdade:

Por Steve James

Quinta-feira, 2 de outubro de 1997

LOS ANGELES (Reuters): Hollywood estava agitada nesta terça com os relatos de que o diretor de cinema fugitivo, Roman Polanski, pode voltar da Europa para encarar a sentença no escândalo de sexo com adolescente que afundou sua carreira nos Estados Unidos e o mandou para um exílio de 20 anos.

Várias estações de TV locais reportaram que o produtor de filmes clássicos como *O Bebê de Rosemary* e *Chinatown*, nascido na Polônia, estava pronto para voltar a Los Angeles para ser punido por fazer sexo com uma menina de 13 anos.

Disseram que Polanski, agora com 64 anos, conseguiu com o escritório do promotor distrital de Los Angeles um acordo segundo o qual, se retornar da França, não será condenado à cadeia.

O escritório do promotor distrital negou que qualquer acordo tenha sido feito.

Registros da corte citados pelos repórteres locais mostram que o advogado de Polanski, Douglas Dalton, se encontrou duas vezes no ano passado com o vice-promotor distrital, Roger Gunson, e com o juiz da Suprema Corte de Los Angeles, Larry Fidler.

Uma fonte no gabinete do promotor reconheceu que ao longo dos anos ocorreram contatos esporádicos com o advogado de Polanski a respeito das tentativas do diretor de conseguir uma maneira de voltar aos Estados Unidos.

Mas, oficialmente, o escritório do promotor distrital diz que a posição não mudou nos últimos 20 anos.

"O senhor Polanski deve se entregar", disse um porta-voz. "Não acordamos nenhuma sentença."

Essa negociação em particular poderia ter funcionado, se não fosse por uma confusão. O juiz envolvido, Larry Paul Fidler (que também presidiu o julgamento de Phil Spector por assassinato, dez anos depois), supostamente insistiu para que o processo de Polanski fosse televisionado. Um porta-voz da corte mais tarde chamou essa suposta exigência de "uma completa invenção".

Não sei qual história é verdade, mas sei que o acordo furou.

• • •

A mídia tinha um apetite insaciável por notícias de Polanski, e cada vez que havia o rumor de um possível retorno, isso devia ser coberto – e eu era arrastada junto. Embora eu não tivesse poder de influenciar o que era uma questão jurídica, isso não importava para jornalistas e editores, cujo foco principal estava na contagem de caracteres e no sensacionalismo. Na corrida deles em direção a um salário polpudo, eu nem sempre aparecia muito bem. A reportagem da *Vanity Fair* publicada em abril de 1997 é um bom exemplo. A *Vanity Fair* se abastecia com celebridades e crimes, então o assunto era, é claro, irresistível.

A autora Jill Robinson, que crescera em Hollywood e cujo pai, Dore Schary, já dirigira a MGM, publicou um artigo na *Vanity Fair* com a chamada “O exilado” e o título “O inferno de Polanski”. Ela fazia, digamos assim, uma abordagem caprichosa dos fatos. Começava com uma entrevista por telefone com Polanski, na qual ele observava que vivera em uma época em que “estávamos fazendo tudo”. Depois o artigo dizia que o assassinato de Sharon Tate havia atingido tanto Polanski que algum tipo de incidente parecia quase inevitável. Descrevendo Polanski como o tipo de homem que “seduzia a magia em você”, Robinson insinuava que eu só falaria com ela se tivesse uma viagem paga à Disneylândia (de fato, ela queria me encontrar cara a cara, e achava que eu podia voar até Los Angeles com dinheiro do próprio bolso só para fazer isso). Ela então disse que eu fiquei ressabiada porque a reportagem não era sobre mim (ah, sim, a pessoa que mantinha um advogado para se manter *fora* da mídia), e que era mordaz a respeito do estupro e do que ocorrera depois porque não tinha feito sucesso em Hollywood. “Ela me lembra a Inafundável Molly Brown, ainda ansiando, à própria maneira, estar `por cima, onde as pessoas estão.’” Pensei, na época: talvez ela esteja me confundindo consigo mesma.

Escrevi para a revista, listando algumas das invenções – que minha mãe não dormira com Polanski, que eu não tinha uma “chupada” no pescoço quando Polanski me conheceu, que Polanski não escolheu minhas roupas enquanto eu fiquei parada de calcinha e sutiã – e, é claro, o fato de que eu não estava trocando viagens à

Disneylândia por entrevistas. A alusão a Molly Brown é o mais desconcertante. Se, como Molly Brown, eu era uma incansável alpinista social, então devia ser a pior alpinista social da história, por deixar Los Angeles para viver tranquila, feliz e anônima em uma ilha remota.

Não fui a única a fazer reparos ao texto. Polanski reclamou com veemência – objetando, entre outras coisas, ter sido chamado de “exilado” dos Estados Unidos quando, de fato, é e sempre foi cidadão francês. E a nota de Anjelica Huston expressa de modo bastante hilário e sucinto quanto a autora saíra dos trilhos. “Gostaria de acertar as coisas. Em nenhum momento descrevi Roman Polanski como uma aberração nem disse que já o vi nu.”

A *Vanity Fair* publicou uma arrogante “não desculpa”: “Nós nos desculpamos por qualquer possível mal-entendido, mas não temos razão para acreditar que algum tenha ocorrido”.

(Vários anos depois, Polanski entrou com um processo e ganhou uma indenização de 84 mil dólares contra a *Vanity Fair* por um artigo de 2002, no qual o jornalista afirmava que Polanski parara no bar do restaurante Elaine’s e tentara pegar uma loira gostosa a caminho do funeral de sua esposa. Polanski não estava nem perto do restaurante naquele momento. Ops!)

A parte mais perturbadora da história não eram as mentiras. Era a versão da verdade que haviam desenterrado e publicado – as perguntas sexuais íntimas e as respostas do testemunho original do grande júri, quando eu tinha 13 anos. Bom trabalho, Robinson. Bela jogada, *Vanity Fair*. Deve ter vendido um monte de revistas.

• • •

No final da década de 1990, finalmente decidi sair do esconderijo: dei uma entrevista [para o programa de TV] *Inside Edition* na qual revelava minha identidade. Foi um alívio, mesmo que tenha causado uma enxurrada de artigos complementares – particularmente sempre que Polanski, que agora tinha uma bela e jovem esposa, dois filhos pequenos, uma carreira próspera na Europa, e tentava negociar um retorno para os Estados Unidos sem

ser pego e jogado na cadeia. Mas eu estava cansada de me esconder e de sentir medo, cansada de as pessoas contarem mentiras sobre mim. Então imaginei que diria: "Aqui estou. Se tem alguma pergunta, faça. Se tem algo a dizer, não pense que não direi nada em resposta".

A questão toda pegou fogo em 2003, quando Polanski foi indicado para o Oscar de melhor diretor pelo filme de 2002, *O Pianista*. Parcialmente autobiográfico, este filme sobre um músico judeu polonês lutando para sobreviver à destruição do gueto de Varsóvia, durante a Segunda Guerra Mundial, era extraordinário em todos os aspectos (não assisti; como se pode imaginar, não fico sentada por aí esperando o próximo lançamento de Polanski). Previsivelmente, alguns setores se indignaram com o fato de que um esturpador de criança e fugitivo fosse indicado como melhor diretor. Não importa o absurdo de me perguntarem se eu achava que Polanski devia ganhar um Oscar por um filme que nunca vi; desta vez, com o ataque violento de ligações e as instruções para que as crianças não atendessem o telefone, houve uma grande perturbação para meus filhos: *Ah, algo ruim aconteceu com nossa mãe. Ah, agora somos todos parte disso. Nossa mãe foi prejudicada.*

(A controvérsia teve vida própria, é claro, mas pode ter sido impulsionada pelo incidente não muito diferente, alguns anos antes, envolvendo Woody Allen, cujo caso com a filha adotiva de sua mulher, Mia Farrow, fora descoberto. Mia Farrow o acusara de molestar a filha que haviam adotado juntos. Ele foi vilipendiado, mas isso não impediu que fosse indicado para seis prêmios da Academia como diretor e roteirista nos anos seguintes.)

A questão é: a vida pessoal de um homem deve ditar o modo como julgamos seu trabalho? Dei minha resposta pessoal em um artigo de opinião que escrevi para o *Los Angeles Times* em fevereiro de 2003, um pouco antes do Oscar. Era intitulado "Julguem o filme, não o homem".

Conheci Roman Polanski em 1977, quando tinha 13 anos. Eu estava no nono ano naquele ano, quando ele disse para minha mãe que queria tirar fotos minhas para uma revista francesa. Foi o que ele disse, porém, ao invés disso,

depois de me fotografar na casa de Jack Nicholson em Mulholland Drive, fez algo bem diferente. Ele me deu champanhe e um pedaço de Quaalude. E então se aproveitou de mim.

Não foi sexo consensual de jeito nenhum. Eu disse “não” repetidas vezes, mas ele não aceitava “não” como resposta. Eu estava sozinha e não sabia o que fazer. Foi amedrontador e, olhando para trás, muito assustador. Podem parecer palavras do jardim de infância, mas é como me sinto. Foi há muito tempo, e é difícil lembrar exatamente como tudo aconteceu. Mas tenho repetido a história tantas vezes que a conheço de cor.

Apresentamos queixas e ele confessou culpa. Um acordo judicial estava combinado entre o advogado dele, meu advogado e o promotor distrital, e fora aprovado pelo juiz. Mas, para nossa surpresa, no último minuto o juiz voltou atrás e se recusou a honrar o combinado.

Com receio de passar os 50 anos seguintes na prisão – em vez de simplesmente o tempo já cumprido –, o senhor Polanski fugiu do país. Nunca mais voltou e nunca mais o vi ou falei com ele.

Olhando para trás, não há como questionar que ele fez algo horrível. Era uma coisa terrível para se fazer com uma menininha. Mas foi há 25 anos – 26 no próximo mês. E, honestamente, a publicidade ao redor de tudo isso foi tão traumática que, em comparação, o que ele me fez parece sem cor.

Agora que ele foi indicado ao Oscar, tudo está sendo reaberto. Estão me perguntando: ele deve receber o prêmio? Ele deve ser recompensado por seu comportamento? Ele deve ter permissão para voltar aos Estados Unidos depois de fugir por 25 anos?

Eis como me sinto: na verdade não tenho nenhuma mágoa contra ele, nenhuma simpatia tampouco. Ele é um estranho, para mim.

Mas acredito que o senhor Polanski e seu filme devam ser honrados de acordo com a qualidade do trabalho. O que ele faz para viver e quão bom ele é nisso não tem nada a ver comigo ou com o que ele fez comigo. Não acho que seria justo levar os acontecimentos do passado em consideração. Acho que os membros da Academia deveriam votar nos filmes que acham que merecem seu voto. Não nas pessoas que sentem que são populares.

Ele deve voltar? Imagino que ele preferiria não ser um fugitivo e poder viajar livremente. Pessoalmente, gostaria de ver isso acontecer. Ele nunca deveria ter sido colocado na posição que o levou a fugir. Ele deveria ter recebido a sentença combinada há 25 anos, assim como todos concordamos. Naquela época, meu advogado, Lawrence Silver, escreveu para o juiz afirmando que o acordo judicial seria aceito e que a confissão de culpa seria arrependimento suficiente para nos satisfazer. Eu não mudei de ideia.

Sei que há um preço a pagar pela fuga. Mas quem não pensaria em fugir ao encarar uma sentença de 50 anos de um juiz que claramente estava mais interessado em sua reputação do que em um julgamento justo ou mesmo no bem-estar da vítima?

Se ele conseguisse resolver seus problemas, eu ficaria feliz. Espero que isso signifique nunca mais ter de falar sobre isso novamente. Algumas vezes sinto que nós dois tivemos condenação perpétua.

Minha atitude surpreende muita gente. É porque eles não enfrentaram tudo; não sabem tudo o que sei. As pessoas não entendem que o juiz voltou atrás em sua palavra. Não sabem quão injustamente fomos todos tratados pela imprensa. Falam sobre ser violado! A mídia transformou aquele ano em um inferno na terra, e tenho tentado deixar isso para trás desde aquela época.

Hoje estou muito feliz com minha vida. Tenho três filhos e um marido. Vivo em um lugar lindo e gosto de meu trabalho. O que mais posso pedir? Ninguém precisa se preocupar comigo.

A única coisa que me incomoda é que o que aconteceu comigo em 1977 continua a acontecer com meninas todos os dias e, mesmo assim, as pessoas estão interessadas em mim porque o senhor Polanski é uma celebridade. Isso nunca me pareceu certo. Isso me faz sentir culpa pela atenção que me é dirigida, quando certamente há outras que realmente poderiam utilizá-la.

Nota do editor: A prática usual do Times é não publicar nomes de vítimas de crimes sexuais. O nome de Samantha Geimer é usado com seu consentimento.

Aquele texto criou uma tempestade e, no dia em que foi publicado, 23 de fevereiro de 2003, Larry Silver e eu aparecemos no [programa de TV] *Larry King Live* para discutir o assunto. “O que aconteceu naquele dia”, Silver disse, “tanto para Polanski e, em certa medida, para o sistema judicial norte-americano, realmente acho que foi um dia vergonhoso”.

Algumas semanas mais tarde, Polanski ganhou o Oscar de Melhor Diretor. Não pôde ir a Hollywood para a cerimônia. Nunca pensei que Roman ganharia, e fiquei feliz em silêncio por sua vitória. Era como um pequeno golpe contra o politicamente correto. Vamos tirar da balança tudo o que aconteceu há 25 anos e simplesmente considerar o homem como um artista.

Marina Zenovich, uma cineasta que fez documentários sobre o excêntrico empresário/político francês Bernard Tapie (e que faria um filme em 2013 sobre o comediante Richard Pryor chamado *Omit the Logic*), tomou nota dos comentários de Larry no *Larry King Live* – a ideia de que fora um dia vergonhoso para a justiça

norte-americana. Marina é atraída por pessoas que deixam um rastro de caos em seu caminho, então Polanski era um assunto perfeito para ela. Seu documentário, *Roman Polanski: Procurado e Desejado*, do qual Larry e eu participamos, foi o primeiro relato público acurado do caso. Foi ao ar na HBO em 2008. No início, participei porque tinha medo de não participar: depois da reportagem horrível na *Vanity Fair*, sempre tentei cooperar com a imprensa, temendo que pudessem fazer coisas terríveis se eu não cooperasse. Quando o filme estreou no Festival de Cinema de Sundance, em Utah, foi um sucesso, e eu fiquei muito feliz por Marina – feliz, também, que ela tivesse me convidado para ir a Nova York, na estreia na HBO. Imaginei que a chance de ver o lançamento de um filme em Nova York seria uma oportunidade única na vida, e pensei que era hora de minha mãe parar de se esconder, também. Podíamos reviver nossa época em Nova York, em 1976, antes que nossas vidas mudassem para sempre.

Uma vez que cheguei à festa, fiquei desconfortável e na defensiva; o pensamento de que eu estava naquela festa com todas aquelas celebridades e outras sumidades simplesmente porque tinha sido estuprada por um bode velho parecia meio humilhante. Mas queria apoiar Marina e o filme. O jeito como ela colocara tudo tão perfeitamente por fim nos deu a chance de compreender tudo aquilo. Ver de fora, não de dentro da loucura. Trouxe para minha mãe um encerramento e conforto – e aquilo, para mim, era um presente extraordinário.

Ao escrever sobre o caso e o documentário de Zenovich para a [revista] *New Yorker*, em dezembro de 2009, Jeffrey Toobin explicou como a fama pode ser uma faca de dois gumes. “A força da celebridade mais uma vez fustigou o caso”, Toobin escreveu. “Ela ajudou Polanski ao persuadir a vítima a aceitar um acordo judicial e ao inspirar um relatório de condicional bajulador; ela o feriu ao trazer suspeitas sobre sua viagem legítima à Alemanha e ao levar às decisões erráticas de Rittenband. A celebridade agora ajuda ao chamar a atenção de Zenovich que, por sua vez, leva a novas questões sobre o caso contra o diretor. Seus advogados decidiram fazer outra tentativa para resolver isso.”

Em dezembro de 2008, a equipe de advogados de Polanski apresentou uma moção na Suprema Corte de Los Angeles pedindo a suspensão do processo contra ele, baseada no fato de que em 1977 ele fora privado dos devidos processos legais. Larry estava presente para demonstrar o apoio de minha família.

Chad Hummel, que fora recrutado para a equipe de advogados de Polanski, argumentou que a sentença do diretor nas instalações psiquiátricas de Chino “pretendia ser a condenação inteira [...], então essa noção de que de algum modo ele estava fugindo da condenação não é verdadeira [...]”. Ele prosseguiu acusando o juiz e outros de impropriedades. “Em nosso sistema, não podemos tolerar comunicações de bastidores entre promotores e juízes que influenciem a sentença e afastem o réu e seus defensores dessas comunicações [...]. Este é o cerne deste pedido.”

Esta tentativa acabou por fazer Polanski ser atingido pelo próprio petardo, levando à prisão na Suíça e aos procedimentos para extradição. Para o escritório do promotor distrital de Los Angeles, era como arrancar a crosta de uma ferida. “Este caso é sobre um réu de 44 anos que encheu uma menina de 13 anos com drogas e álcool e depois, contra o consentimento dela, cometeu atos de sexo oral, sodomia e relação sexual com ela”, o escritório da promotoria escreveu. A declaração mais correta teria sido: é sobre um réu que confessou culpa por ter tido relação sexual ilegal com uma menor de idade. Mas isso não teria o efeito dramático que a promotoria queria, e eu realmente sentia que a declaração fora feita para me humilhar, já que eu não estava cooperando com os esforços deles. “A fuga do peticionário, quaisquer que tenham sido suas motivações, e sua falha em assumir as responsabilidades por seus crimes estão no cerne dos atrasos extraordinários deste caso.” Apesar de reconhecer que podiam ter ocorrido irregularidades em 1977, o juiz que presidia o caso, Peter Espinoza, descartou a moção com base na “doutrina da incapacidade do fugitivo”, o que basicamente quer dizer “volte para cá e então conversaremos”.

A última tentativa da equipe de advogados de Polanski enfurecera o escritório da promotoria, e ressuscitou um caso já morto. Some-se a esse erro tático o fato de que era ano eleitoral.

O promotor distrital de Los Angeles, Steve Cooley, já em seu terceiro mandato, estava concorrendo ao posto de procurador-geral. (Ele protestara ruidosamente quando seu predecessor, Gil Garcetti, tentou ganhar um terceiro mandato dizendo que só servira em dois. Uma vez no cargo, Cooley aparentemente decidiu que a cidade não podia ficar sem ele.) Cooley, um republicano em um estado democrata, tinha se tornado cada vez mais impopular, e já enfrentara uma grande controvérsia ao dizer que apoiaria a Proposta 8, o divisor projeto da Califórnia que baniria o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Ele precisava direcionar as atenções para um assunto no qual todos concordassem: pegar pesado com Polanski e fazê-lo voltar para encarar a justiça. Moleza, certo? Pense mais uma vez.

Em 22 de setembro de 2009, depois de descobrir que Polanski viajaria para a Áustria e a Suíça, Cooley enviou vários e-mails para descobrir que país tinha um registro melhor de extradição para os Estados Unidos. Era a Suíça e, em 26 de setembro, quando Polanski entrou no país, a caminho do Festival de Cinema de Zurique no qual seria homenageado, foi preso e encarcerado.

Então o espetáculo de trapalhadas começou. Os acontecimentos mais pareciam cenas de *Debi & Lóide* do que exemplos do nosso nobre sistema em ação. David Wells, o promotor distrital designado para lidar com os casos na corte de Rittenband (embora não no caso de Polanski), se gabara em *Roman Polanski: Procurado e Desejado* de que convencera o juiz Rittenband a atrair Polanski de volta da Alemanha, e de então lhe dar uma condenação mais dura. Ao mesmo tempo em que isso fazia parecer que Wells desempenhara um papel mais importante no processo, também admitia de modo estúpido que cometera uma falta ética que poderia ter resultado em sua exoneração (um promotor distrital é proibido de discutir condenações com o juiz, mesmo que o caso não seja seu). Para surpresa de todos, Wells repentinamente anunciou em uma entrevista que suas declarações no documentário não eram verdadeiras.

“Entrevistaram-me no tribunal de Malibu, quando eu ainda era promotor distrital, e eu embelezei a história”, Wells disse em uma

entrevista para a Associated Press. "Sou um cara que vai direto ao ponto: menti. Isso me deixa muito constrangido."

Por que ele resolvera admitir a mentira agora? Bem, ele estava aposentado, então presumia-se que não tinha nada a perder. Mas certamente devia haver muita pressão de seus companheiros no escritório da promotoria.

A prevaricação judicial era parte da petição de Polanski de que a corte o tratara de maneira indevida, até mesmo ilegal. Então, quando Wells afirmava que mentira no documentário sobre ter agido de modo antiético, estava, de fato, enfraquecendo o pedido de Polanski para voltar sem punição adicional. Essa parecia ser a ideia, de qualquer modo.

Mas o escritório da promotoria não tinha terminado com a propaganda. Para fortalecer o caso, precisavam que Polanski parecesse não um estuprador, mas um estuprador *em série*. Entra em cena a personalidade/advogada Gloria Allred. Em 14 de maio de 2010, ela estava na televisão (como sempre), com uma mulher atraente ao seu lado. Meu primeiro pensamento foi: "Pelo amor de Deus, quantas amantes Tiger Woods tem?". Mas então tive uma surpresa.

A entrevista coletiva de Allred era com Charlotte Lewis, atriz britânica e modelo da *Playboy* que tivera um pequeno papel na produção de Polanski, *Piratas*. Lewis afirmava que Polanski abusara sexualmente dela "da pior maneira possível", em Paris, quando ela era menor de idade. (Ela tinha 16 anos na época do incidente, o que legalmente não é menor de idade na França.) "Ele se aproveitou de mim e tenho vivido com os efeitos do comportamento dele desde que o fato ocorreu", Lewis afirmou, lendo uma declaração preparada na coletiva de imprensa no escritório de Allred. "Tudo que quero é justiça." Então Allred pediu que qualquer outra pessoa que tivesse sido abusada por Roman entrasse em contato com ela. É claro.

Tive vários pensamentos. O primeiro foi de advertência para a senhora Lewis. Sei como isso tudo funciona: alguém o convence de que é uma boa ideia, que você precisa fazer isso. Mas sei o que vem na sequência. A publicidade dá meia volta e ataca você. Em

poucas semanas, a imprensa estará publicando coisas horríveis a seu respeito. Ninguém passa por isso ileso. Gloria Allred e o promotor estão simplesmente usando você, e provavelmente você vai lamentar por deixá-los fazer isso.

Meu segundo pensamento foi na direção das outras "vítimas". A senhora Allred estava convidando-as a dar um passo adiante. Eu esperava que não houvesse nenhuma, mas se as pessoas dessem o passo para a frente, todas as questões e acusações começariam: essa aqui não era menor de idade, essa outra não foi não consensual... A imprensa analisaria a moral e os motivos de cada um... E os meus seriam amontoados juntos na pilha de "questionáveis".

E mais ou menos foi o que aconteceu. Outra mulher interessada em justiça – Edith Vogelhut, uma ex-modelo e editora de revista – apareceu com a afirmação de que em 1947, quando tinha 21 anos, Polanski a algemara em uma festa na casa de Jack Nicholson e a sodomizara repetidamente. "Eu meio que sabia que íamos fazer sexo", ela disse, mas "não esperava ser sodomizada".

"Vi Roman Polanski nu caminhando em minha direção com duas bebidas", ela disse, acrescentando que também haviam fumado maconha e que ele lhe dera *ecstasy* antes de algemá-la. "Ele me agarrou pelo cabelo, levantou minha cabeça, colocou nitrito de amila sob meu nariz e me penetrou pelo ânus", Vogelhut contou. "Machucou. Foi estupro."

Sabe de uma coisa? Eu não estava lá; não sei o que aconteceu. Ninguém devia ser obrigada a fazer sexo contra a vontade e todo mundo tem o direito de dizer "não". Mas por que esperar tanto tempo para acusar Polanski, e só fazer isso com o brilho dos holofotes sobre si mesma?

Não estou julgando; a experiência de Edith Vogelhut parece horrível. Mas se ela foi abusada de modo tão terrível em 1974, como adulta, onde estava quando eu estava sendo chamada de puta e mentirosa em 1977? Mais do que isso, não pude deixar de pensar naquele momento, por que todo mundo quer fazer parte disso? (Fora relatado que ela estava tentando vender um livro.)

Quanto a Charlotte, logo depois da acusação, veio a retribuição. Foi relatado que em uma entrevista de 1999, para o tabloide britânico *News of the World*, Charlotte Lewis afirmara que fora namorada de Polanski por seis meses depois das gravações de *Piratas*, acrescentando: "Eu sabia que Roman fizera algo errado nos Estados Unidos, mas queria ser amante dele". Isso implicava que ela mentira sobre o estupro; alguns relatos que li questionavam o caráter dela.

No fundo, é isto: há algumas experiências que é genuinamente impossível deixar para trás. Ao mesmo tempo em que este circo estava acontecendo, os pais de Amber Dubois choravam na audiência de condenação do homem que assassinara brutalmente a filha deles. Eles vão se recuperar completamente? Duvido.

Isso é tão diferente. Todos fizemos algo na vida que lamentamos, algo que é estúpido; ou algo horrível e estúpido foi feito contra nós. Em 90% dessas situações, há um momento em que você precisa deixar para lá – a menos que não queira. Então, em certo sentido, é problema seu.

Por que o estado da Califórnia estava interessado em gastar tempo e recursos para extraditar Roman Polanski? O promotor havia livrado a Califórnia de todas as drogas e violência de gangues? Não havia mais problemas com imigração ilegal? Estavam soltando milhares de criminosos só para abrir espaço para Polanski? Não era óbvio para todo mundo que o promotor distrital estava fazendo isso como um meio para impulsionar a própria carreira, com total desrespeito e desconsideração pela vítima do caso? Ele estava fazendo o oposto do que seria seu trabalho.

Por causa de sua fama, Polanski fora enganado e manipulado por nosso sistema de justiça criminal. Sua notoriedade atraiu para si pessoas corruptas e venais como mariposas até uma lâmpada, começando pelo juiz e descendo. Celebridade pode ser um benefício e uma maldição. Há um privilégio imenso, mas o privilégio e a atenção podem facilmente se voltar contra você, como vemos quase diariamente. Se Polanski fosse um zé-ninguém, talvez tivesse conseguido mesmo assim o acordo judicial, fosse sentenciado a seis meses por relação sexual ilegal com uma menor

de idade e cumprisse dois ou três meses – exatamente como ele fez. Mas ele não era um zé-ninguém; era alguém cuja fama e poder faziam com que todos os envolvidos no caso se preocupassem com eles mesmos em relação àquilo tudo. Quem pareceria durão? Quem pareceria um fracote? Quem poderia usar o caso para ganho pessoal ou profissional?

E eis a grande questão: quem, exatamente, se beneficiaria se Roman Polanski fosse para a prisão? É verdade, aquele era um homem que inapropriadamente gostava de meninhas. Ora, ele acabou se casando com uma garota incrivelmente jovem – Emmanuelle Seigner, que tinha apenas 23 anos quando eles se casaram, em 1989 (ele tinha 56). Mas ele não era um pedófilo; não estava espiando pátios de escolas. Não era violento, não era rude; era, em grande parte, um homem egoísta e arrogante – e que nem sequer era um caso isolado, considerando-se sua posição e o momento cultural.

Fui recordada de quem Roman Polanski era naquela época quando li o livro seminal de Peter Biskind sobre Hollywood no final da década de 1960 e durante os anos 1970, como *a geração sexo-drogas-e-rock'n'roll salvou Hollywood – Easy Riders, Raging Bulls*. Peter Bart, o produtor da Paramount que trabalhou com Polanski em *O Bebê de Rosemary*, o chamou de “um homem brilhante, o diretor mais letrado, com mais cultura que já conheci na vida. Mas... Estava sempre à beira do abismo”. A vida não fazia sentido para ele. Então ele buscava prazeres, que eram uma coisa certa. Um desses prazeres eram meninas jovens. Robert Towne, roteirista de *Chinatown*, falava sobre reescrever o roteiro com Polanski em um hotel, e como brigavam por causa “das garotas que Roman levava para tirar fotos Polaroid mergulhando sem blusa do maldito trampolim. Era uma distração”.

Já fui chamada várias vezes de defensora de Polanski, com a implicação de que devo ter sido manipulada por pessoas nefastas em posição de poder para ficar ao lado dele. Não estou pedindo desculpas por ele nem acho que sua arte de algum modo perdoa o que ele fez. (A verdade completa: nem mesmo gosto dos filmes dele.) Em grande parte, sou uma pessoa com o senso comum e a

crença de que o motivo tem um papel no julgamento de um crime. Roman Polanski era um homem com tesão e drogado em 10 de março de 1977. É isso. Não acho que sua motivação fosse me machucar, mesmo que, inevitavelmente, tenha feito isso. Considero a integridade do nosso sistema judiciário muito mais importante do que a punição de um homem por um crime, mesmo que eu tenha sido a vítima.

Aqueles eram meus pensamentos. Enquanto muitos discordavam de mim, a prisão de Polanski e a tentativa de extradição da Suíça provaram ser um prato cheio para peritos e sabichões dos dois lados do Atlântico.

Para aqueles que o veneravam como artista... Bem, se Polanski já não era reverenciado o suficiente na França, a prisão e a tentativa de extradição o transformaram em mártir. Primeiro a Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques fez circular uma peti  o assinada por mais de cem pessoas da indústria do cinema, incluindo Martin Scorsese, Pedro Almod  var e Woody Allen:

Ouvimos com surpresa as notícias da prisão de Roman Polanski pela polícia su  a em 26 de setembro, após sua chegada em Zurique (Su  a) enquanto seguia para o festival de cinema no qual receberia um pr  mio por sua carreira.

Sua prisão cumpre um mandado de captura norte-americano datado de 1978 contra o cineasta, em um caso de costumes.

Cineastas na França, na Europa, nos Estados Unidos e por todo o mundo estão consternados com esta decisão. Parece inadmissível que um evento cultural internacional que homenageava um dos maiores cineastas contemporâneos seja usado pela polícia para prendê-lo.

Por sua natureza extraterritorial, festivais de filme por todo o mundo sempre permitiram que trabalhos fossem mostrados e que cineastas os apresentassem de maneira livre e com segurança, mesmo quando determinados Estados se opunham a isso.

A prisão de Roman Polanski em um país neutro, para onde ele presumia que podia viajar sem obstáculos, mina esta tradi  o:

abre caminho para ações das quais ninguém pode saber os efeitos.

Roman Polanski é um cidadão francês, um artista de renome internacional que agora enfrenta a extradição. Esta extradição, se ocorrer, terá consequências sérias e tirará sua liberdade.

Cineastas, atores, produtores e técnicos – todos os envolvidos no cinema internacional – querem que Polanski saiba que tem o apoio e a amizade deles.

Em 16 de setembro de 2009, o senhor Charles Rivkin, embaixador norte-americano na França, recebeu artistas e intelectuais franceses na embaixada. Ele os apresentou à nova Ministra Conselheira para Relações Públicas na embaixada, a senhora Judith Baroody. Em perfeito francês, ela elogiou a amizade franco-americana e falou favoravelmente sobre o desenvolvimento de relações culturais entre nossos dois países.

Em nome dessa amizade entre nossos dois países, exigimos a imediata soltura de Roman Polanski.

Para mim, duas coisas se destacam nesta petição. Uma, que a única referência ao crime de Polanski é que foi um “caso de costumes”. Um caso de costumes? Sério? Então este documento importante e tão cheio de si faz uma pausa para prestar tributo ao “perfeito francês” da ministra norte-americana. Se Polanski tivesse me estuprado em perfeito francês, toda essa chateação subsequente poderia ter sido evitada. *Vive la France!*

Bernard-Henri Lévy, escritor e filósofo francês, começou a própria petição de famosos bem-intencionados – todo mundo desde Salman Rushdie e Jean-Luc Godard até Diane Von Furstenberg. A prisão foi chamada de “linchamento judicial” por uma sociedade de cineastas poloneses. Páginas editoriais suíças fizeram um monte de *mea culpa* sobre como uma “armadilha” fora armada para o diretor naquele país. Os ministros do exterior francês e polonês levaram suas reclamações até a então secretária de estado Hillary Clinton, e, em uma entrevista em uma rádio estatal francesa, Bernard Kouchner, o ministro do exterior francês, disse que “francamente,

este caso é um pouco sinistro”. E Frédéric Mitterrand, o ministro da cultura francês, chamou a prisão de “insensível” e “absolutamente horrível”. (Ele teve de recuar um pouco depois que as pessoas lembraram seu livro de memórias de 2005, no qual ele escrevera sobre a própria paixão por garotos menores de idade, os quais ele pagava para que fizessem sexo enquanto viajava pela Tailândia. *Vive la France encore!*)

Houve uma reação igualmente forte daqueles que queriam que Polanski voltasse aos Estados Unidos e estavam desgostosos com o apoio que ele tinha da elite intelectual. Katha Pollitt escreveu um artigo exaltado e amplamente lido na *Nation*.

É revoltante que superestrelas literárias que sempre tratam da dignidade humana, dos direitos humanos e até mesmo do direito das mulheres (pelo menos quando as mulheres são muçulmanas) ainda não enxerguem o que Polanski fez como estupro, ou não se incomodem com isso porque ele é, no final das contas, Polanski – um artista como eles próprios. Que alguns desses defensores sejam mulheres é particularmente decepcionante. Elas não veem que estão apoiando argumentos que culpam a vítima, minimizam o estupro e se curvam para inocentar o autor do crime? Erro da juventude, deve ter confundido a idade dela, putinha adolescente, mãe de atriz mirim – é isso que queremos que as pessoas pensem quando homens de meia-idade atacam estudantes do nono ano?

Nem todas as observações eram pesadas assim. De fato, quando deixei de escutar os comentários sérios – ouvindo os detalhes do caso sendo repetidos e exagerados ao extremo –, até que me diverti com as piadas, mesmo quando eu era o alvo delas. A mais engraçada veio de Chris Rock, no programa de Jay Leno: “As pessoas estão defendendo Roman Polanski porque ele fez alguns filmes bons? Está me zoando? Ele fez bons filmes há trinta anos, Jay! Nem mesmo Johnnie Cochran teria coragem de falar ‘bem, viu O. J. Jogar contra o New England?’”.

• • •

Durante tudo aquilo, tentei manter a cabeça baixa e ficar longe de toda a idiotice da imprensa. Nem sempre foi fácil. Por um lado, como eu disse anteriormente, havia câmeras posicionadas do lado de fora de minha casa. E não eram apenas as câmeras. Meu filho Alex se lembra de repórteres irem até ele e dizerem: “Olhe, vou lhe dar dinheiro se fizer uma declaração. Vinte pratas só para dizer ‘sem comentários’”. Em certo momento, meus filhos começaram a tirar fotos *deles*. Uma vez – naquele dia fatídico em setembro de 2009, depois da prisão de Roman –, mostrei o dedo para os fotógrafos. Não se deve fazer isso com paparazzi. Mas era como se minha mão estivesse possuída. Olhei para o meu terceiro dedo erguido pensando, *Você me traiu, York, Pensilvânia, eis meu “foda-se” para você.*

Era incrível o que a imprensa podia fazer para tentar me levar a criar notícias. Um dos tabloides britânicos ligou para Larry e disse que estava disposto a me pagar “dinheiro de verdade” por uma entrevista: 75 mil, 80 mil dólares. Para mim, era mais do que um ano de salário por uma hora de meu tempo. Eu precisava do dinheiro. Meus *filhos* precisavam do dinheiro. Pensei comigo mesma, se posso ser paga para dizer o que venho passando todo esse tempo, ótimo.

O jornalista do tabloide ligou uma e outra vez. Larry, como meu advogado e porta-voz, disse que eu estava disposta. Então veio isto: “Acabo de falar com meu editor na Inglaterra”, o jornalista falou para Larry. “Se vamos pagar todo esse dinheiro, ela precisa dizer que está retirando o perdão a Polanski.”

Primeiro: nunca usei a palavra *perdão* publicamente – o que eu fazia em meu coração era questão íntima. Mais importante ainda, enquanto eu lutava para entender e deixar para trás o que acontecera, nunca fui tão arrogante para sugerir que tivesse o poder de conceder “perdão”. Perdão era para minha paz de espírito; tinha pouco a ver com ele.

Puxa, obrigada, mas não, obrigada.

Durante as semanas e meses após a prisão de Polanski na Suíça, eu mais uma vez me senti unida a este homem que era quase um estranho: em certo sentido, tanto Polanski quanto eu estávamos sendo mantidos presos contra nossas vontades. Era difícil não pensar nele na cadeia. Eu acordava de manhã, livre para fazer o que eu quisesse, enquanto ele estava trancado em uma cela. Eu achava que isso tudo era errado. Na verdade, fiquei aliviada quando ele foi para "prisão domiciliar" no chalé que possuía na Suíça.

Enquanto Larry trabalhava nos bastidores para me libertar daquele inferno, conseguindo um encerramento (o que significava fazer com que Polanski pudesse voltar aos Estados Unidos sem a ameaça de novo encarceramento), eu tinha o prazer de me ver sendo execrada pela imprensa. Eis o problema: eu não estava sendo uma boa vítima. Uma boa vítima pede ajuda e chora na TV e desfila por aí contando sua história de sofrimento para consumo do público. Dizem-nos que estamos "ajudando os outros" ao nos expor dessa maneira. O apetite do público pela infelicidade alheia exigia isso.

E eu não estava cooperando.

Jaclyn Friedman, editora do livro *Yes means yes! Visions of female sexual power & a world without rape*, fez um argumento apaixonado e, ainda assim, sensível, sobre por que Polanski devia ser preso, apesar dos meus desejos.

[...] o estupro não é um crime contra uma pessoa, e não devemos processá-lo a fim de satisfazer as necessidades ou os desejos de uma vítima. O estupro é um crime contra o tecido social que une todos nós. [...] Quando o autor do crime fica impune, todos nós ficamos menos seguros. Não só porque há mais um esturador solto, mas porque essa falta de responsabilização manda uma mensagem para outros possíveis esturadores: vá em frente e esture alguém, o resto de nós não se importa muito, desde que não seja conosco ou com alguém que amamos. Neste caso, podemos acrescentar uma

ressalva: especialmente se você for rico, talentoso e tiver amigos poderosos.

Esse é o motivo, Friedman sugere, pelo qual a parte queixosa em qualquer caso de estupro não é a vítima – é o governo. Casos de estupro são levados a cabo por um representante de todos nós, porque todos nós somos prejudicados quando alguém é estuproado.

Entendo isso. Também entendo que a punição deve ser dada de acordo com o crime. Polanski já cumprira pena – tanto na Califórnia quanto na Suíça. Quanto mais queriam? E me pergunto por que o que “eles” querem importa? Mais estranhos se metendo em minha vida!

Os meses de prisão de Polanski na Suíça, a batalha legal – tudo isso foi horrível. Os ataques de pânico e a insônia que sofri de tempos em tempos a vida toda retornaram com força total. Era cada vez mais difícil me concentrar no trabalho, e meu chefe, apesar de compreensivo, também estava preocupado. Eu tinha medo de perder o emprego – o que só fazia aumentarem a insônia e o pânico.

Como meu advogado, Larry apresentou uma “declaração da vítima” no tribunal de apelações apoiando a moção de Polanski para arquivar o caso contra ele. Acho que ele espertamente combinou meus pensamentos e desejos com um forte argumento jurídico formal. Eis um trecho:

Desde o início deste caso, Samantha Geimer tem tentado ser deixada em paz. Como é a vítima de um crime cometido por uma celebridade, isso não aconteceu. Depois de anos e anos sendo seguida, perseguida, caçada, fotografada e gravada aberta e sorrateiramente por centenas, se não milhares, ela foi advertida por um conhecido repórter que só se contasse sua história seria deixada em paz. Disseram-lhe que era seu silêncio que tornava a perseguição ainda mais intensa. Ela contou sua história e ainda é vítima de uma intensa curiosidade pública. Ao longo dos anos, por exemplo, seus filhos foram abordados na escola, amigos dela foram abordados para fotos ou comentários,

repórteres e fotógrafos sorrateiros estacionaram do lado de fora de sua casa com buracos perfurados nos veículos, na tentativa de tirar fotos ou fazer vídeos dela. Seus filhos, em sua ausência, teriam sido presenteados por fotógrafos em busca de informação – diga a seu filho para jogar fora um brinquedo que ele ganhou. Em uma violação da ordem do juiz Rittenband, o promotor distrital consentiu em tornar público o testemunho do grande júri, para que o mundo pudesse conhecer os detalhes sensuais [sic], embora verdadeiros, do crime. Está agora na internet, para que o marido, a mãe e os filhos dela leiam.

Sempre que Polanski está nas notícias, os esforços de Samantha para ser deixada em paz são corrompidos. Isso acontece quando Polanski lança um novo filme, quando é considerado para uma indicação, por exemplo, ao Oscar. A vida de Samantha é significativamente alterada cada vez que a celebridade dele se torna mais pública. Acaba de acontecer novamente.

Em 26 de setembro de 2009, como o mundo sabe, Polanski foi preso na Suíça. A prisão novamente levou o foco da mídia para Polanski e, portanto, para Samantha. Contando Samantha e seu advogado, eles receberam quase 500 ligações telefônicas da mídia de todo o mundo em busca de um comentário, em busca de entrevistas, em busca de novas fotos, em busca de uma declaração, em busca de qualquer coisa que alimentasse o frenesi. À resposta "sem comentários" foi contraposta a oferta de dinheiro, e outras gratificações em troca de uma ou duas palavras ou de uma aparição de Samantha. A resposta tem sido: "Deixem-me em paz".

Mas eles não a deixarão em paz. A mãe dela tem sido seguida por órgãos de imprensa e paparazzi. Os filhos de Samantha têm sido caçados por fotógrafos e repórteres. Em lugares onde tenta levar uma vida normal, como, por exemplo, um aeroporto, Samantha tem sido recepcionada por fotógrafos, repórteres e paparazzi. Cercam a casa dela, esperando pelo momento em que cederá à pressão e sairá para falar. Ligações, em todas as horas, invadem sua vida em casa, pelo celular e no local de trabalho. A

vítima é novamente a vítima. A perseguição fez com que tivesse problemas de saúde. A perseguição tem causado problemas em sua atuação no trabalho, gerando um compreensível descontentamento por parte de seu empregador e a real possibilidade de que Samantha perca o emprego.

Confrontada com as consequências econômicas de ficar desempregada na economia atual, mais uma vez a vítima está sendo vitimizada. Isso vem acontecendo há 32 anos. Todos afirmam que estão "fazendo seu trabalho", mas ela pode ficar sem trabalho. Todos afirmam que estão agindo para reivindicar justiça, mas Samantha não vê justiça. Todos insistem que ela lhes deve uma história, mas a história dela continua a ser triste. Ela suporta esta vida porque um juiz corrupto compassivamente propiciou que Polanski fugisse. Não importa qual tenha sido o crime, ele tinha o direito de ser tratado com justiça; não foi. O dia em que Polanski fugiu foi um dia triste para a justiça norte-americana. Samantha não deve ser obrigada a pagar o preço disso. Ela vem pagando por um sistema judicial e processual falho.

Esta petição faz mais uma exigência, mais um pedido, mais um apelo: deixem-na em paz.

Quer você considere Polanski um monstro ou a vítima de um processo viciado, há uma coisa com a qual ambos os lados podem concordar: a perfídia de minha mãe e minha. Em um artigo no *Huffington Post* que começava com "Cansei dos suíços", Joan Z. Shore, uma expatriada que vivia na Bélgica e se autointitulava fundadora das Mulheres no Exterior pela Igualdade ("WOE", na verdade)²⁰, escreveu:

A modelo de 13 anos "seduzida" por Polanski fora empurrada para ele pela mãe, que queria vê-la no cinema. A menina estava apenas a poucas semanas do 14o aniversário, que é a idade de consentimento sexual na Califórnia. (Provavelmente, agora é 13!) Polanski foi demonizado pela imprensa, condenado, e conseguiu fugir, temendo uma sentença pesada. Conheci

Polanski pouco tempo depois que ele deixou os Estados Unidos e estava filmando Tess na Normandia. Eu trabalhava no escritório da CBS News em Paris, e acompanhei Mike Wallace para uma entrevista de Polanski no set de filmagens para [o programa de TV] Sixty Minutes. Mike achava que encontraria o demônio encarnado, mas ficou completamente encantado pela sobriedade e inteligência de Polanski.

Ah, céus. Mas este é o nível da visão que se passa por jornalismo. Ele não podia ter estuprado aquela menina, porque ela, apesar de ter 13 anos, era uma vadia, e fora prostituída pela mãe ambiciosa e, além disso, todas as pessoas que fazem coisas erradas são estúpidas, feias e parecem criminosas. Shore não deixa que os fatos estraguem seu julgamento cruel, mas, para registro, a idade legal para consentimento sexual na Califórnia é 18 anos, e tem sido assim há mais de um século. Mesmo na Bélgica adotada por Shore, a idade para consentimento sexual é 16 anos.

Talvez a pancada mais perturbadora de um defensor de Polanski tenha vindo em outubro de 2009: uma entrevista com Gore Vidal feita por John Meroney, na [revista] *Atlantic*, logo depois que Polanski foi preso. Vidal e Polanski eram amigos em Hollywood.

MERONEY: *Na época do incidente original, você estava trabalhando no ramo, e você e Polanski tinham um amigo em comum, o crítico de teatro e produtor Kenneth Tynan. Então, qual sua opinião sobre Polanski, tantos anos depois?*

VIDAL: *Na verdade, não dou a mínima. Olhe, por acaso vou sentar e chorar toda vez que uma jovem prostituta sentir que tiraram vantagem dela?*

MERONEY: *Eu certamente nunca ouvi falar desse lado da história antes.*

VIDAL: *Primeiro, eu estava no meio de tudo aquilo. Naquela época, todos estávamos. Todo mundo conhecia todo mundo. Havia uma história totalmente diferente naquela época, que não se parece com nada com a que está sendo contada agora.*

MERONEY: *O que quer dizer?*

VIDAL: *A mídia não consegue fazer nada direito. Além disso, há em geral uma coisa antissemita e antigay acontecendo com a imprensa – muitas coisas malucas. A ideia de que essa menina estava em seu vestido de comunhão, um anjinho todo de branco, sendo estuprada por esse judeu horrível, polaco – é como as pessoas o estão chamando –, bem, a história é totalmente diferente agora do que era naquela época.*

Então, para os apoiadores de Polanski, eu era uma vadia e um impedimento para a grandeza dele. E quanto a seus detratores? Bem, se os apoiadores de Polanski achavam que eu era uma puta, os detratores de Polanski achavam que eu era uma coitada. Como uma maquiadora me disse antes que eu aparecesse no *Good Morning America*, da ABC, para explicar por que achava que Polanski não deveria ser extraditado: “Ah, coitada, coitadinha”. Sei que ela só estava tentando ser gentil, mas eu era uma “coitadinha” porque fora estuprada quando criança? Eu seria agora e para sempre uma “coitadinha”?

Eu disse para ela que estava bem. Mas podia sentir a pena dela e não gostei disso.

Aqui também Nancy Grace foi particularmente memorável. A vampira loira que come misérias no desjejum estava positivamente radiante na época da prisão de Polanski. Polanski, ela disse, “nunca mais veria a luz do dia” depois que fosse extraditado e mandado para sempre para a prisão. Grace vilipendiou os apoiadores do cineasta e zombou da ideia de que houvera alguma má conduta judicial, em 1977, quando interrogou Carmen St. George, uma advogada de defesa, em seu programa, em setembro de 2009.

GRACE: *Não há nada provado sobre uma irregularidade. De fato, [...] a única coisa que sabemos com certeza é que Roman Polanski, um famoso diretor de cinema de Hollywood, admitiu sob juramento ter estuprado uma menina de 13 anos. Sabemos apenas isso. [...] Então você está dizendo que porque o caso é muito antigo, porque ele está vivendo em uma mansão na*

Europa, devemos simplesmente nos esquecer disso tudo, que isso é um problema e que a Dona Justiça deveria simplesmente pegar as malas e ir para casa?

Não era o que St. George estava dizendo, mas isso não importava para Grace. Mais tarde, no programa, ela falou com a doutora Evelyn Minaya, especialista em saúde da mulher.

GRACE: *Moças e mulheres lembram em todos os momentos de sua vida que foram estupradas quando crianças. Esta é uma criança, uma menina de 13 anos. Isso as afeta para sempre.*

MINAYA: *Para sempre. E não só isso, há os aspectos físicos também. Lembre-se, ela passou por sodomia. Você sabe que isso a coloca sob um risco maior de ter câncer anal no futuro, sem contar todas as outras ramificações psicológicas que vêm com isso, imagine só.*

E o show seguiu nessa toada. Eu estava acostumada a ter meu caráter caluniado por causa do estupro. Mas agora me diziam que, por causa do estupro, era mais provável que eu tivesse câncer. Que bom. O que vinha a seguir?

Eu queria gritar para a televisão: estou parada bem aqui, posso ouvir você!

Em outro programa, Grace se referiu a mim como uma “vítima fraca”, que não conseguia se levantar por conta própria. Ela chamou a si mesma de “defensora da vítima”. Em outras palavras, ela precisava de um estoque de vítimas para defender. Sem vítimas, não havia ramo de defesa das vítimas. Não posso ajudá-la quanto a isso, Nancy Grace. Eu era a vítima de um crime – sou e sempre serei vítima de estupro. Mas não sou vítima como pessoa. Sou uma mulher forte que escolheu se identificar por seus pontos fortes, seus interesses, sua família e sua aversão por moscas varejeiras que querem se apropriar de sua vida para seus próprios interesses. Não estou disponível para você, Nancy Grace; vá vitimizar outra pessoa.

E então havia aquele outro abutre do drama, o doutor Phil McGraw. Li que ele disse que eu era um caso clássico de culpa da

vítima, e que gostaria de me ajudar. É esse tipo de atitude paternalista que faz com que vítimas de estupro pensem para sempre que *devem ter* algo pelo que se sentir culpadas. Dr. Phil, você está confundindo orgulho de sobrevivente com culpa de vítima. Mas não há dinheiro no orgulho do sobrevivente, há? Obrigada pela oferta. Vou recusar por enquanto, mas, se algum dia achar que preciso da ajuda de um apresentador de TV, meu pessoal entrará em contato com seu pessoal.

• • •

Em 12 de julho de 2010, nove meses depois da prisão domiciliar de Polanski, o ministro da justiça da Suíça emitiu um comunicado que garantiu que a cabeça de Nancy Grace explodisse: "O diretor de cinema franco-polonês de 76 anos, Roman Polanski, não será extraditado para os Estados Unidos", o ministro disse em um anúncio na segunda-feira. "As medidas de restrição de liberdade contra ele foram revogadas."

Eu fiquei muito satisfeita, porque os últimos meses haviam me desgastado. Agora, eu esperava, a imprensa pararia de me perseguir. Eu tiraria minha fantasia de Menina Estuprada e voltaria para minha vida maravilhosamente comum – minha família, meus animais, meus filmes de terror. (Algumas pessoas gostam de encenações sobre a Guerra Civil; minha família e eu éramos mais adeptos das encenações do apocalipse zumbi no Halloween.) Estava muito feliz que Polanski tivesse sido solto, embora ficar na bela casa em Gstaad não fosse exatamente estar na baía de Guantánamo. Mas não estava acabado. O escritório do promotor distrital do condado de Los Angeles continuou estragando o caso.

Antes do fracasso épico de Cooley, o cenário deve ter parecido uma barbada. A Suíça havia entregado outros fugitivos da justiça norte-americana no passado, e este caso era claro. Bem, não exatamente. Por um lado, a Suíça tem critérios muito específicos para extradição. A pessoa só pode ser extraditada se tem seis meses ou mais para cumprir de sentença em seu país natal, e a corte não estava convencida de que Polanski tinha seis meses para

cumprir quando retornasse. É claro, ninguém sabia – em primeiro lugar, fora a própria ambiguidade da sentença que fizera Polanski fugir em disparada –, mas as autoridades suíças observaram que provavelmente Polanski não teria mais de seis meses porque, no ano em que o diretor fora condenado, nenhuma pessoa na Califórnia cumpriu pena de seis meses por relação sexual ilegal. De fato, poucos cumpriram mais do que dois meses. Polanski também corria risco por sua fuga ilegal, mas ninguém poderia prever que sanções seriam essas. E, mesmo sob a lei da Califórnia, ninguém pode ser condenado até ser considerado culpado.

A principal razão para a recusa da Suíça em entregar Polanski, no entanto, foi a recusa da promotoria distrital em entregar uma testemunha chave. Em janeiro de 2010, Roger Gunson – que tivera graves problemas de saúde – deu um testemunho sob sigilo para ser usado caso estivesse doente demais para comparecer à corte. A equipe de Polanski, assim como Larry e eu, queríamos que o testemunho de Gunson fosse entregue, já que acreditávamos que revelaria informações vitais sobre o juiz Rittenband e a má conduta judicial na década de 1970. Não estava claro como isso poderia ter afetado o caso, mas imagino que teria sido bem embaraçoso para a Suprema Corte do Condado de Los Angeles.

A equipe de advogados de Polanski reclamou que o escritório da promotoria estava fornecendo às autoridades suíças informações “falsas e materialmente incompletas”. Mesmo assim, o juiz da Suprema Corte de Los Angeles, Peter Espinoza, rejeitou o pedido dos advogados de defesa para suspender o sigilo do testemunho – e aquilo praticamente assegurou a liberdade de Polanski.

Cooley ficou furioso. “Justificar a decisão de negar extradição com uma questão que é exclusiva à lei da Califórnia no que diz respeito ao exame condicional de uma testemunha potencialmente indisponível é a rejeição da competência dos tribunais da Califórnia”, ele disse em uma entrevista coletiva. “Os suíços não podiam ter encontrado um gancho menor no qual pendurar o chapéu.”

A Suíça via de forma diferente. Parecia que os Estados Unidos tinham algo a esconder. Tinham. E ainda têm.

Havia apenas duas pessoas envolvidas no meu estupro em março de 1977 – o autor do crime, Roman Polanski, e eu. Desempenhei meu papel – eu era a criança que foi estuprada. Polanski desempenhou o dele – me agrediu, foi preso e acusado. E devia ter sido isso. Ainda assim, embora eu só tivesse 13 anos, sabia que aquilo tinha se transformado em algo muito maior do que o ocorrido naquela noite. E, de algum modo, o que acontecera, por pior que fosse, não seria tão mau quanto o que estava por vir.

Eu esperava estar errada. Tinha de estar errada, certo?

Então corri para o monstro de duas cabeças do sistema de justiça criminal da Califórnia, e seus atores corruptos cujo desejo por publicidade se sobrepunha às preocupações com a justiça. Para ser justa, havia aqueles que achavam que a lei devia ser aplicada independentemente das consequências para a vítima. Para mim, as consequências de as leis do estupro serem aplicadas vigorosamente em Polanski significariam que eu seria exposta ao exame agressivo, danoso e contraditório dos advogados de Polanski, que queriam mostrar que o caso nunca ocorrera, ou que eu era algum tipo de sedutora trapaceira de 13 anos e que, por isso, a história não era grande coisa. Meu caso seria julgado não só pela corte, mas também na mídia. Todas as histórias sobre mim seriam contadas e recontadas. Meu crime? Ser vítima de um crime de estupro de uma celebridade de Hollywood. Percebo que há pessoas que, em busca de atenção e notoriedade, não têm vergonha. Afinal, a fama de Kim Kardashian e Paris Hilton está não no canto, na dança ou na atuação, mas em sua capacidade de fazer uma fita de sexo ardente. Eu as admiro por fazer o melhor de uma situação desconfortável, e se conseguem aguentar o tranco, ótimo para elas. Mas não é tão fácil quanto parece.

• • •

Larry e minha família concordaram que proteger a vítima – eu – era mais importante do que Polanski ser processado na extensão total da lei. Fomos obrigados a lutar para conseguir que ele confessasse a acusação menos séria para evitar que eu fosse

estampada em todos os tabloides do país. E então tivemos que lutar de novo, recentemente, quando, sem que me fosse feita nenhuma consulta, os esforços foram renovados para extraditar Polanski para os Estados Unidos. E, a propósito, nem mesmo em 1977 foi uma decisão difícil. Minha família nunca pediu que Polanski fosse punido. Só queríamos que a máquina jurídica parasse.

Eu era jovem durante o circo montado ao redor do estupro no final da década de 1970, e dependia dos cuidados de meus pais e de meu advogado. Agora, trinta e cinco anos depois, tenho minha própria opinião, desenvolvida após um longo período de reflexão, para me guiar. Polanski cometeu um erro terrível, agravado pela fuga do país. Por outro lado, fora publicamente exposto como estuprador, sua carreira estava comprometida e vivera como exilado dos Estados Unidos, o centro do universo do cinema. Punição suficiente? Há divergências quanto a isso. Mas, para mim, é a pergunta errada. Não estou interessada em punição; estou interessada em justiça. E justiça, acredito, começa com o interesse das vítimas – particularmente quando está claro que o autor do crime não é uma ameaça para o resto da sociedade.

O bafafá ao redor da extradição de Polanski se tornou cada vez mais curioso. Simplesmente não havia dúvidas de que Rittenband, o juiz que originalmente presidiu o caso, era um descarado buscador de publicidade. O promotor distrital David Well admitira ter mentido. Mesmo assim, parecia que nada disso seria investigado até a rendição de Polanski.

Não acho que essa seja a maneira como nosso sistema foi planejado para funcionar. Temos um Departamento de Justiça, não um Departamento de Punição. Temos a Senhora Justiça, não a Senhora Punição. Ela segura uma balança; acredito que isso indique equilíbrio. Não um equilíbrio entre direitos da vítima e publicidade para o juiz. Não um equilíbrio entre os direitos da vítima e uma licença para mentir para o promotor distrital. Não um equilíbrio entre os direitos da vítima e a ambição de um funcionário público. Se deve existir algum equilíbrio, deve ser entre os direitos

da vítima (para acabar com seu sofrimento) e os interesses do estado (em punir o crime), com ênfase em proteger os inocentes.

Como o estado da Califórnia pode se recusar a investigar a má conduta de um juiz e de um promotor porque uma celebridade infringiu a lei? Os oficiais da corte não deveriam manter um padrão mais alto? Pedi investigação do que ocorreu a portas fechadas no tribunal em 1977 e 1978. Como vítima, a Carta de Direito das Vítimas da Califórnia me garante algumas considerações. Mas o escritório do promotor distrital se recusa a conceder-me qualquer uma delas. Em vez disso, inescrupulosamente me tira esses direitos. Trata meus direitos como privilégios que precisam ser conquistados. E eu os conquisto apenas me submetendo. Devo seguir suas regras não escritas, enquanto eles não seguem nem mesmo as próprias leis. A ofensa que sofreram com a fuga de Polanski supera tudo. Meus direitos como cidadã e como vítima, a má conduta dos oficiais da corte, tudo isso é deixado de lado porque a lei deve ser aplicada, primeiro, a Polanski. Por quê? Justiça aplicada de forma seletiva, aplicada segundo a vontade do escritório do promotor distrital. Por quê?

Punir Polanski pelo que fizera comigo era apenas uma entre várias motivações, e uma relativamente menos importante. Havia preocupações muito mais prementes: política, negócios, espetáculo.

A analogia que sempre me vem à mente quando penso no jeito como fui tratada é a seguinte: e se, em vez de ter sido estuprada, eu tivesse sido ferida de outra maneira? Vamos dizer que eu tivesse um corte realmente feio no braço, que tivesse sido coberto com um curativo e que mal começasse a sarar. Seria apropriado se alguém me dissesse: *uau, você vai me contar tudo sobre como isso aconteceu? Pode tirar o curativo para que eu possa dar uma olhada? Parou de sangrar, dá para apertar um pouquinho para que comece a sangrar novamente? Dói mais agora?* É assim que parece para mim, de qualquer modo.

O caso Polanski não é um bom, nem mesmo um mau, exemplo de justiça. De certa forma, é o oposto de justiça. Justiça não é destinada para entretenimento ou para o enriquecimento de

funcionários públicos, peritos e meios de comunicação. Não acredito que punição e espetáculo possam ser substitutos de justiça. Não acredito que regras e leis para o próprio bem são mais importantes do que justiça. Não acredito que regras e leis aplicadas no vazio, a fim de apoiar um ponto de vista estreito, representem justiça.

Como eu estava exigindo justiça para a vítima, teria sido hipócrita não exigir também justiça para o réu. Justiça equivale a um tratamento igual para todos os envolvidos. Polanski e eu somos seres humanos, não instrumentos da política, e nenhum de nós deve ser indevidamente usado pelo sistema. Pode parecer estranho que eu faça campanha por justiça para Roman Polanski, o homem que foi, naquele período de tempo, tão egoísta e preocupado com o próprio interesse. Mas é mais bizarro para mim que o sistema seja tal que, neste caso, de todo modo, a única maneira de conseguir justiça para a vítima seja pedir isenção de punição para o criminoso. Não é perfeito. Mas está certo.

• • •

Em abril de 2013, o Coletivo Feminista de Londres fez um protesto em uma retrospectiva dos filmes de Polanski no British Film Institute (BFI). As mulheres marcharam com cartazes que diziam coisas como "Polanski ainda está na ativa / Mas isso não incomoda o BFI" e colocaram lado a lado fotos de Polanski e de Jimmy Savile, o artista britânico sagrado cavaleiro, agora falecido, que foi recentemente descoberto por ter molestado sexualmente centenas de crianças. (Cartaz: "Participaria de uma temporada de Savile?") O Coletivo soltou uma declaração para a imprensa que dizia, em parte: "O British Film Institute se juntou à minimização do crime de Polanski, ao organizar uma retrospectiva de seu trabalho sem nem mesmo mencionar que ele também é um estuprador de criança condenado [sic]. [...] A defesa 'ele é um artista' é usada toda vez que essas questões são levantadas e continua sendo um lixo completo. Ser um 'artista' nunca foi

desculpa aceitável para um homem adulto abusar de uma criança, e nunca deveria ser.”

Esse é um argumento válido, é claro, e eu estou totalmente de acordo – quem não estaria? Só não quero ser a criança do pôster anti-Polanski, usado segundo a conveniência de alguém. Por um lado, ainda anseio por um pouco de privacidade, e lutaria para que qualquer vítima mantivesse a sua. Por outro lado, meu caso é complicado demais e muito cheio de nuances para servir como exemplo. Eu me ressinto de ser apropriada para campanhas e causas de outras pessoas. Se você quer de verdade realizar algo bom, comece de um bom lugar: garanta a cooperação daqueles que você quer ajudar; não os explore.

Há alguns dias, eu estava no YouTube e topei com um divertido comercial de televisão que, por acaso, era dirigido por Polanski. Era uma paródia de comercial de perfume, no qual Natalie Portman e Michelle Williams, vestidas como cortesãs francesas, parecem estar em um clima romântico, mas acabam em uma luta corporal por um perfume chamado “Greed” [“Ganância”]. Era como um quadro bobo do *Saturday Night Live*, e eu estava prestes a ver alguma outra coisa quando, espremido entre os comentários aleatórios sobre o comercial, estava isto: “A garota que afirmou que Polanski a sodomizou é uma mentirosa e uma fraude. Assim como aquelas duas outras pessoas que afirmaram a mesma coisa em 2010”. Nada a ver com o comercial. Nada a ver com nada. Mas é como uma resposta pavloviana às palavras “Roman Polanski”. A resposta tanto pode ser “Ele é um pedófilo” quanto “Ela é uma puta”.

Estamos em 2013, e ainda tenho de me conter sempre que vejo o nome dele.

Não há final à vista para a controvérsia que cerca Roman Polanski. Em parte, é porque a tintura do tempo não limpa magicamente a mancha do estupro. Mas também é porque não há fim para a controvérsia sobre o ato em si – o que é, quando acontece, quem define. A mais íntima das trocas humanas – sexo, e suas derivações grotescas como o estupro – será analisada e debatida para sempre. E afiliações políticas não necessariamente preveem opiniões sobre o assunto. No programa de TV *The View*, a

muito liberal Whoopi Goldberg notoriamente argumentou que o que aconteceu comigo podia não ser “estupro-estupro”. Não fiquei ofendida, mas tive que dar uma gargalhada. Ah, meu Deus, Whoopi, sua audiência não vai ficar satisfeita por você ter dito isso! E não ficou. Mas até mesmo conservadores ficaram ofendidos quando partidários republicanos começaram a usar termos como “estupro legítimo” e “estupro honesto” durante a campanha de 2012. Como se vê, estupro não é uma questão que se presta à análise ideológica fácil e previsível.

Não posso deixar de pensar, também, nas normas sexuais das décadas de 1960 e 1970 em relação às de hoje. O artigo da *New Yorker* sobre o escândalo de abuso sexual na Horace Mann School, discutido anteriormente, cita Gary Alan Fine, um pós-graduado de 1968 e sociólogo na Universidade Northwestern. “Era final da década de 1960, e o que agora consideramos estupro ou assédio sexual não significavam a mesma coisa naquela época de despertar sexual”, Fine disse. “Se você é uma pessoa poderosa e faz coisas às quais as outras respondem por causa de seu poder, você pode se convencer de que elas realmente o amam e que isso é entre dois iguais.” Amor não era uma questão em meu caso, mas o ponto dele é bem colocado. Os poderosos estão acostumados a serem queridos. Tomam isso como seu direito.

Em 2009, depois do lançamento de *Procurado e Desejado*, Polanski me escreveu este bilhete:

Querida Samantha,

Assisti ao documentário de Marina Zenovich pela segunda vez e achei que devia escrever este bilhete para você.

Quero que saiba o quanto sinto por ter afetado tanto sua vida. Vendo você no filme, fiquei impressionado com sua integridade e inteligência. E, você está certa, deviam dar um tempo para sua mãe! A culpa foi minha, não de sua mãe. Espero que a pressão da mídia tenha diminuído e que sua família lhe traga muitas alegrias.

*Com meus cumprimentos,
Roman Polanski*

Este bilhete foi escrito quando Polanski tinha os próprios filhos. Talvez, ser pai de um adolescente tenha colocado os acontecimentos do filme em perspectiva para ele. Não mudou nada para mim, mas pude ver o efeito que teve em minha família, em especial em minha mãe. Significou muito para eles, e foi um alívio vê-los deixar de lado um pouco daquela dor e raiva.

De muitas formas, tenho sido uma mulher de sorte. Por um lado, nunca me ensinaram que sexo era uma coisa má – era algo natural que você devia olhar de frente algum dia. Se foi porque cresci em uma época permissiva, se foi a atitude de meus pais ou apenas minha natureza – nunca me senti suja ou profundamente envergonhada porque alguém fez sexo comigo contra minha vontade. Posso ter me sentido meio estúpida, mas nunca achei que havia algo fundamentalmente errado comigo. Isso não é pouca coisa; para uma vítima de estupro, pode ser uma questão de vida ou morte.

Recentemente estava lendo sobre Elizabeth Smart, a menina que aos 14 anos foi raptada de sua casa em Salt Lake City, mantida cativa nas montanhas e abusada por nove meses. Quando falou em um painel na Universidade Johns Hopkins, ela explicou que um dos fatores-chaves para que não tentasse escapar de seu atacante era que havia sido ensinada, através de uma educação sexual baseada exclusivamente em abstinência, que seria inútil depois de estuprada – que não estava em condições de retornar à sociedade.

– Eu me lembro de uma vez, na escola, que tinha uma professora que estava falando sobre abstinência – Smart disse no painel. – E ela falou “Imagine que você tem um chiclete. Quando começa a fazer sexo, é como se estivesse mastigando o chiclete. Se faz isso muitas vezes, começa a se tornar um pedaço de chiclete velho, e quem vai querer você depois disso?”. Bem, isso é terrível. Ninguém deveria dizer isso. Mas, em meu caso, eu pensei: “Sou aquele pedaço de chiclete mascado”. Ninguém quer um pedaço de chiclete mascado. Você o joga fora. E é fácil assim sentir que você não vale mais a pena. Que sua vida não tem mais valor.

Concordo com Smart. Como sociedade, estamos constantemente dando dicas às jovens sobre como permanecer em segurança: não

saia tarde da noite, vista-se de maneira discreta, não saia sozinha, não beba e não faça sexo antes do casamento. Embora eu certamente entenda por que falamos essas coisas para as mulheres, e até mesmo pense que podemos fazer certas escolhas de bom senso que nos impeçam de ter experiências sexuais das quais vamos nos arrepender, não podemos mandar a mensagem que, quando algo tão grotesco quanto um estupro acontece, *você mereceu.*

O efeito duradouro de minha experiência com Polanski não foi trauma, seja psíquico ou físico. Tem sido um desejo de manter e nutrir uma conexão real – com amigos, família, marido, até mesmo com os “ex”. (Sou amigável com todos com quem já me envolvi, acho – são todos como personagens no livro da vida de uma pessoa, e você não quer colocar o livro de lado sem saber o que acontece no fim!) E talvez minha experiência também tenha criado em mim uma empatia e, algumas vezes, até mesmo o desejo de estender a mão para mulheres que são vítimas em casos criminosos de muita publicidade. Dói em mim pensar no que elas estão passando, *além* da própria experiência do crime. Lembro-me, por exemplo, de ouvir dizer que a jovem mulher que acusou Kobe Bryant recebeu ameaças de morte. Ela era a má por contar à polícia o que acontecera?

Neste ano, me senti compelida a escrever para a menina de 16 anos estuprada por dois jogadores de futebol da escola em Steubenville, Ohio. (Não sei quem ela é, é claro; mandei a carta por meio de Mike Dewine, promotor geral de Ohio.)

26 de março de 2013

Querida “Anônima”,

Meu nome é Samantha Geimer e, em 1977, eu também fui anônima. A maciça cobertura da mídia cercando você me tocou, e quis me aproximar, entendendo como é ser o centro de um caso famoso de estupro, sendo tão jovem.

Fui estuprada por Roman Polanski, apenas duas semanas antes do meu 14º aniversário, e terminei no centro de um caso muito famoso, que me segue até os dias de hoje, dada a natureza da fama de Polanski.

Só queria dizer que as coisas vão melhorar e que você ficará bem. Talvez não neste momento, talvez não todo o tempo ou de uma vez, mas você passará por isso e ficará mais forte. Lembro-me de como fiquei zangada ao ver e ouvir todas as mentiras contadas a meu respeito, todas as mentiras sobre o que acontecera e até mesmo mentiras sobre Roman. É difícil acreditar que tanto do que se vê e ouve na mídia pode ser falso, mas é assim. Eu me perguntava por que pessoas que não tinham nada a ver com o assunto tinham opiniões e sentimentos tão fortes em relação ao ocorrido. Eu me senti usada pela mídia, por pessoas que fizeram a vida a partir de meu infortúnio.

Pode ser confuso, você sabe que não é sua culpa, entretanto você pode ainda assim culpar a si mesma por se colocar no lugar errado, na hora errada. Você sabe que aqueles garotos mereceram a punição que receberam, mas de algum modo ainda se sente mal por saber que estão na cadeia. Tenho tentado encontrar um equilíbrio. Saber que a culpa não é minha, é só de meu estuprador, de certo modo faz com que me sinta impotente. Então também posso olhar para trás e perceber que, embora tenha tomado algumas decisões pouco sábias naquele dia, eu não deveria me sentir culpada ou responsável. Eu me sinto menos vítima desse jeito. Esta sou eu, no entanto; você vai encontrar um jeito de encaixar todo esse horror em sua vida e seguir em frente.

No fim, você não é uma vítima, é uma sobrevivente. Você é uma de muitas e está em muito boa companhia. Vergonha e embaraço impedem que as pessoas falem sobre essas coisas; deixam esse tipo de abuso escondido nas sombras. Você devia saber que sua história jogou luz em alguma coisa que as pessoas precisavam ver e sobre o que precisavam conversar. Alguém aprendeu alguma coisa e não vitimou outro alguém por causa da publicidade que você tem sofrido. E, por causa de tudo que sua família tem passado, certamente alguma coisa boa virá para alguém, em algum lugar, quando outra pessoa talvez hesitar e não machucar alguém.

Principalmente, só quero que saiba que não está sozinha. Enquanto isso desaparece até se tornar uma lembrança muito, muito distante, você não está sozinha. Nós, sobreviventes, somos muitos, e somos fortes. E, o mais importante, estamos por perto e a compreendemos.

Espero que o futuro lhe traga muitas coisas maravilhosas; você não tem de deixar que isso a puxe para baixo. Vai melhorar, e você ficará bem.

*Sinceramente,
Samantha Geimer*

[20](#) *Women Overseas for Equality*, no original em inglês. A sigla, WOE, forma uma palavra que pode significar angústia, mágoa, aflição. (N. da T.)

CAPÍTULO 16

Este livro quase não existiu. Nunca tive vontade de contar minha história inteira; só queria que a história sumisse. Não que não tivesse pensado nisso. Recebi consultas e ofertas regularmente desde 1977. E houve momentos em que fiquei tentada. Teria sido bom ter o dinheiro, e teria sido bom ter um púlpito para fazer os registros corretos. A controvérsia que veio em ondas ao longo dos mais de trinta anos desta história causou grande dor e ansiedade em mim e, pior, em minha família. Chamar mais atenção sobre nós escrevendo um livro sobre o assunto teria sido muito doloroso para mim e muito abusivo para aqueles que amo.

Mas então veio o documentário de Marina, *Procurado e Desejado*. O jeito como ela colocou tudo de modo tão simples e perfeito nos deu a chance de compreender. Finalmente pudemos dizer: "É isso, é isso o que realmente aconteceu". E depois da prisão de Polanski e do pesadelo que se seguiu, meus filhos começaram a ver as coisas de outro jeito. Quando eram garotos, devem ter ficado embaraçados com a atenção; agora, como homens, estavam zangados. Eles basicamente se juntaram ao resto da família dizendo: "Ok, vamos atrás deles". Eu estava pronta também.

Toda vez que procurava um artigo, uma notícia ou uma reportagem sobre Samantha Geimer, eu encontrava uma pessoa diferente. Havia "Samantha, a vadia", que usara seu charme para atrair o pobre Roman Polanski até sua teia de perversões. Havia "Samantha, a abusada", cuja ambição materna avançou até oferecer a filha núbil para o poderoso diretor. Havia "Samantha, a vítima", que se odiava e que desculpou a si mesma e não conseguia ver nada errado com seu agressor. E ali estava

“Samantha, a vítima fraca”. Nunca encabecei a história; estava sempre reagindo aos retratos de uma dessas Samanthas.







A maior parte do que minha família, o querido, brilhante e essencial Larry e eu trabalhamos dentro e fora da corte, todos esses anos, foi voltada para garantir privacidade. Infelizmente, todas essas falsas Samanthas ainda vazavam. Eu estava pronta para aparecer. Aparecer como eu mesma.

A disciplina de reviver todos esses anos – algumas vezes frustrante, algumas vezes triste – trouxe novas perspectivas, novos entendimentos, particularmente em relação a uma compreensão maior do próprio Roman Polanski. Por mais diferentes que nossas vidas tenham sido, compartilhamos da sensação de fadiga da batalha quando se trata do sistema judicial e da mídia. Ambos fomos punidos. Ambos queremos ir em frente.

Ambos podemos ser considerados vítimas. Não posso falar por Roman; quanto a mim... Não, obrigada. A palavra *vítima* vem do latim e significa a pessoa ou animal sacrificado com algum propósito religioso. Ao longo do tempo, passou a significar a

pessoa que sofre um acidente ou incidente que a deixa machucada e comprometida de alguma maneira. Imagino que deva ser terrível ser vítima. Digo isso por uma razão. Faz-me lembrar de um dos princípios básicos de minha vida – um que desejo compartilhar com todos aqueles que me chamaram de “vítima fraca”. Se atravessar a vida carregando ódio no coração, você na verdade só vai se machucar. Eu não o perdoei por ele, fiz isso por mim. Perdão não é sinal de fraqueza. É sinal de força.



POSFÁCIO

Por Lawrence Silver

Trinta e seis anos

Ser advogado de Samantha Geimer tem sido um desafio interessante e gratificante. Quando comecei a representá-la, ela estava com 13 anos, e minha missão era clara e simples: manter sua identidade como vítima de estupro o mais confidencial possível. Os pais de Samantha acreditavam que o anonimato era essencial para sua saúde mental, e que ela deveria poder levar uma vida o menos afetada possível pelos atos criminosos de Polanski. O objetivo teria sido realista se o caso tivesse terminado em 1978. Mesmo com a celebridade de Polanski, o intenso interesse em Samantha provavelmente teria desaparecido completamente. Mas o objetivo nunca foi verdadeiramente alcançado uma vez que Polanski, de modo compreensível, fugiu do país depois que o juiz Rittenband cedeu à pressão da mídia e renegou o acordo de sentença. Aquele voo deu asas (por assim dizer) ao caso. Levou a trinta e seis anos de foco em Samantha e a trinta e seis anos de tentativas minhas de protegê-la. No princípio, a família de Samantha não estava interessada em colocar Polanski em nenhum litígio civil legal porque, entre outros motivos, aquilo significaria revelar a identidade dela. Nenhuma quantidade de dinheiro de Polanski valeria aquele preço.

Mas as coisas mudaram. Polanski publicou um livro de memórias no qual não apenas defendia seu comportamento ilegal como procurava lucrar com isso. Além disso, Samantha cresceu e,

embora ainda quisesse evitar atenção, estava mais forte. Esses fatores contribuíram para a decisão de processá-lo. Ainda que houvesse o risco de exposição, podíamos levar a questão a um juiz privado e mover a ação usando um nome anônimo, Jane Doe.

Meu papel neste livro foi bem limitado. Esta é a história de Samantha, mas, desde logo depois do estupro até agora, tenho estado a seu lado nesta jornada. Eu lhe forneci as informações sobre os acontecimentos judiciais e ajudei a refrescar sua memória, especialmente sobre os primeiros anos. Lembre-se, a recordação de Samantha sobre aqueles acontecimentos, acontecimentos estes ainda perturbadores de se contemplar, era a recordação de uma criança de 13 ou 14 anos.

Dois itens relativos ao litígio não foram discutidos no livro de Samantha e são, penso eu, particularmente interessantes para aqueles que acompanharam o caso.

Primeiro, as fotografias tiradas por Polanski no dia do crime; segundo, a recente alteração na constituição da Califórnia que proporciona certos direitos à vítima de atividade criminosa.

Fotografias

Depois que a mãe de Samantha fez o boletim de ocorrência, a polícia conseguiu um mandado de busca para Polanski e seu quarto no Beverly Wilshire Hotel. Aparentemente, depois que tirou algumas fotos de Samantha nas casas de Jacqueline Bisset e de Jack Nicholson, Polanski tirou o filme usado da câmera e colocou um novo, para tirar mais fotos. A polícia confiscou a câmera com o filme inacabado dentro. O filme na câmera foi revelado e impresso pelo departamento de polícia. É quase cômico pensar agora, mas o orçamento do departamento de polícia não permitia a revelação colorida, mais cara. Então, você verá que as fotos neste livro nas páginas 60 a 62 são bem terríveis, em preto e branco. Os negativos têm um considerável sombreamento, o que dá riqueza às cores. Em preto e branco, as imagens parecem apenas sombrias. A polícia nunca recuperou o primeiro rolo de filme.

No litígio civil, exigi todas as fotografias de Samantha. Polanski devolveu as revelações daquele primeiro rolo, que não fora visto. Mas eu acreditava que havia mais coisa. O que aconteceu foi o seguinte: ao executar o mandado de busca, a polícia não percebeu a importância de um recibo/comprovante de solicitação do departamento de fotografia da Sav-On Drugs. Anos mais tarde, me contaram que Polanski deu o recibo ao seu advogado, e ele retirou o rolo revelado e os negativos da drogaria. Durante o processo civil, o advogado dele devolveu aquelas fotos para mim. Aquelas fotografias, importantes tanto do ponto de vista jurídico quanto histórico, provavelmente nunca teriam sido descobertas se não fosse o processo civil.

Carta de Direito das Vítimas

Em 2008, os eleitores da Califórnia aprovaram a Lei de Marsy, que emendou a constituição da Califórnia para acrescentar uma cláusula conhecida como Carta de Direito das Vítimas. Como descrito no site da Procuradoria Geral da Califórnia:

A Lei de Marsy dá à vítima de crimes na Califórnia certos direitos, incluindo:

- 1 – Ser tratada com justiça e respeito por sua privacidade e dignidade; ser livre de intimidação, assédio ou abuso durante todo o processo na justiça criminal ou juvenil.*
- 2 – Ser razoavelmente protegida do réu e de pessoas agindo em benefício do réu.*
- 3 – Ter a segurança da vítima e da família da vítima levada em consideração na definição do montante da fiança e nas condições de liberação do réu.*
- 4 – Impedir a divulgação de informações confidenciais ou gravações para o réu, os advogados do réu ou qualquer outra pessoa agindo em benefício do réu, que possam ser usadas para localizar ou intimidar a vítima ou a família da vítima, ou divulgar comunicações confidenciais feitas durante tratamento*

ou aconselhamento médico ou que sejam de algum outro modo privilegiadas ou confidenciais por lei.

- 5 – Recusar-se a dar entrevista, depoimento ou solicitação de localização para o réu, o advogado do réu ou qualquer outra pessoa agindo em benefício do réu, e estabelecer condições razoáveis na condução de qualquer entrevista consentida pela vítima.*
- 6 – Ser razoavelmente avisada, e poder conferir razoavelmente com a agência de acusação, a respeito de pedidos que digam respeito à prisão do réu, se conhecidos pelo promotor, a respeito das acusações apresentadas, de determinações sobre a extradição do réu e a respeito de pedidos, ser notificada e informada antes de qualquer disposição pética sobre o caso.*
- 7 – Ser razoavelmente avisada sobre todos os procedimentos públicos, incluindo os de inadimplência, sobre pedidos nos quais o réu e o promotor têm o direito de estar presentes, sobre toda liberdade condicional ou outros procedimentos de soltura pós-condenação, e de estar presente em tais procedimentos.*
- 8 – Ser ouvida, a pedido, em qualquer procedimento, incluindo qualquer procedimento de inadimplência, envolvendo decisões de soltura pós-prisão, acordos, condenações, decisões de soltura pós-condenação ou qualquer procedimento no qual o direito da vítima esteja em questão.*
- 9 – Ter um julgamento rápido, com uma conclusão final e imediata do caso, e a qualquer procedimento pós-julgamento a ele relacionado.*

Esses direitos teriam feito uma enorme diferença na vida de Samantha e na minha. Eles *estavam* em vigor quando Polanski foi preso na Suíça, em 2009 – mas só ter aqueles direitos não era o bastante. Steve Cooley, o promotor distrital de Los Angeles na época da prisão, estava se preparando para concorrer ao cargo de Procurador-Geral do Estado da Califórnia (venceu as primárias republicanas, mas foi derrotado por pouco na eleição geral). Ele liderou a campanha para ter Polanski extraditado. Anunciou que

seu escritório não acataria determinadas disposições da Carta de Direito das Vítimas. Além disso, os tribunais, desconfortáveis com as mudanças significativas feitas pela Carta de Direito das Vítimas, pareciam, no mínimo, relutantes em aplicá-la e até mesmo inseguros em como agir nesses casos. Este foi o primeiro grande acontecimento jurídico no qual a vítima estava reafirmando seus direitos. Samantha estava expressando o ponto de vista de que assim não dava para continuar. Ela procurava, juntamente com o réu, a dispensa da ação.

Penso que é crucial para a administração da justiça dar direito às vítimas, mas não é suficiente garantir esses direitos; esses direitos devem ser executados. É importante que os tribunais da Califórnia reconheçam esses novos, robustos direitos, e que façam cumprir a constituição, seguindo o juramento do próprio tribunal.

Samantha Geimer está inteira, agora. Mas foi um dia triste para justiça norte-americana quando Roman Pomanski se sentiu compelido a fugir por causa de uma prevaricação judicial clara. E houve uma série de dias tristes para Samantha, porque o sistema judicial não havia abraçado total, completa e vigorosamente nem garantido os direitos das vítimas.

AGRADECIMENTOS

A jornada de partilhar uma história que nunca imaginei que quisesse contar foi bem longa. E só foi possível com a ajuda de estranhos que se tornaram amigos, de amigos que se tornaram família e da família que está em meu coração. Preciso agradecer as seguintes contribuições:

Lawrence Silver é muito mais do que meu advogado; tem sido meu protetor, meu colaborador e meu amigo há trinta e seis anos. Tem estado a meu lado a cada passo do caminho. Dependi de sua memória para contar minha história que, de muitas formas, é a história dele também. Estamos ambos em profunda dívida com sua assistente, Wendy Lovgren, que tem sido de valor inestimável para nós e para Mark Field, da Silver & Field.

Judith Newman, nossa coautora, me entendeu totalmente. Ela trabalhou muito duro para colocar em palavras os pensamentos e sentimentos que estiveram espalhados por tantos anos. Ela transformou em prazer o que poderia ser um processo difícil.

Peter Borland é meu sonho do que um editor deve ser. Sempre apoiou o que minha história significava para mim, e acreditou em tê-la contada do jeito que eu queria contá-la. Seus esforços nos permitiram fazer isso direito. Um agradecimento especial para a incrível equipe do [selo editorial] Atria, particularmente Daniel Loedel, Felice Javit, Paul Olsewski, Diana Franco, Hillary Tisman, Isolde Sauer, Jeanne Lee, Jim Thiel, Dana Sloan, Lisa Keim e Kimberly Goldstein – todos liderados por minha editora, Judith Curr, que tem sido uma verdadeira defensora deste livro desde o primeiro dia.

Christy Fletcher, Melissa Chinchillo, Mink Choi, Sylvie Greenberg, Rachel Crawford, a equipe da Fletcher & Company. E o agradecimento mais especial para minha agente, Rebecca

Gradinger. Rebecca me deu ótimas orientações; foi fundamental para que o livro fosse concretizado, trabalhando duro lado a lado com todo mundo no Atria e comigo. Além disso, agradeço a Kat Likkel, que foi gentil o bastante para me mandar para Rebecca, e a Craig Wolff, que me ajudou a começar.

O promotor distrital assistente aposentado, Roger Gunson. Nem sempre estávamos exatamente do mesmo lado, mas nunca duvidamos de sua integridade e bondade. Ele realmente permaneceu acima dos demais e estava lá quando precisamos dele.

Marina Zenovich que, no filme *Roman Polanski: Procurado e Desejado*, contou uma história sensacional com incrível clareza e esplendor. Seu filme deu para minha mãe certa dose de paz e encerramento, e por isso minha gratidão é profunda e sem fim.

Todos os meus amigos, que me protegeram com sua lealdade e me sustentaram com seu calor. Dawn McMillan, cuja dedicação e apoio têm me mostrado o que a amizade realmente significa. Duncan Scrymgeour, cujo coração incrivelmente gentil é comparável apenas a seu intelecto e sagacidade. Michele Burke, minha amiga de infância: passamos por aqueles anos difíceis juntas, e não sei o que teria feito sem ela. Meus amigos de York, que não percebiam na época quanto eu precisava deles. Meus amigos da Hughes Jr. High que me acolheram, me aceitaram e me ajudaram a fingir que tudo estava normal quando meu mundo estava desmoronando. E em especial para aqueles poucos que sempre estavam lá para me ouvir com apoio e paciência para que eu pudesse colocar tudo para fora: Mark Atkins, Dudley Wilson, James Jennings, Patricia Budde e Deborah Wolf.

Minha mãe, Susan Gailey, que me mostrou como atravessar tempos difíceis com a cabeça erguida. Minha irmã Kim, e Nana, que me ensinou o significado de família. Robert Nesbitt, nosso herói. Meu pai, John R. Gailey Jr., que me deu o refúgio de uma infância maravilhosa.

E, principalmente, meu marido há vinte e cinco anos e melhor amigo, David, que tem estado a meu lado através de tantas coisas, e meus filhos incríveis, Jes, Alexander e Matthew. Não conseguiria

ter feito isso sem o encorajamento deles. Não teria feito isso sem o apoio deles. E não estaria aqui sem o amor deles.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[PREFÁCIO](#)

[PARTE UM](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[PARTE DOIS](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[PARTE TRÊS](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[POSFÁCIO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)